

Como aplicar na prática as competências socioemocionais

Entenda como as competências que guiam os aprendizados da Educação Básica se desdobram no dia a dia da escola

POR: Laís Semis | 11 de Maio | 2018



Trabalhar as competências socioemocionais ajuda a construir a confiança, aceitação e empatia nas crianças. Foto: Getty Images

Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/11736/para-entender-as-competencias-gerais-da-base-e-as-socioemocionais>

Por que você precisa da convivência democrática na sua escola

Pesquisa com mais de 8 mil alunos mostra que esse é um valor pouco vivenciado nas escolas e que merece mais atenção

POR: Adriano Moro | 07 de Outubro | 2019



Foto: Getty Images

Howard Gardner: "Nunca encontrei nada importante que só possa ser ensinado de uma única maneira"

Autor da teoria das inteligências múltiplas defende individualização e pluralização da aprendizagem

POR: Vinicius de Oliveira, do Porvir | 18 de Setembro | 2018



Foto: Getty Images

Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/12566/howard-gardner-nunca-encontrei-nada-importante-que-so-possa-ser-ensinado-de-uma-unica-maneira>

7 ações para superar as barreiras da tecnologia na sala de aula

Há mitos sobre o uso da tecnologia que se tornam barreiras para fazê-la uma aliada do processo educativo. Veja como romper com as barreiras

POR: Débora Garofalo | 16 de Abril | 2019



Crédito: Getty Images

Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/16974/7-acoes-para-superar-as-barreiras-da-tecnologia-na-sala-de-aula>

A Finlândia e a Base Nacional Comum Curricular servem para nada, diz José Pacheco

Para o educador, as reformas precisam acabar o quanto antes e a Educação precisa se voltar para as relações humanas e a tecnologia digital

POR: Paulo Sérgio de Almeida | 12 de Setembro | 2019



Foto: Divulgação Brasileira / Freepress

Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/13295/a-finlandia-e-a-base-nacional-comum-curricular-servem-para-nada-diz-jose-pacheco>

Como preparar os alunos para a fluência digital

Saiba o que é fluência digital, como ela afeta a sala de aula e como ela pode colaborar para a formação de cidadãos críticos

POR: Vinicius de Oliveira, do Porvir | 12 de Fevereiro | 2019



Crédito: Getty Images

Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/12304/como-preparar-os-alunos-para-a-fluencia-digital>

AS COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA: A REVISTA NOVA ESCOLA EM PAUTA

Como usar as ferramentas digitais a favor das competências socioemocionais

Essenciais ao mundo contemporâneo, as competências socioemocionais são transversais ao currículo escolar

POR: Débora Garofalo | 27 de Novembro | 2018



Crédito: Getty Images

Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/13829/como-usar-as-ferramentas-digitais-a-favor-das-competencias-socioemocionais>

Não precisamos escolher entre competências cognitivas e socioemocionais

Para a pesquisadora Rocio Garcia-Carrión, comunidades de aprendizagem e como vencer a resistência de alguns professores

POR: Soraia Yoshida | 12 de Julho | 2019



A pesquisadora Rocio Garcia-Carrión defende o uso de evidências para a formação inicial dos professores. Foto: Ricardo Teixeira

Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/12012/nao-precisamos-escolher-entre-competencias-cognitivas-e-socioemocionais>

O futuro pede habilidades socioemocionais

Autoconhecimento, regulação emocional, resiliência, empatia e julgamento para tomar decisões responsáveis podem ser aprendidas na escola e são importantes aliadas para as competências socioemocionais

POR: Vinicius de Oliveira, do Porvir | 9 de Janeiro | 2019



Foto: Getty Images

Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/15449/o-futuro-pede-habilidades-socioemocionais>

5 motivos para inserir programação e robótica no currículo escolar

Elas ajudam no desenvolvimento de habilidades para resolução de problemas reais e das competências socioemocionais

POR: Vinicius de Oliveira, do Porvir | 28 de Setembro | 2018



Crédito: Acervo pessoal Débora Garofalo

Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/175635-5-motivos-para-inserir-programacao-e-robotica-no-curriculo-escolar>

Quais são os caminhos para ensinar no mundo digital?

Com o avanço da tecnologia, o mundo está mudando rápido. Mas a escola ainda está longe do ideal

POR: Débora Garofalo | 15 de Janeiro | 2019



Crédito: Getty Images

Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/15057/quais-sao-os-caminhos-para-ensinar-no-mundo-digital>

Tecnologia: 5 dicas para inserir ferramentas digitais em suas aulas

A professora Débora Garofalo, finalista do Global Teacher Prize, compartilha suas dicas

POR: Débora Garofalo | 23 de Abril | 2019



Crédito: Unisinos

Unisinos - Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/17029/tecnologia-5-dicas-para-inserir-ferramentas-digitais-em-suas-aulas>

A vítima do bullying é o professor. E agora?

O debate e a prevenção do problema costuma ser centrado nos alunos, mas 12,5% dos docentes brasileiros afirmam ser vítimas de agressões verbais ou intimidações

POR: Ana Carolina C D'Agostini | 28 de Agosto | 2019



Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/18258/a-vitima-do-bullying-e-o-professor-e-agora>

16 hábitos para aprender e desenvolver ao longo da vida escolar

Pesquisadora neozelandesa Karen Boyes discute hábitos e pensamentos que melhoram a nossa relação interpessoal e que podem ser trabalhados na escola

POR: Vinicius de Oliveira, do Porvir | 10 de Junho | 2019



Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/17683/16-habitos-para-aprender-e-desenvolver-ao-longo-da-vida-escolar>

BNCC, Constituição e Ética são destaque na Agenda NOVA ESCOLA

Uma program de 1988, E



stituição de 2018

Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/12655/>

Arte da capa: montagem a partir de capas da Revista Nova Escola

Autora: Iara Tamyres dos Santos Costa

Email: iara.tamyres23@gmail.com

Teresina - Piauí, 2021.



**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
NÍVEL MESTRADO**

EMANUELA GALVÃO PÁSCOA

**AS COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA:
A Revista Nova Escola em Pauta**

São Leopoldo

2021

EMANUELA GALVÃO PÁSCOA

**AS COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA:
A Revista Nova Escola em Pauta**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Linha de Pesquisa: Formação de Professores, Currículo e Práticas Pedagógicas

Orientadora: Profa. Dra. Eli Terezinha Henn Fabris

Co-orientadora: Profa. Dra. Samantha Dias de Lima

São Leopoldo

2021

P281c Páscoa, Emanuela Galvão.
As competências socioemocionais na educação básica : a Revista Nova Escola em pauta / por Emanuela Galvão Páscoa. – 2021.
140 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, São Leopoldo, RS, 2021.
Orientadora: Dra. Eli Terezinha Henn Fabris
Co-orientadora: Dra. Samantha Dias de Lima.

1. Competências socioemocionais. 2. Emoções.
3. Docência. 4. Formação integral. 5. Aprendizagem.
6. Educação Básica. I. Título.

CDU: 37.015

Catálogo na Publicação (CIP):
Bibliotecário Alessandro Dietrich - CRB 10/2338

EMANUELA GALVÃO PÁSCOA

**AS COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA:
A Revista Nova Escola em Pauta**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Aprovado em () () ()

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Morgana Domênica Hattge - Univates

Prof. Dr. Roberto Rafael Dias da Silva - Unisinos

Profa. Dra. Eli Terezinha Henn Fabris – Orientadora

Profa. Dra. Samantha Dias de Lima - Co-orientadora

A meu pai (*in memoriam*)

Por todo amor.

AGRADECIMENTOS

Não sei
se a vida é curta
ou longa demais para nós.
mas sei que nada do que vivemos
tem sentido,
se não tocarmos o coração das pessoas.
(Autor desconhecido, s/d)

Minha trajetória é marcada pela simplicidade, pela alegria e pela força necessárias para desbravar o mundo e viver intensamente. A vida incerta move-me a cada dia para buscar o sentir, no fazer cotidiano. O percurso no Mestrado me faz perceber que todo caminho se constrói no coletivo, mesmo nos momentos solitários que a pesquisa, por vezes, nos impõe. A coragem de aprender e de ter com quem contar na caminhada fez o meu mover-pesquisadora tocar o coração de muita gente.

Nesse sentido, primeiramente, agradeço a Deus, pelo seu amor incondicional por mim. Agradeço pelas “linhas tortas” que me conduziram ao Mestrado, que, guiadas por Sua “escrita certa”, me abençoaram e registraram em minha passagem terrena essa oportunidade de aprender.

Através da poesia de Cora Coralina, trecho a trecho, continuo os agradecimentos aos tantos afetos que me fazem viver e saber o sentido da vida:

*Muitas vezes basta ser:
colo que acolhe,*

Gratidão aos meus pais, Domingos Páscoa (*in memoriam*) e Maria Dalila Galvão Páscoa, pelo exemplo de caráter, amor, resiliência e de crença na transformação social, valores que têm na educação um dos pilares transformadores. Em especial, agradeço à minha mãe pela paciência e amorosidade em todos os momentos, assim como pelo silêncio respeitoso, pelo tempo contínuo e incansável do cuidar, com alimentos para o corpo e o espírito que só o amor de mãe pode oferecer.

palavra que conforta,

A meu amigo, Francisco Marcôncio Moura, agradeço pela referência de docência, bem como pelos incentivos incessantes que me trouxeram de volta à

academia. Agradeço por sua generosidade, especialmente nas inúmeras vezes em que foi preciso seu olhar atento na leitura deste trabalho, e também por sua disponibilidade em ajudar nas minhas inquietações, dúvidas e desafios.

silêncio que respeita,

À Caroline Treigher, exemplo de ser humano que, verdadeiramente, com seu espírito altruísta, me acolheu com sua sabedoria e profissionalismo, me conduz a entender que “tudo vale a pena quando a alma não é pequena”, como disse Fernando Pessoa. Obrigado por me fazer despertar e acreditar mais em meu potencial como ser humano, profissional, pesquisadora, mulher...

alegria que contagia,

Aos padres Pedro Vicente Zorzo e Valdevino, e aos irmãos da comunidade Jesuíta-Piauí, agradeço pelo acolhimento e receptividade durante o período em que tive aulas presenciais em Teresina. Agradeço pela amorosidade e cuidado com a educação Jesuítica.

lágrima que corre,

A meu afilhado Luiz Eduardo, que tantas vezes me fez sorrir, tirando a tensão dos momentos árduos de leitura e escrita (da qualificação à dissertação), sempre dizendo, na sua forma infantil e verdadeira, que “*professor sabe muito e não mente*”, o que me encorajava a continuar e me fazia sentir cada vez mais responsável pela educação e pela pesquisa que estava construindo. Gratidão, Luiz, por sua visão tão linda e forte acerca dos significados de “ser professor e pesquisador”.

À minha sobrinha e meu primeiro amor de tia, Carolina Moita, agradeço pela sua atenção, escuta e ajuda nas dificuldades tecnológicas e de outras linguagens, que mesmo na distância geográfica que nos separa, sempre atenta, amorosa e incentivadora na minha caminhada.

olhar que sacia,

Aos professores do PPGEdu, obrigada pela docência firme, potente, comprometida, em especial, meus agradecimentos aos professores Betina, Eli, Isabel, Luciane, Maria Claudia, Rodrigo e Roberto.

Às egrégias, Débora, Dulce, Jozinalva, Lilian, Rutheene e Vilani, coletivo de mulheres professoras, pesquisadoras e amigas que tive a honra e o privilégio de

conhecer no grupo do mestrado do Colégio Diocesano no Piauí. Grata pelo acolhimento, pelas discussões, pelas conversas e por toda a solidariedade. Vocês são amizades que carrego com cuidado e zelo.

Aos meus irmãos Raquel e Domingos, amigos e familiares que vibraram com a minha aprovação no mestrado e se alegraram com mais essa conquista alcançada.

amor que promove.

À minha orientadora, Eli Henn Fabris e minha co-orientadora, Samantha Dias de Lima, agradeço pelo exemplo de docência com rigor, ética e paixão pela educação. Grata pelos muitos ensinamentos, pela acolhida fraterna, pelas orientações rigorosas e afetuosas. Obrigada por acreditarem no meu potencial e me fazerem olhar cada vez mais a pesquisa com curiosidade e rigor.

Aos professores Roberto Rafael Dias da Silva e Morgana Domênica Hattge, gratidão pelo aceite em compor a banca de qualificação e defesa, bem como pelas ricas contribuições em todo o processo.

Aos colegas do mestrado e ao grupo da prática de pesquisa, com os quais aprendi e compartilhei conhecimentos, vivências e recebi valiosas contribuições, agradeço pelo tempo de convivência, que permitiu estabelecer laços os quais levarei por toda a minha trajetória.

Minha gratidão a todos que de forma direta ou indireta acreditaram e contribuíram para a pesquisa.

E isso não é coisa de outro mundo:
é o que dá sentido à vida.

É o que faz com que ela
não seja nem curta,
nem longa demais,
mas que seja intensa,
verdadeira e pura...
enquanto durar.

(Autor desconhecido, s/d)

RESUMO

A dissertação analisa como as competências socioemocionais adentram a educação básica, no contemporâneo, por meio de uma analítica de reportagens da Revista Nova Escola. A pesquisa realizada foi de cunho qualitativo e se deu pautada nos Estudos Culturais a partir da hipercrítica, com o objetivo de problematizar e analisar as reportagens da Revista, no recorte temporal 2018/2019. Para desenvolver a presente pesquisa, tomou-se a seguinte pergunta investigativa: *Como a Revista Nova Escola aborda Competências Socioemocionais na Educação Básica na Contemporaneidade?* Baseamo-nos, para buscar respondê-la, nos estudos sobre docência contemporânea, competências, competências socioemocionais, aprendizagem e formação docente. Na análise de 16 reportagens da Revista Nova Escola, tomou-se tanto as narrativas como as imagens para a produção de sentidos sobre as competências socioemocionais que circulam nessas reportagens. Os documentos legais, como a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) e a Lei de Diretrizes e Bases (BRASIL, 1996), foram usados para contextualizar e potencializar as análises. Observou-se também a relação das competências socioemocionais com o que a Revista Nova Escola seleciona como verdades pedagógicas dessa época, em uma dualidade estrutural, que divide o currículo em conhecimentos que atendem às camadas sociais de acordo com o que cada uma delas representa para a sociedade e para a economia neoliberal. Encontrou-se como resultado que as competências socioemocionais são produtos fabricados pela lógica neoliberal por meio de ONG'S, institutos e grandes empresas, que prometem, ao adentrar às políticas públicas, auxiliar e/ou subsidiar a formação para que os professores se alinhem à perspectiva de trabalho com as competências socioemocionais e, conseqüentemente, à condução das condutas de profissionais da educação e de alunos da educação básica, levando-os a assumirem uma vida e uma educação com os preceitos neoliberais.

Palavras-chave: Competências Socioemocionais. Emoções. Docência. Formação integral. Aprendizagem. Educação Básica.

ABSTRACT

This dissertation analyzes how socio-emotional skills enter basic education, in the contemporary, through an analysis of reports from the Revista Nova Escola. The research carried out was of a qualitative nature and was based on Cultural Studies from the point of view of hypercritique, with the aim of problematizing and analyzing the Revista's reports, in the 2018/2019-time frame. To develop this research, the following investigative question was taken: How does the Revista Nova Escola address socio-emotional Skills in Basic Education in Contemporary? To seek to answer it, we base ourselves on studies on contemporary teaching, skills, socio-emotional skills, learning and teacher training. In the analysis of 16 reports from the Revista Nova Escola, both the narratives and the images were used to produce meanings about the socio-emotional skills that circulate in these reports. Legal documents, such as the Common National Curriculum Base (BRAZIL, 2017) and the Law of Guidelines and Bases (BRAZIL, 1996), were used to contextualize and enhance the analyses. It was also observed the relationship of socio-emotional skills with what Revista Nova Escola selects as pedagogical truths of that time, in a structural duality, which divides the curriculum into knowledge that serves the social strata according to what each one represents for the society and for the neoliberal economy. As a result, it was found that socio-emotional competences are products manufactured by neoliberal logic through NGOs, institutes and large companies, which promise, when entering public policies, to assist and/or subsidize training so that teachers align with the perspective of work with socio-emotional skills and, consequently, conduct the conduct of education professionals and students in basic education, leading them to assume a life and education with neoliberal precepts.

Keywords: Socioemotional Skills. Emotions. Teaching. Comprehensive training. Learning. Basic education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Repositórios de teses e dissertações.....	44
Figura 2 – Teses e dissertações encontradas 2019/2020.....	45
Figura 3 – Teses e dissertações selecionadas 2019/2020 para comporem o projeto de pesquisa.....	45

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Competências para o profissional, do ponto de vista empresarial	29
Quadro 2 – Conceitos de competência na Educação	30
Quadro 3 – Dissertações analisadas.....	46
Quadro 4 – Teses analisadas.....	48
Quadro 5 – Reportagens da Revista Nova Escola	57
Quadro 6– Reportagens analisadas da Revista Nova Escola ano 2018.....	61
Quadro 7 – Reportagens analisadas da Revista Nova Escola ano 2019.....	62
Quadro 8 - Quando a tecnologia digital produz o humano: engajamento, colaboração, controle, por meio de práticas participativas, colaborativas... “a chave do sucesso”!.....	70
QUADRO 9 - Tão importante quanto estruturar as habilidades socioemocionais nos alunos é também desenvolver essas habilidades nos professores. Educação 1.0 (giz e lousa) à indústria e educação 4.0, ensino personalizado.....	78
Quadro 10 - Criatividade, ética e hábitos para melhor aprendizagem.....	89
Quadro 11 - Competências gerais e socioemocionais	95
Quadro 12 - Práticas e escolhas para uma convivência democrática	100

LISTA DE SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
CASEL	<i>Collaborative for Academic, Social and Emotional for Learning</i>
DCN's	Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica
ENDIPE	Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino
IAS	Instituto Ayrton Senna
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
LIV	Laboratório Inteligência de Vida
MEC	Ministério da Educação
NBR	Normas Brasileiras de Regulação
OCDE	Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico
OMS	Organização Mundial da Saúde
PNE	Plano Nacional de Educação
PSE	Programa Saúde na Escola
SAE	Secretaria de Assuntos Estratégico
SciELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
SEAL	Aspectos sociais e emocionais da aprendizagem
SEL	<i>Social and Emotional Learning</i>
SENNA	<i>Social and Emotional or Non-cognitive Nationwide Assessment</i>
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 REVISTA “NOVA ESCOLA”, NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA:	
Competências Socioemocionais em Pauta.....	21
3 COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS E SUA INSERÇÃO NO CAMPO DA	
EDUCAÇÃO.....	28
4 COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA: O Que Dizem	
as Pesquisas.....	43
5 O PERCURSO TEÓRICO METODOLÓGICO DA PESQUISA: Das Escolhas	53
5.1 REVISTA NOVA ESCOLA, VIROU MANCHETE!.....	58
6 COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS: Modos	
de se Tornar Sujeitos do Século XXI	66
6.1 AS TECNOLOGIAS DIGITAIS DESENVOLVENDO AS COMPETÊNCIAS	
SOCIOEMOCIONAIS.....	68
6.2 TECNOLOGIAS DIGITAIS NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR: (IN)Formar	
Pessoas para Conhecimentos Variados	81
7 COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS E AS PRÁTICAS PARA A	
APRENDIZAGEM DO (A) ALUNO (A).	87

7.1 PERCURSO EDUCATIVO NA CONTEMPORANEIDADE: BNCC e as	
Competências Socioemocionais no Contexto da Aprendizagem.....	89
EDIÇÃO FINAL: Algumas Considerações	108
REFERÊNCIAS.....	114
ANEXO A – LETRA DA MÚSICA CORAÇÃO CIVIL	122
ANEXO B – REPORTAGENS SELECIONADAS DA REVISTA NOVA ESCOLA,	
PARA O MATERIAL EMPÍRICO	123
ANEXO C - MATERIAL EMPÍRICO DA PESQUISA	125

1 INTRODUÇÃO

Quero a utopia, quero tudo e mais
 Quero a felicidade nos olhos de um pai
 Quero a alegria muita gente feliz
 Quero que a justiça reine em meu país
 Quero a liberdade, quero o vinho e o pão
 Quero ser amizade, quero amor, prazer
 Quero nossa cidade sempre ensolarada
 Os meninos e o povo no poder, eu quero ver [...]

(Coração Civil – Milton Nascimento e Fernando Brantes, s/d).

Há começos, querereres, anseios, dúvidas e perspectivas no campo da pesquisa e no trabalho do pesquisador. Há algo que o mobiliza a conhecer mais sobre a temática pretendida. Início esta introdução com a epígrafe da canção *Coração civil*¹; a palavra *querer*, cuja letra da música, a meu ver, representa a vontade de realização, de conhecimento e de expressão do poder do povo. A forma escrita desta música imprime com firmeza o desejo de transformação e de participação popular, do povo no poder. As palavras utilizadas – como amor, felicidade, alegria, liberdade, justiça – reúnem um conjunto de substantivos que se referem, no meu ponto de vista, a competências necessárias para o aprendizado de habilidades que, ao longo da vida, são fortalecidas, trazendo a possibilidade de desenvolvimento do sujeito em sua totalidade, ou seja, na sua integralidade, ou ainda, expressam o efeito do que hoje as Competências Socioemocionais prometem desenvolver.

No percurso investigativo, por entender a relevância e atualidade da temática, outras possibilidades de conceber as competências socioemocionais foram e estão a se alargar, a oferecer o *empurrão*, do qual nos fala Veiga-Neto (2021), segundo o qual “todo bom professor está sempre à beira do abismo”. Estamos no abismo em busca do equilíbrio, a iniciar pelos desafios dos novos tempos, a realizar pesquisas em meio a tantos medos, receios, mortes, doenças físicas e mentais, desafios estes que também colocam sob suspeição a escola na contemporaneidade.

Ao contextualizar o tema que investiguei – as Competências Socioemocionais na escola na contemporaneidade – vejo que a temática tem ganhado destaque no campo da educação por sua inserção nas políticas públicas educacionais, referendadas por muitos organismos internacionais, e também por meio de

¹ A letra na íntegra da música *Coração civil* consta no Anexo A.

fundações e associações nacionais (Instituto Ayrton Senna, Fundação Lemman, dentre outras). Competências não cognitivas, como também são chamadas; estão colocadas como habilidades necessárias no século XXI, ao se relacionarem com o sucesso individual e coletivo. (SANTOS; PRIMI, 2014). É com base nesse entendimento que construí minha argumentação e problematizei a partir do referencial teórico escolhido.

De acordo com a Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico OCDE (2015), a pessoa que sabe lidar com suas emoções, gerenciando-as durante sua vida, poderá ter melhor rendimento e, conseqüentemente, sucesso escolar, e isso certamente influenciará o seu futuro, não só no âmbito acadêmico, mas nas suas relações interpessoais, o que aumenta seu potencial para ingressar e obter sucesso crescente no campo do trabalho.

Para entender as Competências Socioemocionais iniciei pela compreensão do conceito de competência, elegendo aquele utilizado na Base Nacional Comum Curricular BNCC (2017). Tal escolha se justificou pela atualidade do documento e sua função normativa na Educação Nacional.

Na BNCC (2017), *competência* é definida como a “[...] mobilização de conhecimento (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas cognitivas e socioemocionais, atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida)” (BRASIL, 2017, p. 2). Isso reforça a ideia de que as Competências Socioemocionais podem favorecer a constituição de uma aprendizagem mais consistente em conhecimentos, centrada nas relações interpessoais e intrapessoais, tendo a escola como formadora para o sucesso do trabalho com as mesmas (SANTOS; PRIMI, 2014). No entanto, há vários sentidos que são atribuídos a esse conceito, os quais abordo nesta dissertação, bem como as respectivas críticas feitas a ele, quando transposto do campo da Administração para o campo da Educação.

Em meu percurso, sempre estive interessada nas diferentes formas de ensinar e de aprender. Com isso, rememoro, aqui, de forma breve, minha trajetória, sobre como a profissão de professora foi se constituindo em minha vida. Trata-se de uma história que teve início com a oportunidade de vivenciar a educação não formal, em um trabalho na Secretaria de Desenvolvimento Social do Governo do Estado do Ceará, como Educadora Social, em comunidades carentes, com crianças e jovens em situação de vulnerabilidade, na cidade de Fortaleza-CE.

A escolha pela Pedagogia como área de formação no Ensino Superior foi decidida a partir do olhar para os diferentes contextos da educação formal e informal, as quais pude enxergar de perto, bem como as oportunidades, que não são iguais e que podem revelar como vai ser a vida de uma pessoa, pelo contexto de inclusão e exclusão a que os sujeitos estão submetidos.

Por ser a escola um lugar possível de mudanças e campo de atuação para o pedagogo, fui buscar na educação um espaço para transformar realidades distintas. Não me reporto ao sentido de que a escola pode transformar totalmente a sociedade, nem à ideia do salvacionismo através da educação; ela (a educação) é apenas um elo do que entendemos como força social e cultural, forças essas que podem, juntas, criar condições e possibilidades para a mudança cultural, pois a educação é um processo cultural. (SILVA, 2010).

Tenho atuado em diferentes espaços da educação, em escolas da Rede Municipal, da Rede Privada e em Empresas de Economia Mista. A função de coordenadora pedagógica, na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e na EJA (já exercida desde 2006), me possibilita, até os dias atuais, múltiplas vivências em salas de aula, formação continuada de professores, atendimentos individualizados a pais e alunos, reuniões, fóruns de discussão, dentre outras atividades que são desenvolvidas na escola.

As Competências Socioemocionais fizeram parte do processo de pesquisa para concorrer à seleção de ingresso no curso de mestrado na UNISINOS, porém a relação destas com questões voltadas à educação foram sendo modificadas e refinadas após o ingresso, com o apoio e discussões junto à minha orientadora, professora Dra. Eli Fabris, e à minha co-orientadora, professora Dra. Samantha Lima. Inicialmente, tentamos tematizar as Competências Socioemocionais e sua relação com a pastoral de uma escola jesuíta - o Projeto Laboratório de Inteligência de Vida (LIV) -, vivenciado em uma escola da Rede Jesuíta em Fortaleza, no qual, à época, eu fazia parte da equipe gestora, como coordenadora pedagógica, o que me aguçou a curiosidade. Outra possibilidade de pesquisa versava sobre as Competências Socioemocionais e formação dos professores no Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE). Nesta terceira possibilidade de campo empírico, não encontrei material suficiente para a composição da pesquisa. Desta forma, surgiu a possibilidade do trabalho com uma revista de educação. Então, escolhemos a Revista Nova Escola, por sua abrangência nas escolas e por ser essa

uma referência para professores brasileiros. É uma revista com grande apelo popular entre os professores e estudantes de licenciaturas.

Nesta pesquisa, fiz uma análise crítica de como as reportagens publicadas no recorte temporal de 2018 e 2019, em uma revista de grande circulação nacional, na área da educação, a Revista Nova Escola, caracteriza e fomenta, de forma privilegiada, o desenvolvimento das Competências Socioemocionais nas escolas de Educação Básica.

A escolha por trabalhar com revistas, e especificamente esta, se deu a partir da observação em reuniões de formação nas escolas em que eu atuei. Percebia como a Revista era evidenciada nas falas dos professores, inclusive como suporte para sustentar ou trazer fundamentação nas discussões com colegas professores e coordenadores. Essa prática de falar em assuntos voltados à educação, a partir das leituras de edições da Revista Nova Escola não acontecia somente nas formações; por vezes, encontrei professores utilizando-as para buscar atividades e para fundamentar seus planejamentos de aula.

As reportagens apresentam diferentes concepções de Competências Socioemocionais, mas também orientam como essas devem ser desenvolvidas em diferentes níveis de ensino. No entanto, é importante anunciar que uma pesquisa não é feita para celebrar ou demonizar o tema, mas para tecer sobre ele a crítica, geralmente no sentido de ir contra ou a favor. Por isso, minha escolha foi por outro conceito de crítica. No meu grupo de pesquisa, tenho me encontrado com o conceito de crítica radical que, de acordo com Veiga-Neto,

Trata-se de uma crítica não metafísica, de modo que, não contando com pressupostos universais, ela dá as costas às metanarrativas iluministas e à crítica tradicional. Autorreflexiva, ou seja, suspeitando até de si mesma, a hipercrítica é difícil e incômoda, mas sempre aberta e provisória; conseqüentemente, é uma crítica humilde, pois não arroga a si o estatuto de melhor, verdadeira, definitiva e mais correta. (VEIGA-NETO, 2012, p. 274).

Nessa perspectiva, as reflexões e ações tematizadas pela Revista Nova Escola sobre as Competências Socioemocionais, comportando todas as reportagens e a própria BNCC (2017), passaram pelo crivo da crítica radical, não como exercício de ser contra ou a favor, mas como um conjunto de argumentos que possibilitaram evidenciar os sentidos que as mesmas adquirem e como esses sentidos são apresentados nesta Revista. Além disso, também busquei entender como elas emergem nesse tempo com os sentidos que circulam na Nova Escola.

Este trabalho foi organizado em sete capítulos. No primeiro, realizo a apresentação da dissertação e o percurso que me levou à realização da pesquisa. Trago nele reflexões importantes, que mostraram o quão revelador pode ser o olhar sistemático do pesquisador e a responsabilidade de uma produção científica que aborda a escola de Educação Básica sob a orientação da BNCC e de um currículo organizado por competências e, no caso desta pesquisa, as competências socioemocionais que são visibilizadas na Revista Nova Escola

No segundo capítulo, *Revista Nova Escola, na escola de educação básica: Competências Socioemocionais em pauta, início da problemática*, apresentei a problematização e abordei uma breve contextualização da tríade Escola, Educação Básica e Competências Socioemocionais, componentes que subsidiaram a investigação. Delimitei o problema de pesquisa e busquei as possibilidades de compreensão para essa nova constituição dos saberes educacionais na escola contemporânea através das Competências Socioemocionais.

No terceiro capítulo, *Competências socioemocionais e sua inserção na história da educação*, fiz uma síntese do caminho percorrido através de uma historicização das Competências Socioemocionais e de como estas chegaram ao Brasil e, conseqüentemente, nas políticas públicas.

No quarto capítulo, *Competências Socioemocionais na Educação Básica: o que dizem as pesquisas*, apresento a produção das pesquisas envolvendo a temática na última década, e abordo sua importância para a compreensão das Competências Socioemocionais em diversas áreas do conhecimento, mantendo o foco na representação destas para a educação brasileira.

No quinto capítulo, intitulado, *O percurso teórico metodológico da pesquisa*, apresento a escolha e o caminho teórico-metodológico propostos e como eles se desenvolveram na pesquisa.

No sexto e no sétimo capítulos, destinados à análise do material, intitulados respectivamente, *Competências Socioemocionais e as tecnologias digitais*, e *Competências Socioemocionais e as práticas para a aprendizagem do aluno(a)*, apresento as análises do material produzido, atenta para a importância do que é veiculado na mídia impressa, no que está posto como material de suporte, de acesso rápido e sem custos para o professor, material que, muitas vezes, é utilizado para fundamentar planejamento e ações docentes diárias. As considerações finais, a

partir das pesquisas e análises desenvolvidas nesta dissertação, encontram-se na seção *Edição Final: algumas considerações*.

Registro ainda que o objeto da dissertação foi amplamente analisado através da pergunta central: *Como a Revista Nova Escola aborda a aprendizagem das Competências Socioemocionais na Educação Básica na Contemporaneidade?* E tive como norteadoras para estas análises as questões investigativas;

1) Como as reportagens selecionadas da Revista Nova Escola, no biênio 2018/2019, apresentam e descrevem as Competências Socioemocionais na/para a Educação Básica?

2) Como as reportagens na Revista Nova Escola propõem o desenvolvimento das Competências Socioemocionais na Escola de Educação Básica?

Convido o leitor, agora, a conhecer a investigação realizada.

2 REVISTA “NOVA ESCOLA”, NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA: Competências Socioemocionais em Pauta

A escolha do tema desta dissertação justificou-se pela e importância de pesquisar as Competências Socioemocionais dentro da área da educação básica, pois é uma temática que tem dominado as publicações desse campo. Entender o que elas propõem e como são usadas pelas escolas e visibilizadas em uma revista que tem uma entrada intensa nas instituições escolares é importante para a área da formação de professores.

A grande maioria das escolas têm usado as competências no sentido mais comum e usual. Essa afirmativa vem através dos registros encontrados nos livros didáticos atualizados, em suas publicações renovadas a partir do ano de 2018, de acordo com a orientação da BNCC, (2017) e das reportagens publicadas em algumas revistas, em especial, a que compôs o material empírico dessa dissertação. Sobre a abrangência das Competências Socioemocionais, afirma Ciervo (2010) o seguinte:

É nesse contexto que a motivação e a resiliência ganham espaço e passam a fazer parte do léxico educativo. Nesse cenário é levantada a possibilidade de ensinar e avaliar fatores relacionados a personalidade do aluno. Sendo assim o professor dá ênfase à criatividade, ao trabalho em equipe e à motivação, como aponta o documento *Competências Socioemocionais: material de discussão produzido pelo instituto Ayrton Senna*. A educação passa a ser percebida prioritariamente como capital humano a ser adquirido. (CIERVO, 2019, p. 25-26).

O texto acima aborda sobre o capital humano, na perspectiva de captura do humano, quando esse capital sustenta a possibilidade de a pessoa se moldar ao padrão desejado por determinada sociedade econômica, quando as habilidades e competências se voltam para um determinado fazer, numa relação entre economia e educação com competências que passam de emocionais a produtivas, um remonte para a sociedade e para as políticas neoliberais. (MACEDO, 2014).

Ainda são poucos os trabalhos e pesquisas que se debruçam para analisar os sentidos e propósitos que as Competências Socioemocionais assumem nas escolas e instituições educativas, realizando uma crítica radical sobre seus usos e desdobramentos nos currículos escolares.

Deste modo, passamos a entender como a lógica neoliberal está envolvida na disseminação das Competências Socioemocionais para seus fins produtivos. Usam-

se as emoções para conseguir sujeitos produtivos e capacitados para esse modelo gerencial de educação e sociedade.

Segundo Veiga-Neto (2002, p. 23), “todos nós que exercemos a docência ou a pesquisa em Educação tivemos uma formação intelectual e profissional em moldes iluministas”. Isso sinaliza que precisamos romper com uma visão idealista, universal e apenas celebrativa do sucesso e de sonhos utópicos, para pensar o contexto cultural e as condições de possibilidade para continuar sonhando, contudo, dentro das contingências que vivemos, não para nos acomodar a elas, mas para conseguir em conjunto, ultrapassá-las.

No campo da pesquisa, isso significa dizer que o olhar do pesquisador deve ser de curiosidade e suspeição; temos que problematizar as certezas continuamente, desconfiar e/ou desconstruir pensamentos prontos, nos questionar sobre os mesmos. (COSTA, 2002). O olhar constitui uma forma de pesquisar que se prolonga na ação humana, na investigação das subjetividades de cada sujeito. A pesquisa, em que investiguei as Competências Socioemocionais na Educação Básica, analisou aspectos da subjetividade humana, as emoções a partir das reportagens da Revista Nova Escola.

As emoções são campo de autoconhecimento, e cada uma delas tem função importante. Se associam a várias outras do cotidiano, como alegria, tristeza, raiva, ansiedade etc. Na escola, a literatura aponta que as emoções podem ter a função de preparação para a vida, para o mundo do trabalho, para as relações com outros povos, culturas, situações diversas.

Conforme Arantes (2003), as emoções são comandadas por uma interligação de corpo e mente, por isso a escola deveria saber estabelecer, dentro da proposta pedagógica que a sustenta, o trabalho das Competências Socioemocionais, a relação do que o sujeito sente, de como está aprendendo e como podem ser potencializados os seus saberes.

Essa questão indica que um trabalho pedagógico nesta direção já foi pensado e dinamizado na nossa tradição pedagógica e que não careceria de Competências Socioemocionais para que desenvolvêssemos propostas em que mente e corpo estejam em sintonia. Quando Wallon (2007) nos indicava a inseparabilidade dos campos motor, afetivo e cognitivo, na sua teoria da aprendizagem pelo afeto, já estávamos em contato com os estudos que viam a necessidade de olhar o sujeito

em sua integralidade para que esse pudesse aprender usando todas as suas potencialidades humanas.

É contra a natureza tratar a criança fragmentariamente. Em cada idade, ela constitui um conjunto indissociável e original. Na sucessão de suas idades, ela é um único e mesmo ser em curso de metamorfoses. Feita de contrastes e de conflitos, a sua unidade será por isso ainda mais susceptível de desenvolvimento e de novidade. (WALLON, 2007, p. 198).

Todavia, o que hoje temos na literatura parece uma necessidade de trazer as emoções para um campo que foi deixado vago, quer por um conceito de formação tecnicista e instrumental, quer por pressão dessa lógica neoliberal, que a tudo abarca para que os sujeitos formados estejam aptos ao mercado de trabalho de forma flexível, resiliente e capaz de ocupar muitas transformações na sua vida profissional. Portanto, a proposta do desenvolvimento das competências socioemocionais não é boa ou ruim em si mesma, mas temos de problematizar seus usos. É importante que sejam desenvolvidas se forem acompanhadas dos conhecimentos sistematizados e que precisam ser trabalhados pelo currículo escolar.

O que questionei e problematizei foi o porquê de usar toda uma outra forma específica de conteúdo, como as competências socioemocionais, para estas competências serem desenvolvidas pelo currículo, previstas na BNCC. Elas (as competências curriculares) são dimensões do próprio conhecimento escolar, quando se usa esse conhecimento para a formação humana.

As Competências Socioemocionais, na atualidade, fazem parte de uma narrativa, voltada para o campo educacional. Isso foi parte da investigação que propus neste trabalho, a saber, analisar de forma específica os significados dados para os elementos que compõem as macro e micro Competências Socioemocionais na Escola de Educação Básica, e fazer uma analítica de como se privilegia e se apresentam estas competências na contemporaneidade nas narrativas da Revista Nova Escola.

Uma formação integral propõe conhecimentos para o desenvolvimento de mente e corpo. Desse modo, me associo à ideia de educação de Biesta, quando diz que:

A educação, seja educação de crianças, educação de adultos, seja educação de outros, “recém chegados”, é afinal sempre uma intervenção na vida de alguém; uma intervenção motivada pela ideia de que tornará essa vida, de certo modo melhor: mais completa, mais harmoniosa, mais perfeita e talvez mais humana. (BIESTA, 2017, p. 16).

Em concordância com o autor, entendo que educação é um processo de melhoria, de busca de crescimento, de potencializar os saberes que o sujeito tem. Por isso, é na escola, espaço de formação por excelência, que alunos e professores cultivam e compartilham os conhecimentos, buscando compreender mais dos aspectos sociais e culturais de ambos, bem como de si mesmos.

O importante, como ressalta Biesta (2017), é cuidar para não reproduzir as desigualdades já existentes, movimentos desenvolvidos na escola quando alunos são sujeitados a um escopo de conteúdos e de constituição de valores, habilidades e competências, sem refletir sobre como estas devem fazer parte do cotidiano, sobre quais intencionalidade pedagógica carregam e sobre como podem produzir mais exclusões. Mais precisamente, entendo que esse conceito de intencionalidade vai além de saber o que ensinar, mas relaciona-se com a responsabilidade que o professor tem na ação cotidiana com seus alunos, na forma como direciona o aprendiz para fazer parte do seu processo de aprendizagem, com um propósito social. Em suma, é um ensino desenvolvido pelos e com os sujeitos na responsabilidade pelo mundo.

Proteger o campo mental é comandar nossos processos de desenvolvimento, traçando estratégias para enfrentamento das realidades diversas que se apresentam no cotidiano, na vida, em espaços distintos, na cultura, na vida familiar, na sociedade, em toda a parte. O objetivo do trabalho com as emoções na escola é a prevenção, a geração de fatores de proteção psíquica, e desenvolver competências e habilidades para a aprendizagem ao novo, ao desconhecido, ao diferente. Rancière afirma que:

[...] A escola não é, primeiro, o lugar da transmissão dos saberes que preparam as crianças às suas atividades de adultos. Ela é, antes, o lugar colocado fora das necessidades do trabalho, o lugar onde se aprende para aprender, o lugar da igualdade por excelência. (RANCIÈRE, 1988 *apud* AMARAL, 2018, p. 671).

Ao pensar na formação do aluno de forma integral², vemos que as Competências Socioemocionais devem ser analisadas e compreendidas dentro de contextos para que, no desenvolver da vida pessoal, o indivíduo possa contribuir e atuar nas relações sociais, por conseguinte, nas relações de vida. (RODRIGUES, 2015).

Na Contemporaneidade, saber sobre diferentes assuntos e formas de ensinar os conteúdos que provocam no aprendiz o despertar para a aprendizagem pode gerar constituição do vínculo para a relação professor e aluno. A empatia, uma das Competências Socioemocionais, é um caminho de conhecimento de si e do outro e parece se intensificar em relação às competências para este século. No entanto, cabe investigar a sua relação com a produção e constituição de saberes escolares.

Nesta compreensão,

Tornada “sociedade insatisfeita” e “transbordante”, urge repensar como humanizar a formação dos seres humanos que habitam o nosso planeta! Que decisões, quanto a finalidades e conteúdos, devem ser tomadas para a humanização da formação que a escola e a família, enfim, todos os aparelhos hegemônicos do Estado, necessitam propiciar como máxima prioridade? Que “conteúdos da aprendizagem, a serem ensinados como conteúdos de vida e que devem abranger os conceitos científicos da cultura erudita e os conteúdos éticos de convivência social”. (FERREIRA, 2004, p. 113).

Nessa perspectiva, as mudanças ocorridas na educação com relação ao exacerbamento dos conhecimentos cognitivos em detrimento dos conhecimentos voltados aos aspectos emocionais, segundo o autor, sugerem um equilíbrio na formação do sujeito para o seu desenvolvimento global. A educação, para atender o humano e suas necessidades biológicas e mentais, não pode ser fragmentária, precisa dar conta da complexidade do humano. Assim, as Competências Socioemocionais são propostas para completar os conteúdos escolares desprovidos de relação entre os conhecimentos. Objetivam um conhecimento situado no mundo, entre as pessoas, um conhecimento relacional. (FERREIRA, 2004). Considero importante ressaltar a visão de competência dos autores a seguir,

² Formação integral deve ser vista como algo que tem por base aspectos cognitivos, afetivos e psicossociais. Este tem relação com a ideia de integralidade, no Manifesto dos Pioneiros, também da concepção adotada pela BNCC (2017).

[...] é mais do que ter conhecimentos – envolve também as habilidades e atitudes para identificar e articular recursos na busca de soluções e/ou inovações. Pressupõe destreza técnica; respeito aos princípios éticos; atuação articulada com os demais; consciência de uma identidade política na instituição; e busca permanente pela excelência. A competência, portanto, não é um estado de formação profissional, nem tampouco um conjunto de conhecimentos adquiridos ou de capacidades aprendidas, mas, sim, a mobilização e aplicação de conhecimentos, habilidades e atitudes em situação específica, no contexto de recursos e restrições que lhe sejam próprios. (UNISINOS, 2005, p. 8 *apud* UNISINOS, 2006, p. 8).

Se competência, na perspectiva conceituada anteriormente, nos faz olhar para adiante de questões cognitivas e/ou mercadológicas, as Competências Socioemocionais, observadas sob esta égide, se constituem como proposta de enfrentamento de questões históricas, como desigualdades, in/exclusão social e educacional.

O que as Competências Socioemocionais propõem é a possibilidade de inserção de um trabalho na matriz curricular de Escolas das Redes Pública e Privada para a educação no Ensino Básico. Zabala e Arnau entendem que:

Um ensino de competência para a vida exige uma criação de uma área específica para todos os componentes de uma área metadisciplinar, o qual permita a reflexão e o estudo teórico e ao mesmo tempo, sua aprendizagem sistemática em todas as suas áreas. (ZABALA; ARNAU, 2010, p. 14).

Nessa lógica, a compreensão é de que o sujeito aprendiz também precisa, para além das aprendizagens do campo cognitivo, entender e atuar frente aos aspectos emocionais, respeitando e interpretando suas emoções, sabendo lidar no coletivo, abrangendo as regras sociais, tornando-se cada vez mais autônomo no que diz respeito ao cuidar de si e à convivência em sociedade, fazer uma relação desse sujeito com tudo à sua volta, envolvê-lo.

Com esse entendimento, minha postura foi de investigação, porque mesmo ao entender a importância das Competências Socioemocionais, coloquei sob suspeita seus sentidos e como estas têm sido apresentadas na Revista Nova Escola.

A saber, as Competências Socioemocionais na Educação Básica contemporânea foram analisadas a partir de excertos extraídos das reportagens da Revista Nova Escola do biênio 2018/2019. Desta forma, a pesquisa desenvolvida teve como objetivos:

1) Identificar como a Revista Nova Escola, no biênio 2018/2019, apresenta e descreve as Competências Socioemocionais no contexto escolar;

2) Analisar como as Competências Socioemocionais integram a Educação Básica contemporânea a partir do olhar da revista analisada.

Diante do exposto, elaborei como questão central de investigação, que sintetizou o problema de pesquisa:

Como a Revista Nova Escola aborda as Competências Socioemocionais na Educação Básica na Contemporaneidade?

A partir desta problemática central, outras questões investigativas mais específicas auxiliaram na investigação:

1) Como as reportagens selecionadas da Revista Nova Escola, no biênio 2018/2019, apresentam e descrevem as Competências Socioemocionais na/para a Educação Básica?

2) Como as reportagens na Revista Nova Escola propõem o desenvolvimento das Competências Socioemocionais na escola de Educação Básica?

A pesquisa tem na dúvida o caminho imprescindível para que possamos exercer e desenvolver uma análise crítica do material. A linguagem da Revista Nova Escola, suas imagens, o uso que faz da literatura pedagógica, de autores e pesquisadores da educação, possibilitou olhar o que está escrito nas reportagens, atuar na análise sobre as mesmas. Refletir através dos escritos das publicações da Revista Nova Escola, investigar como ela privilegia as Competências Socioemocionais dentro da escola de Educação Básica, contribuirá para outras pesquisas e um novo olhar sobre as Competências Socioemocionais que estão sendo mobilizadas na escola na contemporaneidade, o que acaba por produzir, a partir de novos conhecimentos, que sentidos elas tomam através das reportagens publicadas na Revista Nova Escola.

A escola se apresenta como possibilidade de terreno árido e/ou fértil a depender de uma mudança na reprodução de um padrão educacional homogeneizante. É preciso saber que concepção de educação tem o sujeito que ensina e quais as concepções que sustentam suas práticas pedagógicas.

3 COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS E SUA INSERÇÃO NO CAMPO DA EDUCAÇÃO

A seguir, trago uma breve historicização das Competências Socioemocionais nos campos da Administração e, posteriormente, da Educação. Mostro como estas adentram ao universo educacional e chegam às políticas públicas na escola contemporânea.

Cabe pontuar que a ideia de competências socioemocionais passa a ser introduzida no contexto educativo em nível global, acompanhando as grandes mudanças neoliberais nos anos 1990 (MANFRÉ, 2020). Assim, busco neste capítulo apresentar um breve histórico dessa inserção, em um primeiro momento, das competências, para, posteriormente, dar ênfase às Competências Socioemocionais no campo da Educação.

Início esta discussão destacando os diferentes conceitos que migraram da área da Administração para a área da Educação, bem como as formas pelas quais estes passaram a serem entendidos numa relação de concordância com a abordagem das Competências Socioemocionais. Depois de enunciar os principais sentidos utilizados na área da Educação, passo a detalhar os sentidos que selecionei e trabalhei nesta pesquisa, no capítulo seguinte.

Em uma primeira busca, no dicionário Aurélio (FERREIRA, 2009), verifiquei que o termo *competência* significa a “capacidade decorrente de profundo conhecimento que alguém tem sobre um assunto: recorrer à competência de um especialista”. Esta informação, o termo e a variação em sua utilização foram usados em áreas distintas. Na área da Administração, a competência tem relevância, anterior à chegada do termo na Educação,

Ou seja, tanto na literatura acadêmica, como nos textos que fundamentam a prática administrativa, a referência que baliza o conceito de competência é a tarefa e o conjunto de tarefas pertinentes a um cargo. Nesta linha, a gestão por competência é apenas um rótulo mais moderno para administrar uma realidade organizacional ainda fundada nos princípios do taylorismo-fordismo. (FLEURY; FLEURY, 2001, p. 185).

O excerto anterior apresenta a visão da área da Administração a partir da literatura, o que contribui para reforçar a ideia de um conjunto de saberes e práticas, tais como organizar e realizar uma tarefa que necessita de prazos exíguos com rigor de metas e celeridade, que enveredam para um conhecimento organizacional,

focado nas competências e habilidades para o mercado de trabalho no campo empresarial. O quadro a seguir demonstra como esses saberes são mobilizados no campo profissional para as ações cotidianas e trazem as competências como algo que caracteriza um bom profissional.

Quadro 1 – Competências para o profissional, do ponto de vista empresarial

Saber agir	Saber o que e por que faz. Saber julgar, escolher, decidir.
Saber mobilizar Recursos	Criar sinergia e mobilizar recursos e competências.
Saber comunicar	Compreender, trabalhar, transmitir informações, conhecimentos.
Saber aprender	Trabalhar o conhecimento e a experiência, rever modelos mentais; saber desenvolver-se.
Saber engajar-se e comprometer-se	Saber empreender, assumir riscos. Comprometer-se.
Saber assumir responsabilidades	Ser responsável, assumindo os riscos e consequências de suas ações e sendo por isso reconhecido.
Ter visão estratégica	Conhecer e entender o negócio da organização, o seu ambiente, identificando oportunidades e alternativas.

Fonte: Elaborado pela autora, com base em Fleury; Fleury (2001).

O desenvolvimento das competências, chamadas de essenciais para o sucesso da empresa, geram ações que induzem uma maior produtividade e, conseqüentemente, um aumento dos serviços de qualidade. (FLEURY; FLEURY, 2001). Nesse viés, ganham a empresa e o mercado, e traz-se a visão de ganho também para o sujeito que se sente fortalecido e capacitado para o mundo do trabalho e apto a galgar novas oportunidades.

No próximo quadro, sistematizo o conceito de competências a partir da literatura e alguns documentos do campo educação.

Quadro 2 – Conceitos de competência na Educação

REFERÊNCIA	CONCEITO DE COMPETÊNCIA
Perrenoud (1999b, p. 7)	É a capacidade de agir eficazmente em um determinado tipo de situação, apoiada em conhecimentos, mas sem limitar-se a eles.
Zabala e Arnau (2010, p. 37)	É o que fará com que o indivíduo resolva situações do seu cotidiano, durante toda a vida.
BNCC (2017)	É a mobilização de conceitos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho.
OCDE (2015, p. 35)	[...] capacidades individuais que podem ser manifestadas com um padrão consistente de pensamentos, sentimentos e comportamentos, desenvolvidas por meio de experiências de aprendizagem formais e informais; e importantes impulsionadoras de resultados socioemocionais ao longo da vida do indivíduo.
UNISINOS (2006, p. 8)	Ter competências é mais do que ter conhecimentos - envolve também as habilidades e atitudes para identificar e articular recursos na busca de soluções e/ou inovações. Pressupõe destreza técnica; respeito aos princípios éticos; atuação articulada com os demais; consciência de uma identidade política na instituição; e busca permanente pela excelência. A competência, portanto, não é um estado de formação profissional, nem tampouco um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes em situação específica, no contexto de recursos e restrições que lhe sejam próprios. (LO p.8)

Fonte: Elaborada pela autora (2020).

A visão de competência retratada pelos autores do campo da Administração e da Educação, nos dois quadros anteriores, nos permite identificar aspectos relacionados ao conhecimento cognitivo, ao conhecimento das capacidades aprendidas no campo profissional e no campo educacional. A visão de ambos os campos com relação às Competências Socioemocionais, tal como é entendido neste momento, leva ao entendimento de que competência é algo a ser conquistado para uma melhor performance.

Na sequência, trago uma breve historicização, com autores importantes, que se debruçam sobre emoções, anteriores à ideia de Competências Socioemocionais, e a temática das Competências Socioemocionais na Educação.

Nesta seção, trouxe uma breve historização de como chegamos à ideia atual de Competências Socioemocionais. Anteriormente, abordei o conceito de competência mobilizado pelas áreas da Administração e Educação. Neste espaço da dissertação, irei deter-me no campo da Educação.

Ao longo da história educacional da Primeira República (1889-1930), a oportunidade de acesso e a qualidade do ensino brasileiro se configuraram como privilégio de uma pequena classe dominante enquanto uma grande parcela da população é formada apenas para trabalhar. Por tanto, a escola brasileira, deste período, contribuía apenas para formação de uma “minoria” intelectualizada. O Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova consolidava a visão de um segmento da elite intelectual que, embora com diferentes posições ideológicas, vislumbrava a possibilidade de interferir na organização da sociedade brasileira do ponto de vista da educação. (LUSTOSA JUNIOR, 2013, p. 4).

Início fazendo um retrocesso histórico, voltando a década de 1930, quando se deu o famoso Manifesto dos Pioneiros da Educação, um manifesto com objetivo de se sair no contexto brasileiro, de uma educação tradicional e elitista, em busca de construir novas diretrizes educacionais, voltadas à formação do sujeito, com uma proposta mais humanizada, este ficou conhecido como O Manifesto dos Pioneiros³, documento de significativa relevância para uma educação que inaugurava novas ideias vindas principalmente dos EUA. Entendermos que esse movimento buscava democratizar e intervir na sociedade e assumir a possibilidade de um novo lugar na sociedade, de responsabilidade, direitos e deveres. Essa era a proposta da “Escola Nova”, mas, especialmente, o movimento buscava sair de um modelo passivo de transmissão de conhecimentos para um processo ativo e participativo.

Outros estudos importantes, principalmente na área da Psicologia Educacional, como os de Wallon, Piaget e Vigotsky, e Dantas (1992), dentre outros, além de analisar o sujeito pelo seu desenvolvimento, não deixaram de introduzir o componente emocional, afetivo em seus estudos. Porém, alguns destes podem ser considerados marcadores ou precursores das Competências Socioemocionais na Educação, como os que passarei a abordar.

Considerando os estudos de Gardner e Goleman (1997; 1998) sobre Inteligência Emocional, compreendemos a transformação dessa temática até chegar as competências e habilidades socioemocionais, tais como as vemos hoje.

³ O **Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova** refere-se a um documento escrito por 26 educadores, em **1932**, com o título *A reconstrução educacional no Brasil: ao povo e ao governo*. Circulou em âmbito nacional com a finalidade de oferecer diretrizes para uma política de **educação**. Disponível em: <<https://www.educabrasil.com.br/manifesto-dos-pioneiros-da-educacao-nova>>. Acesso em: 20 set., 2020.

A teoria das Inteligências Múltiplas Gardner, (1997) sinalizou que cognição humana era composta por diversas e independentes facetas entre as quais há uma relação de interdependência entre duas ou mais delas. Veenema e Gardner (1996) defenderam que a inteligência está vinculada a capacidade de resolução de problemas, uma vez que o indivíduo pode receber e modificar a informação a partir do nível de compreensão de si e dos outros. (MARIN *et al.*, 2017, p. 93).

Gardner trouxe a concepção de que existe mais de uma inteligência e que estas são para além da inteligência cognitiva, mas contemplam as dimensões linguística, lógico-matemática, espacial, pictórica, musical, corporal-cinestésica, naturalista, interpessoal e intrapessoal. Essas potencialidades são de todos os humanos. O que se diferencia é como elas vão ser estimuladas e desenvolvidas por cada um.

A partir da teorização das inteligências múltiplas, ainda na década de 1990, nasce o conceito de inteligência emocional. Segundo Marin *et al.* (2017), antes de Goleman, Mayer e Salovey, (1997) conceituava-se inteligência emocional como habilidade de perceber, avaliar, e expressar emoções; a partir dessas habilidades, a compreensão se expandiu, possibilitando também o potencial cognitivo. Isso foi um passo importante para iniciar a superação do conhecimento segregado “razão *versus* emoção”, e que ambos, na sua completude, são importantes para o crescimento pessoal, inter e intrarrelacional.

Nessa concepção de aprendizagem socioemocional, os Estados Unidos, na década de 1990, utilizaram tais conhecimentos para saber como essa noção estava sendo trabalhada nas escolas, e qual impacto isso gerava no desempenho acadêmico dos seus alunos. Nessa perspectiva, foi desenvolvido um trabalho por pesquisadores de uma organização mundial, a *Collaborative for Academic, Social and Emotional for Learning* (CASEL), que promove o aprendizado acadêmico, social e emocional integrado para todas as crianças da Educação Infantil ao Ensino Médio. Esta preocupação se deu pela emergência de um trabalho voltado à saúde preventiva ao uso de drogas, à educação com relação às questões sexuais e à prevenção à violência, em especial, nos jovens. A partir daí, o trabalho foi reconhecido como importante, uma vez que elevou o rendimento dos alunos, conduzindo a resultados positivos e reconhecidos também pela esfera pública educacional. (BRUENING, 2018).

No entanto, esse percurso histórico traçado até aqui ainda não contempla o surgimento das competências socioemocionais na perspectiva movimentada no pós-

BNCC. Refiro-me a estes autores que abordam as emoções, com o objetivo de mostrar uma trajetória, mesmo que em campos distintos e perspectivas diferentes, para reforçar que os mesmos já olhavam para as emoções como um fator importante no desenvolvimento humano.

As competências socioemocionais emergem a partir do constructo *big five*, que se originou nos Estados Unidos na década de 30 e tem como premissa analisar a personalidade através de 5 grandes fatores, que são: 1) abertura à novas experiências; 2) conscienciosidade; 3) extroversão; 4) neuroceticismo; 5) simpatia, por isso o nome *big five*. A partir do mapeamento que traça o perfil da pessoa, pode-se avaliar o potencial de habilidades e competências de cada sujeito. Vale ressaltar que este modelo, *big five* é o que ancora o trabalho do Instituto Ayrton Senna. Nesta perspectiva, emergem as competências socioemocionais e passam a servir de instrumentalização para observar e traçar o perfil de alunos nas escolas, em especial para mensurar quem é mais ou menos competente e emocionalmente capaz de lidar com os desafios do mundo, a partir de avaliações em larga escala.

Em suma, potencializar o desenvolvimento das competências socioemocionais dos estudantes torna-se um imperativo de um Estado que procura extrair da população a potência produtiva e, com isso, minimizar situações que possam gerar despesas futuras ligadas às áreas da segurança, da saúde e da educação (CARVALHO; SILVA, 2017, p. 13).

No contexto brasileiro, foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases -LDB, em (1996), e as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica - DCNs⁴ (2013), ambos documentos legais que também trazem a visão da educação integral, da formação integral do estudante. Os referidos documentos se propõem a orientar as condutas do desenvolvimento estudantil em todos os seus aspectos: cognitivo, social, afetivo e emocional. Tais documentos são precursores para o documento atual da BNCC (2017).

As Competências Socioemocionais fazem parte de pesquisas na área da economia, voltadas para o mercado do trabalho e não para o mundo do trabalho, na interpretação de Miguel e Tomazetti (2013). Para estes autores, o primeiro é definido

⁴ As DCNs têm origem na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de 1996, que assinala ser incumbência da União “estabelecer, em colaboração com os Estados, Distrito Federal e os Municípios, competências e diretrizes para a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio, que nortearão os currículos e os seus conteúdos mínimos, de modo a assegurar a formação básica comum”. Disponível em: <<https://todospelaeducacao.org.br/noticias/o-que-sao-e-para-que-servem-as-diretrizes-curriculares>>. Acesso em: 26 de maio. 2020.

pela lei da oferta e da procura, considerando as demandas, e o segundo, prepara para um mundo no qual o sujeito tem a oportunidade da busca, da reflexão e da escolha. Neste sentido, é preconizado que:

[...] Há evidências de que o conhecimento acadêmico é melhor aprendido se os alunos são motivados, controlam seus impulsos, tem iniciativa, são responsáveis, etc. Em outras palavras, se você tiver competências emocionais. (ALZINA; ESCODA, 2007, p. 65).

Depois de discorrerem sobre vários conceitos de competência, Alzina e Escoda (2007) conceituam competência + emoções = Competências Socioemocionais. Afirmam que atualmente estas têm um valor dentro da educação e um rigor dentro do processo de seleção de pessoas. No campo do trabalho, há ênfase no profissional que compreende e domina as questões técnicas e que de forma paritária entende a importância das relações com seus pares de trabalho, com a expectativa de convivência em um ambiente saudável.

Comparando os campos profissional e escolar, ressalta-se que quanto mais a pessoa tem rendimento favorável no campo acadêmico, mais ela se sente motivada a viver de forma calma, equilibrada e de bem estar social (ALZINA; ESCODA, 2007). Isso reflete os estudos que investigam as emoções e as relações como na teoria de Henry Wallon. “Sublinhando a função do outro na relação indivíduo/meio social, Wallon propõe analisar a criança em seu contexto de vida e focaliza o processo de fusão e diferenciação da criança, em relação àqueles que a cercam”. (SMOLKA *et al.*, 2015, p. 227). Para tais autores, a forma de aprender deve ser assistida a partir de uma escuta apurada e sensível, em que o sujeito, no seu tempo e forma de comunicar, acrescenta a sua cultura com a cultura do outro. O modo de vida e a troca de saberes são elementos importantes no desenvolvimento do ser humano.

Atualmente, as Competências Socioemocionais estão inseridas no contexto escolar e cabe a suspeição sobre sua função e se essas Competências contribuem para uma melhor educação. As emoções fazem parte da constituição humana, envolvem os sentimentos. Junto às Competências Socioemocionais, elementos como colaboração, relações sociais e sociabilidade pertencem ao conjunto de saberes que podem ser desenvolvidos através das atividades coletivas e que têm os professores como agentes importantes na condução e mediação desta construção entre as crianças.

Em conformidade com a *Collaborative for Academic, Social and Emotional for Learning* CASEL, organização mundial que trabalha com questões acadêmicas voltadas à aprendizagem socioemocional, o desenvolvimento para a aprendizagem socioemocional deve cumprir alguns requisitos que foram nomeados da seguinte forma:

Basear-se na investigação e em modelos teóricos sólidos sobre o desenvolvimento da criança; ensinar as crianças a aplicar as Competências Socioemocionais e os valores éticos no seu dia a dia; criar um clima na escola que se alicerça na ética do cuidado e na ética da responsabilidade, articuladas com as aprendizagens acadêmicas; respeitar o desenvolvimento e a diversidade cultural dos alunos; incluir métodos de resolução de problemas e de aprendizagem cooperativa articulados com as aprendizagens acadêmicas; envolver as famílias e outros elementos da comunidade educativa; enquadrar-se nas políticas educativas nacionais, internacionais e de escola; proporcionar formação e apoio qualificados; incluir processos de avaliação relativos aos resultados dos programas e incorporar melhoria nos programas, em função dessa avaliação. O cumprimento destes pré-requisitos, ou pelo menos da maioria deles, parece resultar na promoção das Competências Socioemocionais em crianças e jovens, de diferentes idades e níveis de escolaridade, bem como associar-se a melhoria: no desempenho de tarefas acadêmicas, na convivência social e nas interações positivas entre todos os elementos da comunidade educativa. (CASEL, 2003, p. 16 *apud* CACHEIRO; MARTINS, 2012, p. 157).

A partir do excerto acima, entende-se que crianças e jovens podem desenvolver competências cognitivas e emocionais na escola e fora dela. É possível à criança participar da vida em sociedade de forma mais empática, fortalecendo sua autoestima e sentindo-se capaz de conviver em harmonia. Essa afirmativa pode ser também passível de considerações, para que não haja a ideia de que o sujeito só se engaja e vive bem se desenvolver essas competências como uma normatização a ser seguida.

Instituições não governamentais, como o Instituto Ayrton Senna, aderiram ao trabalho com as Competências Socioemocionais e, de certa forma, conseguiram chegar aos órgãos governamentais com uma oportunidade de adentrar as políticas públicas educacionais. A partir daí, surgiu a ideia de trazer as Competências Socioemocionais para a escola.

A discussão sobre a formação de Competências Socioemocionais nas políticas curriculares educacionais brasileiras teve início no ano de 2011 quando, por iniciativa do Instituto Ayrton Senna (IAS), houve a realização do “Seminário Educação para o século 21”.⁵Tendo a parceria da Organização

⁵ O Ministério da Educação do Brasil (MEC), o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), o Instituto Ayrton Senna e o Centro para Pesquisa e Inovação

das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), da Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE) da Presidência da República, o IAS apresentou alguns estudos realizados por Heckman. (MANFRÉ, 2020, p. 215).

Em concordância com essa discussão, demonstra-se uma intenção política por parte de organizações governamentais de forma intrínseca, que tem o objetivo de padronizar os currículos, já que isso poderá trazer benefícios, em especial, o da possibilidade de ingresso do Brasil nas redes e associações junto de outros países. Agentes de órgãos privados estão presentes nas discussões dos documentos oficiais da educação. Isso também pode revelar a intenção da discussão vigente e da importância que isso traz para instituições não governamentais. Interesses podem não estarem aparentes, porém, em vista disso, o importante é fazer uma análise de como as Competências estão colocados em pauta e que olhar se está dando para as instituições não governamentais e sua inserção no documento oficial e se estas fazem parte de decisões e alinhamentos políticos educacionais atuais.

Com a crise no mercado de trabalho, nos anos 1990 emergiu o desejo das instituições não governamentais adentrarem as políticas curriculares, em especial, naquelas políticas com enfoque nas competências dentro das escolas. A alegação era de uma crise na educação pública e da necessidade de uma reforma no currículo, com isso facilitou-se a entrada dessas instituições de forma potente no campo educacional, como nos mostra Macedo (2014),

[...] paralelamente agentes sociais privados apareciam no cenário da educação, buscando interferir nas políticas públicas para educação também com perspectivas de maior controle sobre os currículos. Fundações ligadas a conglomerados financeiros como Roberto Marinho, Victor Civita, Ayrton Senna, e Lemann, empresas como Natura, Gerda e Volkswagen, grupos educacionais como CENPEC, e “movimentos” como, Todos pela educação, são alguns dos exemplos. (MACEDO, 2014, p. 1533).

O Instituto Ayrton Senna⁶ se coloca de prontidão e com capacidade para o auxílio de gestores e educadores na orientação das práticas pedagógicas. Cabe

Educacional (CERI), da OCDE, organizaram o Fórum Internacional de Políticas Públicas “Educar para as Competências do Século 21”, em março de 2014. O Fórum contou com a participação de ministros e altos representantes de 14 países: Arábia Saudita, Argentina, Colômbia, Coreia, Equador, Estados Unidos, Letônia, México, Noruega, Paraguai, Peru, Portugal, Suécia e Uruguai. O Fórum também convidou líderes das principais iniciativas educacionais, secretários de educação e pesquisadores reconhecidos no campo da educação, da psicologia da personalidade e da economia. No total, estiveram representados 22 países.

⁶ O Instituto Ayrton Senna foi criado em 1994, com o objetivo de preparar a partir do trabalho pautado em competências socioemocionais como criatividade, colaboração e capacidade de resolver

ressaltar que o programa de trabalho do referido Instituto baseia-se no modelo *Big Five* (5 grandes), que tem um expoente em cinco fatores da personalidade, conhecidos como neuroticismo, extroversão, agradabilidade, conscienciosidade e abertura a experiências.⁷ Este modelo é discutido por abordar dimensões da personalidade mais voltadas para fatores biológicos, cabendo analisar outros fatores, externos, à considerar a não padronização do sujeito. (MARIN *et al.*, 2017).

Essas competências são sustentadas pela *Collaborative for Academic, Social, and Emotional Learning* - CASEL, fundação que objetiva tornar a aprendizagem socioemocional baseada em evidências como parte integrante da educação desde a educação infantil até o ensino médio, por meio do desenvolvimento de instrumentos e diretrizes para aplicação da ASE nas escolas e contextos infantis. (MARIN *et al.*, 2017, p. 96).

Se a Educação Básica a partir da Base é uma forma de produzir uma conversa política com propostas de mudança, talvez o modo de produzir conhecimento, gerado por interesses diversos, abarque a ideia de competências e habilidades também voltadas para uma narrativa de qualidade e equidade na formação humana, pautados na política econômica neoliberal vigente, que tem como estratégia buscar, por meio da Educação Básica, formar pessoas que tenham a capacidade de reproduzir um pensamento e comportamento desejados pelo mercado empresarial, cuja racionalidade neoliberal necessita para a manutenção de uma sociedade contemporânea competitiva e produtiva, e com foco na a captação de mão de obra especializada, qualificada e técnica. (MACEDO, 2014).

Esta estratégia poderá ser uma forma de manter a potência do privado e mostrar cada vez mais o desejo de um Estado mínimo, que reduz o papel estatal dentro da sociedade, o que está mais fortemente relacionado às questões da economia engendrada pelo setor privado, deixando ao encargo do poder público o mínimo possível. Isso potencializa maior atuação da racionalidade empresarial, e com isso, uma probabilidade de a educação retroceder ao tecnicismo. (MACEDO, 2014).

São várias as definições que conceituam o termo *Competências Socioemocionais*. Diversos autores o tomam por diferentes pontos de vista, podendo

problemas, crianças e jovens para os novos desafios do século XXI. A instituição realiza seu trabalho de desenvolvimento de soluções educacionais, pesquisas e conhecimentos em gestão educacional, avaliação e articulação para que sejam replicáveis em escala em parceria com as secretarias de educação.

⁷ Os cinco fatores estudados e abordados no campo da psicologia se referem a; neuroticismo, extroversão, agradabilidade, conscienciosidade, e abertura a novas experiências.

utilizá-lo como necessário e imprescindível para a educação da contemporaneidade, mas a partir de uma visão centrada nas necessidades específicas, voltadas para um mercado educacional e empresarial.

No Brasil a terminologia Competências Socioemocionais ganha destaque especialmente pelo trabalho do instituto Ayrton Senna e da OCDE, e são vistas como habilidades maleáveis que se desenvolvem ao longo da vida. Observamos que fica difícil delimitar os domínios nos quais o conceito de socioemocional é empregado. O que fica explícito nos documentos consultados, é que o termo Competências Socioemocionais no debate nacional é uma referência ao *big five*. o principal argumento desse tipo de trabalho na escola é a melhora dos resultados educacionais, sociais e econômicos. (CIERVO, 2019, p. 34).

Diante a leitura e análise de artigos, dissertações, teses e outros documentos, escolhi aprofundar o tema com base no conceito de competências, que se relaciona com as questões da escola como lugar de possibilidades de constituição de um sujeito reflexivo, pensando sobre seu desenvolvimento a partir da própria participação na construção do conhecimento, atuante, transformador.

Percebo como aproximação ao conceito de Competências Socioemocionais o que traz Marin *et al.* (2017), quando fala sobre competências na perspectiva do desenvolvimento individual, mas não individualista, na compreensão de um sujeito que se conhece e ultrapassa esse conhecimento olhando para o outro como uma extensão necessária e harmoniosa para a vida em sociedade. Macedo (2014) propõe pensar sobre a intenção de grandes empresas nas políticas públicas e documentos oficiais, tal como a (BNCC), e a partir daí, considero possível inferir uma leitura das Competências Socioemocionais e sua inserção de forma privilegiada na Educação Básica através da Revista Nova Escola.

A política voltada à Educação, no Brasil aponta para análise das matrizes curriculares, sugerida por uma nova política da governamentalidade, que tem como princípio seus conjuntos de técnicas, táticas e saberes, e passa a nos manipular como sujeitos humanos e assim passamos a ser, de certa forma, governáveis (OLIVEIRA, 2019), que se revela contrária aos interesses de cunho coletivo e voltados para o fazer escola com uma formatação massiva para o mercado econômico.

O atual cenário da educação possibilita também uma reflexão das relações das políticas econômicas e educacionais. Com o enfraquecimento da escola e sua banalização, o mercado neoliberal avança e as grandes empresas fomentam a

educação como um enorme mercado de interesses e formação de pessoas para lidar com o novo, com as adversidades, com as oportunidades de crescimento no mercado da “mais valia”. Tudo passa a ser produtivo, não existe tempo de ócio ou ócio criativo. A escola concentra os seus esforços na tomada de decisões para preparar melhor os estudantes a estarem aptos aos desafios do contemporâneo, sem pensar que o papel da escola é constituir no pensar, e não modelar. Deste modo,

A banalização da escola que acontece na identificação do tempo da escola com o tempo (natural) de crescimento, maturação ou desenvolvimento com tempo (produtivo) de aprendizagem ou de projetos políticos, mascara/disfarça a separação entre “tempo útil, produtivo, econômico” e “tempo livre”. A banalização da discussão e argumentação sobre uma matéria que se coloca, reduzindo-a a uma troca de opiniões privadas e a um debate sobre as preferências, pontos de vista e perspectivas individuais, mascara o fato de que na escola o mundo (comum) é colocado em jogo (e não participações ou necessidades individuais). (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014, p. 168).

Nesta perspectiva, a escola vira mercadoria, o cenário se faz através de uma lógica de interesses da produtividade educacional para a produtividade mercadológica vigente. Por isso, é importante buscar tecer os fios da trama educacional através da pesquisa, e não retroceder ao tecnicismo, nem reforçar o modelo empresarial de educação, acirrando a competitividade individualista, ao mesmo tempo em que essa competitividade promove uma distorcida ideia de educação para a vida e o mundo do trabalho, enquanto se fortalece uma educação para o mercado de trabalho.

A Educação Básica considerando os documentos legais, a LDB (1996) e a BNCC (2017), está ancorada em uma pauta que visa a garantia de educação com um padrão de qualidade que priorize o básico. A LDB desde a sua primeira promulgação em 1961, consolidou um debate sobre uma educação de qualidade e igualdade para todos da Educação Pública ou Privada. Nos anos de 1988-1996, aconteceram diversos debates e a partir destes se modificou o texto e assim ela foi reeditada, com os princípios de igualdade, qualidade e valorização do magistério referendados. O documento traz essas garantias compondo a Educação Básica desde a Educação Infantil ao Ensino Médio.

Sua origem prevalece em respeitar cada etapa do desenvolvimento dos estudantes, responsabilizando estados e municípios por cada ciclo, da Educação

Infantil ao Ensino Médio. O autor a seguir explica por que a nomenclatura se define como básica:

Ela é básica, precisamente, porque oferece a cada aluno-indivíduo as condições de aprendizagem para que se transforme em aluno-cidadão, sustentado por um ETHOS traduzido em conhecimentos, competências, habilidades, cuidado, sentimento de solidariedade, compaixão, e respeito às diferenças, à diversidade, à sustentabilidade e, portanto, comprometido com sua comunidade, sua cidade, seu estado, seu país, com a própria vida e a vida na terra! (CARNEIRO, 2015, p.87).

Na interpretação de (CARNEIRO, 2015), em concordância com o autor, ampliei a reflexão. Esse artigo da LDB sustenta toda uma abordagem das Competências Socioemocionais na Escola de Educação Básica, sendo um documento aprovado na década de 1990. Todas as discussões e reflexões serviram para posteriores documentos, como os PCN (1997) e BNCC (2017). É importante salientar que não temos nos documentos até aqui mencionados a nomenclatura *Competências Socioemocionais*. Os teóricos, numa leitura pessoal, apontam para isto, mas as possibilidades dessa normatização do termo não estão atestadas até o presente momento.

Estando em voga, o termo *competências* passa a ser objetivo de estudo de diferentes instituições, tal como apresenta a noção de competência trabalhada na UNISINOS, construída na revisão do Projeto Político Pedagógico PPP do curso de Geologia, no ano de 1998.

Desde então, a Universidade vem construindo o seu próprio conceito de competência, expresso principalmente em três documentos institucionais: Princípios e pressupostos Norteadores para a Construção de uma Nova Graduação (NG), elaborado no ano de 2002, o documento Programas de Aprendizagem e Educação por Toda Vida (EPTV), DE 2003, e o texto Linguagem Organizacional (LO), de 2005 (UNISINOS, 2006, p. 5).

O termo *competência*, em sua polissemia, não é a maior preocupação da UNISINOS; seu intuito é abordar a sua associação aos autores que propõem a construção dos conhecimentos de forma contextualizada com o saber fazer, interpretar e resolver problemas e também com a formação profissional, para assim manter a atualização na forma de trabalhar e potencializar a relação ensino e aprendizagem, professor e aluno. Inspirada em Perrenoud (1999a; 1999b), Machado (2006), Delors (2006), Despresbiteris (2006). Competência para a UNISINOS, é um

conjunto de competências, habilidades e atitudes, mobilizadas em determinado contexto.

As políticas atuais estão voltadas para a formação técnica de professores culpabilizados pela falta de conhecimento e criticidade, responsabilizados pelo fracasso escolar e pela falta de formação continuada. “Ao mesmo tempo, os docentes, a serem interpelados pelo discurso pedagógico contemporâneo a organizarem sua prática por meio de tutoria de seus alunos e alunas, vão precisar acionar novas competências”, declaram Dal’Igna, Scherer e Silva (2018, p. 54), competências que precisam ser perscrutadas para não reforçar a proposta exacerbada da competitividade e da individualidade, de não se compreender, e de concorrer para a construção de conhecimentos que interessam ao mercado de trabalho.

Tais competências estariam relacionadas com o que Sylvio Gadelha Costa (2009) tem descrito como “cultura do empreendedorismo”, que busca produzir indivíduos microempresa, verdadeiros empreendedores, capazes de assumir em sua constituição características como: proatividade, polivalência, inovação, senso de oportunidade e capazes de provocar mudanças e adaptar-se a elas. (DAL’IGNA; SCHERER; SILVA, 2018, p. 54).

Compreendo que a escola não deve estar a serviço de uma política pública neoliberal que usa a lógica do empresariamento de si. Acreditar que o investimento deve ser responsabilidade somente do educando, a partir da lógica da concorrência neoliberal, e que para além da sua crença, ele pode, individualmente, ir mais longe. O aluno, na verdade, passa a ser um produto do novo mercado.

Educação e relação humana compõem sujeitos provocados por inúmeros fatores externos e por mudanças que advêm do tempo histórico e dos elementos de transformação social como, cultura, valores, alterações de relevância política, social, educação ‘enxurrada’ por tantas novidades, novos saberes, novos fazeres, poucos ou ainda modos de discutir e refletir, incipientes.

Saliento que os autores aqui mencionados são importantes referências para essa discussão, e relevo suas contribuições para reflexões acerca das Competências Socioemocionais nas mais diversas áreas. As reportagens subsidiaram a reflexão sobre os diferentes conceitos dos quais me apropriei e busquei traçar uma análise relevante para a educação brasileira e outras pesquisas.

No capítulo, seguinte faço a revisão da literatura, considerando os desafios da seleção dos textos que se inserem no contexto que investiguei, que são as Competências Socioemocionais na Educação Básica na contemporaneidade.

4 COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA: O Que Dizem as Pesquisas

A partir dos meios e recursos utilizados por mim na busca de uma literatura consistente e rica nas informações, ampliei o escopo quando construí o processo na interlocução com as pesquisas, nos processos de escolha, nos momentos de orientação do projeto (individual e coletivo), nos diálogos com os colegas pesquisadores da prática de pesquisa, nas múltiplas visões que precisam ser respeitadas e olhadas com cuidado e rigor científico.

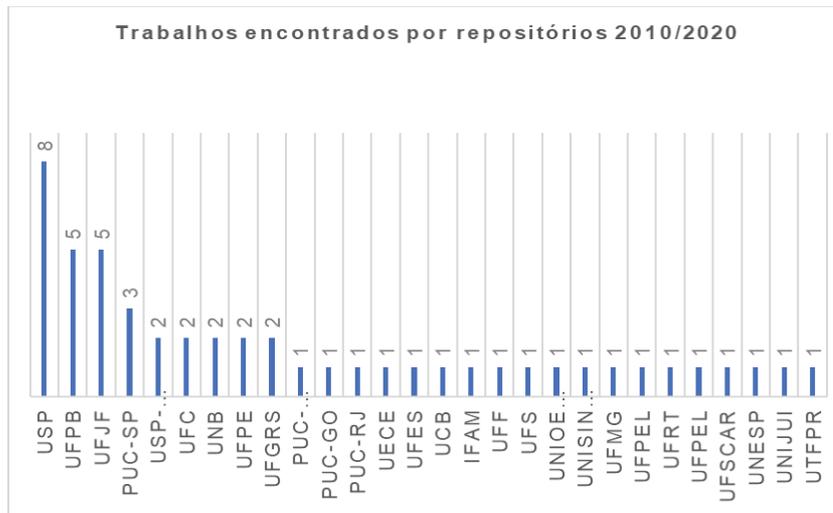
Neste capítulo, traço o percurso realizado na revisão da literatura com o tema da pesquisa que me norteou para a busca das teses e dissertações relacionadas às Competências Socioemocionais e à Escola de Educação Básica na contemporaneidade. A revisão da literatura contemplou a temática que desenvolvi e me auxiliou no mapeamento das produções já existentes.

Os trabalhos pesquisados para a composição da dissertação foram buscados na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações BDTD, onde encontrei o maior número de trabalhos relacionados à temática, e no Repositório Digital da Biblioteca da UNISINOS (teses e dissertações), que me auxiliou na complementação dos trabalhos que fazem parte dos conhecimentos que se aproximam do tema das Competências Socioemocionais. Foram utilizados, para a pesquisa, os seguintes descritores: *Competências Socioemocionais, Emoções, Educação Integral, Educação Básica, Escola e BNCC*.

O passo seguinte, após a escolha dos descritores, foi estabelecer o recorte temporal de busca, que foi definido de 2010 a 2020. Identifiquei que os trabalhos encontrados se desenvolveram nesta última década e que os dados mais significativos que se aproximam da temática da pesquisa e trazem em sua narrativa a escola e as competências nas políticas públicas estão entre os anos 2013 a 2020.

A seguir, apresento, um quadro com os trabalhos selecionados nessa primeira busca e os repositórios em que foram encontrados.

Figura 1 – Repositórios de teses e dissertações



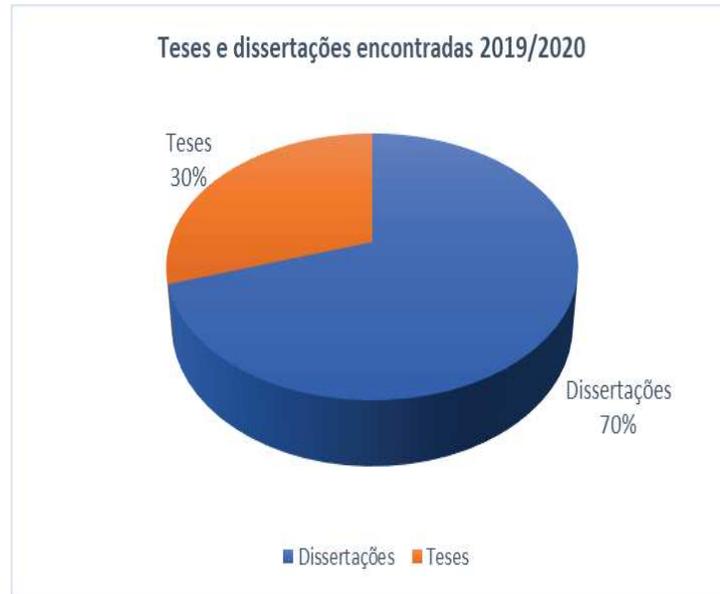
Fonte: Elaborada pela autora (2020).

Nos trabalhos pesquisados, optei pela análise dos que tinham maior aproximação com a temática em estudo. Selecionei os que descreviam a relação da Escola de Educação Básica com as Competências Socioemocionais. Na garimpagem, emergiram áreas distintas, como: Psicologia, Filosofia, Educação Matemática, Educação e Políticas Públicas, que são áreas correlatas à educação, além de outras, como a Economia e a Saúde, porém importante serem analisadas dentro de um contexto econômico, político e educacional contemporâneo.

Para esta escolha, li os resumos de teses e dissertações. Nesta ação inicial, encontrei um acervo de 50 trabalhos que versavam sobre o tema Competências Socioemocionais. Na segunda triagem, elegi trabalhos por categoria, sendo 35 dissertações e 15 teses. A partir da leitura dos resumos, selecionei os mais relevantes para a pesquisa por contextualizar a temática de forma consistente nas informações – 9 dissertações, 5 teses, todas produzidas em universidades brasileiras, e na área da educação, uma porcentagem de 50%.

Nas figuras abaixo, demonstro, através de gráfico, as dissertações e teses encontradas e selecionadas em percentual, para comporem o trabalho de pesquisa desenvolvido nesta dissertação. Todas as áreas citadas anteriormente estão na composição dos trabalhos escolhidos.

Figura 2 – Teses e dissertações encontradas 2019/2020



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Figura 3 – Teses e dissertações selecionadas 2019/2020 para comporem o projeto de pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

No aprofundamento da leitura dos trabalhos selecionados, percebi que o sentido de analisar as competências socioemocionais dentro da área da economia remeteu ao mundo do trabalho e a um panorama atual de formar pessoas hábeis para o exercício profissional nas empresas, enxergando que as competências

técnicas são tão importantes quanto as competências socioemocionais, o que revela um potencial para o comportamento 'controlável', que favorece uma relação de cortesia com outros profissionais, mas em especial na relação de trabalho em subordinação ou subserviência, patrão-empregado, empregado-cliente. A subordinação é uma demanda antiga e ao mesmo tempo atual, que se remonta com perfis sutis e discursos envolventes.

Com a pretensão de evidenciar como essas pesquisas contribuíram para a dissertação, elaborei duas seções, agrupadas pela temática central das Competências Socioemocionais, como surgem nos trabalhos e como se apresentam em algumas questões envolvendo educação, políticas públicas, escola, docência e o mundo do trabalho.

Nos próximos dois quadros, estarão em destaque: o primeiro quadro (quadro 3), com as dissertações selecionadas para compor o *corpus* dessa dissertação e auxiliar a compreender mais sobre o que já foi produzido e o segundo quadro (quadro 4), com as teses selecionadas, que também tiveram o objetivo de fortalecer minha fundamentação nesse tema para a composição da dissertação.

A abordagem predominante na seleção se volta à pesquisa qualitativa, e em dois métodos de análise, a saber, análise do conteúdo e análise de documentos e textos. O direcionamento das competências socioemocionais se dá por meio de uma visão crítica, para contemplar a ascensão destas competências dentro do contexto escolar, como possibilidade de inserção no currículo da Escola de Educação Básica.

Quadro 3 – Dissertações analisadas

(Continua)

TÍTULO / ANO	AUTOR	UNIVERSIDADE	ÁREA
O Papel das emoções e do hábito na formação moral. (2013)	VIANA, Luisa Andrea do Nascimento	Universidade de Caxias do Sul	Filosofia
Avaliação dos instrumentos de mensuração das Competências Socioemocionais no contexto escolar. (2016)	PACIÊNCIA, Luan Pires	USP-SP	Economia
As Competências Socioemocionais e sua relação com o aprendizado da matemática. (2017)	SANTOS, Marcela Mara dos	UFJF- Universidade Federal de Juiz de Fora.	Educação

(Conclusão)

A Centralidade das Competências Socioemocionais nas Políticas Curriculares Contemporâneas no Brasil. (2019)	CIERVO, Tassia Joana	UNISINOS	Educação
O desafio do desenvolvimento das Competências Socioemocionais como parte curricular em uma escola de Ensino Médio em tempo integral do Ceará. (2019)	MONTEIRO, Neusa Setúbal	Universidade Federal de Juiz de Fora	Educação
Estado da Arte sobre Competências Socioemocionais e Articulação com Políticas de Avaliação (2012-2017). (2019)	ABATTI, Thamiris Zanchim	Universidade Estadual do Oeste do Paraná-UNIOESTE	Educação
Avaliação dos perfis socioeconômicos e sua relação com o desempenho acadêmico nos ensinos Fundamental e Médio. (2019)	HAMBURG, Sheila	USF- Universidade São Francisco	Psicologia
Crítica da educação centrada nas Competências Socioemocionais. (2019)	MAGALHÃES NETO, Alberto Coelho de	PUC-SP	Educação
Implementação da política de desenvolvimento das Competências Socioemocionais: um estudo de caso na EEFM João Mattos. (2017)	GONÇALVES, Gecilvone Passos	UECE-Universidade Estadual do Ceará	Políticas Públicas

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Especificamente no quadro 4, nas teses, encontrei outros subsídios que fortaleceram a pesquisa. Todos os trabalhos garimpados foram de importância pela potência das investigações. Trata-se de uma recorrência na crítica voltada às competências socioemocionais utilizadas para uma formação de uma classe trabalhadora e não de formação para a vida, reforça a ideia de educação para o utilitarismo econômico que produz competências acirradas dos alunos com os outros alunos e entre eles mesmo. As evidências são encontradas na medição de desempenho a partir de escalas de avaliação.

Quadro 4 – Teses analisadas

TÍTULO / ANO	AUTOR	UNIVERSIDADE	ÁREA
Competências Socioemocionais: efeitos do contexto escolar da religiosidade e mediação sobre o desempenho acadêmico. (2016)	WILLEMSEN, Beatriz	USP- Ribeirão Preto	Economia
Interfaces entre Competências Socioemocionais e o desenvolvimento vocacional em alunos do 6º ano. (2017)	BRAZ, Ana Cristina.	USP- Ribeirão Preto	Psicologia
Caminhos para predição do desempenho acadêmico: um modelo de variáveis cognitivas e socioemocionais. (2018)	COSTA, Bianca Cristine Gomide	Universidade de Brasília	Desenvolvimento humano e saúde
EMPRESARIAMENTO DA EDUCAÇÃO: Instituto Airton Senna e a política de Competências Socioemocionais na Rede Estadual de Ensino do Rio de Janeiro. (2019)	CHAVES, David Santos Pereira	UFRJ- Universidade Federal do Rio de Janeiro	Educação
COMPREENSÕES DE COORDENADORES PEDAGÓGICOS SOBRE HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS EM CONTEXTOS EDUCATIVOS: um estudo das contribuições de Wallon para a educação socioemocional. (2018)	SCHORN, Solange Castro	UNIJUI- RS Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul	Educação

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Para organização e sistematização, construí dois agrupamentos para as pesquisas selecionadas e, com isso, pude refinar a análise desta revisão de literatura, apresentados a seguir.

1. Primeiro agrupamento: *Competências Socioemocionais e Políticas Educacionais*

Na construção deste primeiro agrupamento, fazem parte seis dissertações intituladas: *A Centralidade das Competências Socioemocionais nas Políticas Curriculares Contemporâneas no Brasil, (2019), Estado da Arte sobre Competências*

Socioemocionais e Articulação com Políticas de Avaliação (2012-2017), (2019), *O desafio do desenvolvimento das Competências Socioemocionais como parte curricular em uma escola de Ensino Médio em tempo integral do Ceará*, (2019), *Crítica da educação centrada nas Competências Socioemocionais*, (2019), *Avaliação dos perfis socioeconômicos e sua relação com o desempenho acadêmico nos ensinos Fundamental e Médio*, (2019), *Implementação da política de desenvolvimento das Competências Socioemocionais: um estudo de caso na EEFM João Mattos*, (2017), e uma tese intitulada *Empresariamento da Educação: Instituto Ayrton Senna e a política de Competências Socioemocionais na Rede Estadual de Ensino do Rio de Janeiro*. (2019) que, embora não relacionam somente a temática Escola de Educação Básica, trazem a possibilidade de refletir sobre o assunto, o interesse dos pesquisadores e a influência das Competências Socioemocionais nos currículos e a propagação destas como um caminho para o novo tempo da educação na contemporaneidade.

Com o enaltecimento das competências cognitivas e não cognitivas como fundamentais, os documentos de base legal, a partir das decisões governamentais, foram considerados pelos autores⁸ que falam da importância de se fazer uma análise das competências socioemocionais na educação brasileira, bem como das políticas de avaliação e sua intersecção nos documentos oficiais. Os autores mostram em suas pesquisas o rigor e profundidade nas discussões e a importância do assunto competências socioemocionais na educação contemporânea. É oportuno destacar o seguinte:

Com as políticas neoliberais, que colocam em pauta a concorrência, o Estado toma outra configuração ao funcionar como um estado empresa. Assumindo uma função muito mais avaliadora, aparenta ser um estado mais enfraquecido, mas potencializa-se na ação de parceria com toda a população. (FABRIS, 2018, p. 211).

Como a educação está sendo evidenciada nos estudos atuais, a despeito de um tempo em que o cuidado com o desenvolvimento na integralidade do sujeito tem prisma central na BNCC (2017), considerando estudos que abordam, por exemplo, os que tomam o Instituto Ayrton Senna (IAS) como uma das instituições centrais no

⁸ Autores das teses e dissertação utilizadas para compor a revisão da literatura e que fazem parte da análise dos dois agrupamentos criados pela mestranda. Abatti (2019), Braz (2018), Chaves (2019), Ciervo (2019), Costa, (2018), Gonçalves (2017), Hamburg, (2019), Magalhães Neto, (2019), Monteiro (2019), Paciência (2016), santos (2017), Shorn (2018), Viana (2013), Willemsens (2016).

engajamento nas políticas públicas, a partir do fórum “Educação para o século XXI “, adentram as políticas governamentais com a proposta da necessidade de mudança no panorama curricular da Educação Básica.

2. Segundo agrupamento: *Competências Socioemocionais e sua relação com a escola.*

Neste grupo, analisei três dissertações intituladas: *O Papel das emoções e do hábito na formação moral, (2013)*, *Avaliação dos instrumentos de mensuração das Competências Socioemocionais no contexto escolar, (2016)*, *As Competências Socioemocionais e sua relação com o aprendizado da matemática. (2017)*; e quatro teses: *Competências Socioemocionais: efeitos do contexto escolar da religiosidade e mediação sobre o desempenho acadêmico, (2016)*, *Interfaces entre Competências Socioemocionais e o desenvolvimento vocacional em alunos do 6º ano, (2017)*, *Caminhos para predição do desempenho acadêmico: um modelo de variáveis cognitivas e socioemocionais, (2018)* e, *Compreensões de coordenadores pedagógicos sobre habilidades socioemocionais em contextos educativos: um estudo das contribuições de Wallon para a educação socioemocional. (2018)*. Na continuação, realizei a compilação dos trabalhos que versam sobre essas competências no campo escolar.

Observei que todos os trabalhos fortaleceram o projeto de pesquisa para investigar com rigor e critérios de um pesquisador o que os diálogos trazem na pauta da Educação Escolar na Contemporaneidade e interfaces das competências não cognitivas emergentes na Educação Básica. Embora a pesquisa tenha sido realidade em uma década, a temática abordada nos trabalhos selecionados tem maior notoriedade em um quinquênio 2015/2020. Esse dado estatístico, mais a frente, conduziu para uma relação das discussões sobre a proposição da BNCC (2017), documento norteador da educação e seu processo de implantação.

A Educação Básica como campo de pesquisa oferece inúmeras possibilidades de investigação, por ser um campo de referência para outras áreas e por compor, nos documentos oficiais, a possibilidade de reflexão sobre a educação vigente e a educação que concerne a formação do sujeito na sua integralidade. Como cerne da questão segundo Charlot (2006),

A educação é um triplo processo de humanização, socialização e entrada numa cultura, singularização-subjetivação. Educa-se um ser humano, o membro de uma sociedade e de uma cultura, um sujeito singular. Podemos

prestar mais atenção a uma dimensão do que a outra, mas, na realidade do processo educacional, as três permanecem indissociáveis. Se queremos educar um ser humano, não podemos deixar de educar, ao mesmo tempo, um membro de uma sociedade e de uma cultura e um sujeito singular. E, partindo da socialização ou da singularização, podemos produzir enunciados análogos. (CHARLOT, 2006, p. 15).

Os autores das pesquisas que abordam a escola mostram que este espaço deve ser melhor explorado. O trabalho didático com as Competências Socioemocionais circunscreve um arcabouço traçado por investigações de processos de avaliação. Existe uma preocupação acentuada em quantificar em prejuízo do processo de construção de conhecimento, no qual as competências se inserem nesse cotidiano escolar. Perceber se elas estão nos conteúdos e devem ser trabalhadas de forma sistemática, ou se existe uma supressão de conteúdos para que elas se encaixem e/ou sejam contornadas de forma privilegiada é essencial.

Na economia neoliberal da sociedade contemporânea é uma possível forma de fomentar a educação que promove mentes que pensam na competição exacerbada em busca do individualismo, mas ao mesmo tempo com habilidades e competências para lidar de forma pacífica com as relações interpessoais.

Para Carvalho e Silva (2017, p. 174), “evidencia-se, em nosso tempo, uma difusão de modelos de currículos socioemocionais que tomam a infância como algo privilegiado para o investimento econômico”. As pessoas concebidas pela visão econômica, numa ótica educacional neoliberal, desde a mais tenra infância, podem trazer benefícios para o futuro. Como consequência, a diminuição da violência, mais produtividade econômica e menos necessidade de programas de investimentos.

As pesquisas selecionadas, independente de abordagens – qualitativas ou quantitativas, surgem como possibilidade de equalizar os documentos com as práticas educacionais, como uma teia que se constitui na história da educação e nas propostas de governo para a Educação Básica. Isso demonstra que as Competências Socioemocionais se estabelecem no curso da Educação Contemporânea e se desenham dentro das discussões curriculares.

Nessa direção é possível indicar que foi com a consolidação das políticas de inspiração neoliberal, na década de 1990, que nos campos das políticas multiplicaram -se os estudos de natureza diagnóstica (sociológicos, históricos e culturais). (SILVA, 2015, p. 200).

De acordo com os trabalhos apresentados, em consonância com o excerto, existe uma evidência de quando as Competências Socioemocionais estão

envolvidas dentro de um contexto educacional desafiador. A história da educação, das relações econômicas e políticas, traça um percurso que poderá trazer uma investigação com profundidade das competências não cognitivas terem ganhado um espaço de notoriedade em âmbito nacional dentro da educação formal. Percebo, a partir dos trabalhos, que as Competências Socioemocionais são potencializadas nos estudos em escalas de avaliação e mensuração e que estão incorporadas no cotidiano da escola.

Observei que os conceitos utilizados para denominação de competências e competências socioemocionais operam de formas diferentes, mas em 10 trabalhos, a abordagem se volta para a afirmação do conceito de competências socioemocionais, que aponta para as discussões aqui defendidas na minha pesquisa. Trata-se de um conceito que dialoga com as ideias de formação para a educação do sujeito compreendido como integral, corpo e mente, cognição e emoção.

Neste diálogo, o que para minha pesquisa foi um diferencial, é que na abordagem dos trabalhos o enfoque dominante são as críticas da forma como as competências socioemocionais operam na educação básica de acordo com escalas de avaliação e políticas públicas voltadas ao currículo. Acredito que o acréscimo com a perspectiva escolhida por mim é olhar para as competências socioemocionais na educação básica através de um instrumental, documento (Revista Nova Escola) e realizar a crítica, sustentando o argumento das Competências Socioemocionais como algo limitado na perspectiva da educação para o século XXI.

No capítulo a seguir, apresento o percurso teórico-metodológico desta investigação.

5 O PERCURSO TEÓRICO METODOLÓGICO DA PESQUISA: Das Escolhas

A partir de uma perspectiva dos Estudos Culturais, pesquisei a Revista Nova Escola e tive como centralidade da pesquisa as competências socioemocionais e sua relação com a Escola de Educação Básica. Minha preocupação foi olhar nas narrativas da Revista Nova Escola como essas competências ganham a pauta da revista e como elas são propostas para serem aprendidas nas escolas.

Esta pesquisa está embasada por autores e teóricos que me ajudaram a compreender questões pertinentes na construção da investigação dentro da temática do ensino das Competências Socioemocionais na educação básica. Destaco, nesta caminhada, que Biesta (2017, 2020), Charlot (2006), Larrosa (2017), Laval (2019), Sibilia (2012), Masschelein (2014), Rancière (1988) trouxeram embasamento sobre o conceito de escola; Arantes (2003), Rodrigues, (2015), Dantas (1992), Perrenoud (2000), Silva (2018), Zabala e Arnau (2010) ampliaram os conhecimentos sobre Competências Socioemocionais e emoções, Costa; Silveira, Sommer (2003), Gerzson (2007), apontaram informações e conceitos de suma importância sobre artefatos da cultura na perspectiva dos Estudos Culturais; Costa (2002), Silva (2010), Corazza (2005), Meyer e Paraíso (2014) e Mira (1997) discutem sobre as metodologias; Arroyo (2005), Fabris (2018), Veiga-Neto (2002), Silva (2015), Oliveira (2019) trouxeram reflexões sobre a docência, Ball (2010), Hattge (2014), performatividade na educação básica. Todos esses autores fundamentam as análises na contribuição da pesquisa das Competências Socioemocionais na Educação Básica.

Nas análises de reportagens da Revista Nova Escola, utilizei as narrativas e algumas imagens para a produção de sentidos sobre as competências socioemocionais. A partir dos Estudos Culturais como campo que envolve muitas abordagens e sentidos, me aproximei da Revista como um artefato da cultura, pois assim a compreendo, e analisei os significados que são afirmados na Revista Nova Escola.

Destaco pontos distintivos dos Estudos Culturais, para mostrar como os compreendo nessa pesquisa:

O primeiro é que seu objetivo é mostrar as relações entre poder e práticas culturais; expor como o poder atua para modelar estas práticas. O segundo é que desenvolve os estudos da cultura de forma a tentar captar e compreender toda a sua complexidade no interior dos contextos sociais e políticos. O terceiro é que neles a cultura sempre tem uma dupla função: ela é, ao mesmo tempo, o objeto de estudo e o local da ação e da crítica política. O quarto é que os EC tentam expor e reconciliar a divisão do conhecimento entre quem conhece e o que é conhecido. E o quinto, finalmente, refere-se ao compromisso dos EC com uma avaliação moral da sociedade moderna e com uma linha radical de ação política. (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 43).

Os cinco aspectos colocados acima e descritos pelos autores como importantes para a definição e apropriação dos Estudos Culturais se relacionam e contribuem com a metodologia escolhida para a análise das revistas e se entrelaçam nas relações de poder-contextos sociais e políticos.

Outro ponto importante a ser destacado é compreender que, assim como os avanços no campo editorial, nos degraus da crescente profissionalização e compartimentalização do trabalho neste segmento, o consumo e a identidade são pontos importantes na escolha do público, produtores em potencial sabem “o que” “e como” falar para um público específico.

As Revistas podem ser compreendidas como forma de entretenimento e de abordar pontos específicos, com o objetivo de cativar um determinado público leitor mais ou menos elitizado, que escolhe os assuntos também de acordo com o gênero (masculino e feminino). “A publicidade influencia a revista não apenas no seu conteúdo, mas também no formato, especialmente na formatação da página, no uso da cor [...]”. (MIRA, 1997, p. 71).

Dito isso, no século XX, principalmente a partir anos 1990, juntam-se a esses elementos básicos de organização do gênero revista outros tantos que apontam para uma forma de disseminar a informação, de ganhar espaço na notícia em primeira mão. O setor que alimenta o conteúdo editorial cria estratégias de amplo alcance do público leitor, como valores acessíveis, imagens chamativas e impactantes, dentre outros. Por vezes a escolha das revistas pelos leitores não se dá por meio de um critério científico rigoroso e se dá pela facilidade de compreensão.

No século XXI, o que aparece de novo no cenário educacional aponta a referência potente das tecnologias. A revista, assim como outras formas de comunicação massiva, se reinventa e se realoca no mercado publicitário com a

expansão da revista e consumo através do marketing global, e anuncia a revista no formato eletrônica.

No capítulo seguinte, apresentei nas análises uma relação dos conteúdos através das revistas com as novas tecnologias e a aproximação do leitor de revistas populares com o distanciamento ou o não, conhecimento de processos mais profundos de pesquisa. Isto possibilitou um olhar para os aspectos, econômico e cultural, das novas formas de produzir conhecimento de uma racionalidade neoliberal.

Registro ainda, que entendo a revista como artefato cultural, produzida na cultura e produtora de cultura, que possibilita olhar todos esses elementos. Tomar as reportagens e capas de revistas para verificar o que pensam e dizem não expressa apenas a opinião dos editores, mas mostra como esse conhecimento foi engendrado na cultura e como se dá a disseminação do trabalho nas escolas a partir das Competências Socioemocionais. O que proponho é utilizar as ferramentas da hipercrítica a partir do conceito trazido por Veiga-Neto (1995) como algo que está fundamentado em uma crítica em si mesmo, que vai e volta no tempo a partir da leitura e análise das narrativas, explicitando os referenciais de um determinado tempo e uma lógica estabelecidos a partir de um *modus operandi*, que nesse caso, é a lógica neoliberal, produzida por uma racionalidade neoliberal, que vai criando modos de vida e de exercer a docência brasileira.

A hipercrítica não tem um fim em si mesma pela sua provisoriedade e caráter de mudança e, principalmente, por historicizar os processos, mostrando suas faces de produção e desnaturalizando os processos, que a sociedade teima em mostrar como naturais e desde sempre aí, mas que foram produzidos. A Revista é apenas um local onde se registram essas “verdades” e como tais, com grande força de produzir e manter essas verdades como as únicas ou as mais verdadeiras.

Por essa razão, pode contribuir na verificação dos sentidos e em como as competências são apresentadas para o desenvolvimento dos sujeitos contemporâneos e à educação para o século XXI, o que aproximou as grandes empresas privadas das políticas públicas educacionais, no sentido de tornar habilidades e competências na educação formal um contexto privilegiado dentro das escolas.

Sendo assim, “torna-se, então, essencial, quando da realização das análises, ‘penetrar nas linguagens’ e ‘garimpar’ os significados em uma multiplicidade de

histórias e de textos.” (COSTA, 2002, p. 82). Nesta pesquisa, isto se efetivará a partir das reportagens na Revista Nova Escola.

As revistas comunicam o desejo do comunicador na relação com o seu público e de uma expressiva linguagem que transita por diversas áreas, conhecimentos e saberes. Para Gerzson,

Quando pautam a educação, as revistas não estão apenas publicando informações, anúncios, opiniões e comentários gerais sobre ela. Quando as matérias problematizam o esporte, a economia, a educação, a saúde e outras temáticas, elas compõem textos culturais que produzem formas de fazer, de aprender, de ensinar e, sobretudo, de ser e de compreender o mundo. (GERZSON, 2007, p. 13).

As revistas são artefatos da cultura; elas comunicam a partir de um tempo, circulam em determinados contextos e produzem opiniões, saberes, que se multiplicam conforme a leitura e produção de sentidos pelo leitor. O importante é que elas se assentam em um tempo, se transformam através da cultura e corroboram com a disseminação do conhecimento, porém deve ser analisada cuidadosamente, deve promover uma crítica reflexão para não ser tomada como verdade absoluta e incontestável.

A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) e a Lei de Diretrizes e Bases (BRASIL, 1996) foram usados para contextualizar e potencializar as análises, todavia não fazem parte do conjunto de material empírico. A BNCC (2017) pode ser considerada um dos documentos mais importantes enquanto proposta curricular nacional, visto que, como documento normativo da Educação Nacional, é lei nacional e passa a ser de uso obrigatório e não mais uma orientação que poderá ser ou não executada. No estudo de Silva (2018), o autor identificou uma concepção de currículo marcada pelo legado tecnicista de 30 ou mais décadas atrás e de forma a perpetuar uma educação pautada em uma concepção que reafirma uma sociedade voltada para o neoliberalismo, reforçando uma escola com currículos engessados e voltados com força para habilidades e competências que atendam a um mercado econômico emergente do mundo empresarial contemporâneo.

Ao analisar as reportagens publicadas na Revista Nova Escola, elegi algumas imagens de capas do material empírico relacionadas ao texto, que foram analisadas conjuntamente. Isso robusteceu e deu respaldo ao processo por entender que o documento me munuiu de forma complementares de análise.

As imagens como meio de comunicação e de representação de mundos, tem um lugar central na contemporaneidade, sobretudo na revista pesquisada. Não aceitar a imagem como possibilidade de instrumento metodológico é negligenciar um material importante da compreensão da experiência humana contemporânea. (MEYER; PARAÍSO, 2014, p. 267).

As 16 reportagens publicadas na Revista Nova Escola compuseram elementos que se organizam entre o que os profissionais que escrevem sobre educação concebem como importante em relação às Competências Socioemocionais na educação na contemporaneidade.

Quadro 5 – Reportagens da Revista Nova Escola

(Continua)

TÍTULO DA REPORTAGEM	DATA DA PUBLICAÇÃO
Como aplicar na prática as Competências Socioemocionais. Entenda como as competências que guiam os aprendizados da Educação Básica se desdobram no dia a dia da escola	11 de Maio 2018
Não precisamos escolher entre competências cognitivas socioemocionais. Para a pesquisadora Rocio Garcia-Carrion, a chave está nas comunidades de aprendizagem e como vencer a resistência de alguns professores.	12 de Julho 2018
Criatividade abre as portas para melhor aprendizagem guiadas pela curiosidade, as crianças podem ser incentivadas a pesquisar e se tornarem agentes do aprendizado.	22 de Agosto 2018
Howard Gardner: “Nunca encontrei nada importante que só possa ser ensinado de uma única maneira” Autor da teoria das inteligências múltiplas defende individualização e pluralização da aprendizagem.	18 de Setembro 2018
BNCC, Constituição e Ética são destaque na Agenda NOVA ESCOLA Uma programação especial para marcar 30 anos da Constituição de 1988, conteúdos exclusivos da Base e um curso de Ética em vídeo para ajudar na formação	01 de Outubro 2018
Como usar as ferramentas digitais a favor das competências socioemocionais. Essenciais ao mundo contemporâneo, as Competências Socioemocionais são transversais ao currículo escolar.	27 de Novembro 2018
Quais são os caminhos para ensinar no mundo digital? Com o avanço da tecnologia, o mundo está mudando rápido. Mas a escola ainda está longe do ideal.	15 de Janeiro 2019
O futuro pede habilidades socioemocionais, autoconhecimento, regulação emocional, resiliência, empatia e julgamento para tomar decisões responsáveis podem ser aprendidas na escola e são importantes aliadas para as mudanças trazidas pelo desenvolvimento tecnológico.	31 de Janeiro 2019

(Conclusão)

Como preparar os alunos para a fluência digital. Saiba o que é fluência digital, como ela afeta a sala de aula e como ela pode colaborar para a construção de cidadãos críticos.	12 de Fevereiro 2019
7 ações para superar as barreiras da tecnologia na sala de aula. Há mitos sobre o uso da tecnologia que se tornam barreiras para fazê-la uma aliada do processo educativo. Veja como romper com as barreiras.	16 de Abril 2019
Tecnologia: 5 dicas para inserir ferramentas digitais em suas aulas. A professora Débora Garofalo, finalista do Global Teacher Prize, compartilha suas dicas.	23 de Abril 2019
5 motivos para inserir programação e robótica no currículo escolar. Elas ajudam no desenvolvimento de habilidades para resoluções problemas reais e das Competências Socioemocionais.	28 de Maio 2019
16 hábitos para aprender e desenvolver ao longo da vida escolar. Pesquisadora neozelandesa Karen Boyes discute hábitos e pensamentos que melhoram a nossa relação interpessoal e que podem ser trabalhados na escola.	10 de Junho 2019
A vítima do <i>bullying</i> é o professor. E agora? O debate e a prevenção do problema costumam ser centrado nos alunos, mas 12,5% dos docentes brasileiros afirmam ser vítimas de agressões verbais ou intimidações.	28 de Agosto 2019
A Finlândia e a Base Nacional não servem para nada, diz José Pacheco. Para o educador, as turmas precisam acabar o quanto antes e a Educação precisa se voltar para as relações aliadas à tecnologia digital.	05 de Setembro 2019
Por que você precisa da convivência democrática na sua escola? Pesquisa com mais de 8 mil alunos mostra que esse é um valor pouco vivenciado nas escolas e que merece mais atenção.	07 de Outubro 2019

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Ressalto os trabalhos de Gerzson (2007), Silva (2011^a), quando os autores realizaram, através da análise de reportagens de revistas, parte de suas teses, a potência que materiais como este tem, no campo das pesquisas, o que fortaleceu o meu envolvimento com a temática da dissertação e com o material empírico escolhido.

5.1 REVISTA NOVA ESCOLA, VIROU MANCHETE!

A Revista Nova Escola surgiu na década de 1980, no ano de 1986, e visava a ampliação do leque de possibilidades de formação e informação aos professores

brasileiros sobre a educação. Foi fundada por Vitor Civita e, posteriormente, lançada à Fundação de mesmo nome.

A Fundação Vitor Civita transferiu a marca das revistas Nova Escola e Gestão Escolar para a Associação Nova Escola. Esta, uma associação sem fins lucrativos, vem sendo mantida pela Fundação Lemann⁹, que traz na sua história uma missão e visão que se diz voltada para apoiar a educação no Brasil, através de uma perspectiva humanizadora. Em circulação há mais de três décadas, hoje, a revista funciona para assinantes e de forma virtual, na modalidade *online*, com conteúdo aberto ao público em geral.

A partir de 2013, os professores passam a acessar a Revista Nova Escola com edição digital. Isso possibilitou a ampliação de circulação e facilitou o acesso de mais professores e gestores na busca de conteúdos para referenciar seus processos de planejamento e formação.

Em 2020, a Fundação na continuidade e remodelagem de suas atividades traz a perspectiva de valorização do professor através de incentivos e premiações. O Prêmio Educador Nota 10 foi criado há 23 anos pela Fundação Victor Civita. Realiza suas produções voltadas para professores e gestores e com objetivo de atingir o público da educação pública e privada desde a Educação Infantil ao Ensino Médio.

Hoje, o Prêmio conta com a parceria de mídia da Abril, Globo e Fundação Roberto Marinho, tem o patrocínio da SOMOS Educação e BDO, e o apoio da Nova Escola, Instituto Rodrigo Mendes e Unicef. Desde 2018, o Prêmio Educador Nota 10 é associado ao Global Teacher Prize, realizado pela Varkey Foundation, prêmio global de Educação. (Disponível em: <<https://fvc.org.br/fundacao-victor-civita/nossa-historia/>>. Acesso em: 20 nov., 2021.).

No ano de 2020, segundo reportagem, uma das grandes preocupações da Fundação foram os desafios enfrentados diante do cenário educacional em que muitas escolas não têm acesso às tecnologias digitais e, em virtude do complexo

⁹ Desde 2002, a Fundação Lemann acredita que um Brasil feito por todos e para todos é um Brasil que acredita no seu maior potencial: **gente**. Isso só acontece com **educação de qualidade** e com o apoio a **pessoas que querem resolver os grandes desafios sociais do país**. Nós realizamos projetos ao lado de professores, gestores escolares, secretarias de educação e governos por uma aprendizagem de qualidade. Também apoiamos centenas de talentos, lideranças e organizações que trabalham pela transformação social. Tudo para ajudar a construir um país mais justo, inclusivo e avançado. **Missão:** Colaborar com pessoas e instituições em iniciativas de grande impacto que garantam a aprendizagem de todos os alunos e formar líderes que resolvam os problemas sociais do país, levando o Brasil a um salto de desenvolvimento com equidade. **Visão:** Um Brasil justo e avançado, onde todos têm a oportunidade de ampliar o seu potencial para fazer escolhas e criar impacto positivo no mundo. Disponível em: <<https://fundacaolemann.org.br/somos>>. Acesso em: 09 set. 2020.

contexto mundial pandêmico, isso se tornou mais claro, especialmente a falta de aparelhamento nas escolas e os recursos necessários para a manutenção do ensino e a aprendizagem dos alunos.

Realizei a análise de 16 reportagens da Revista Nova Escola, veículo de comunicação e formação utilizado por professores, quer sejam estes de escolas da rede pública ou privada. A escolha pelo recorte temporal, biênio 2018/2019, se justifica pela temporalidade que tornou obrigatória a Nova Base Nacional Comum Curricular, nas escolas de Educação Básica.

Nesse movimento de olhar este documento, em prol de garantir e elevar a qualidade da educação, as competências gerais e Competências Socioemocionais se evidenciam no documento BNCC (2017).

Para Zabala,

A competência identificará aquilo que qualquer pessoa necessita para responder aos problemas aos quais se deparará ao longo da vida. Por tanto, competência consistirá na intervenção eficaz nos diferentes âmbitos da vida mediante ações nas quais se mobilizam ao mesmo tempo e de maneira inter-relacionada, componentes atitudinais, procedimentais e conceituais. (ZABALA, 2010, p.37).

Pensando em competência, tomo como base o documento desenvolvido por intermédio do MEC, a (BNCC, 2017) e, a partir do conceito de Zabala (2010), apresento informações sobre as competências socioemocionais, a correlação com as atitudes que cada uma das cinco macros competências podem gerar em seus desdobramentos, que têm relação com o *Big Five*, o constructo idealizado pela psicologia comportamental, que precede as competências socioemocionais e destacam aspectos da personalidade humana. Investiguei como as competências socioemocionais passaram a integrar a educação básica de forma privilegiada a partir das narrativas da revista Nova Escola, e tomei esses elementos como caminho possível para as produções e análises.

O documento BNCC (2017) foi homologado em dezembro de 2017 e passou a ser incorporado em todo o país. As discussões posteriores, no ano de 2018, validaram a Base Nacional Comum Curricular, com ajustes para o Ensino Médio, assim que completou o documento. A partir deste documento, que foi construído com referência em habilidades e competências, surgiu uma abordagem em programas educação de ordem privada e notícias em reportagens de revistas com

as Competências Socioemocionais e sua possível relação com as competências gerais alinhadas na BNCC (2017).

Vários pesquisadores e intelectuais brasileiros se posicionam mostrando a lógica neoliberal de tal documento, como Macedo (2017), Silva, (2015), Smolka (2017), Silva (2018).

Todas as reportagens analisadas estão disponíveis na Revista eletrônica Nova Escola, com acesso para assinantes e não assinantes. Isso torna a leitura e utilização acessível ao público de professores com maior ou menor poder aquisitivo. A atualidade das reportagens também é um fator importante, já que a dissertação se propôs a investigar as Competências Socioemocionais na educação na contemporaneidade.

Ao selecionar as revistas, pelos descritores *Competências Socioemocionais e Emoções*, percebi que a busca não localizou nos títulos das 16 reportagens estes descritores, mas no seu conteúdo todas abordam e tratam como importante os dois elementos.

Na sequência, construí um quadro com ano e data de publicação das reportagens selecionadas e quantas foram publicadas em cada mês. Saliento que nem sempre, nos títulos, os leitores irão encontrar as palavras Competências Socioemocionais, mas, essas palavras-chave são contempladas no conteúdo em pauta.

Neste primeiro momento, esta organização possibilitou observar as tipologias textuais presentes: entrevistas, artigos, relatos de experiências dentre outros.

Quadro 6– Reportagens analisadas da Revista Nova Escola ano 2018.

ANO	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
2018	0	0	0	0	1	0	1	1	1	1	1	0
Total	37, 5%											

Fonte: Elaborada pela autora (2020).

Quadro 7 – Reportagens analisadas da Revista Nova Escola ano 2019.

ANO	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
2019	2	1	0	2	1	1	0	1	1	1	0	0
Total	62,5%											

Fonte: Elaborada pela autora (2020).

Nesta busca, observei que os anos escolhidos como recorte temporal para seleção e produção do material empírico perfizeram um quantitativo significativo para análise. No ano de 2018, ano de implantação da Base Nacional Comum Curricular, há um número menor de reportagens, 6 no total, que representa 37,5% do material empírico. Entretanto não diminui a importância das informações contidas nos textos, tendo em vista que a análise é o que vai trazer à tona as respostas às minhas questões investigativas. Ao refletir sobre o quantitativo de 10 reportagens em 2019, no total de 62,5% do material para análise, por ser um ano após o início da utilização do material BNCC (2017) nas escolas, suspeito que a revista optou por uma produção mais massiva com o objetivo de atender a demanda de professores em busca de informações sobre o tema e alcançar elevado número de leitores.

Instigada a compreender os sentidos das narrativas da Revista Nova Escola, questioneei: Como a *Revista Nova Escola* apresenta as competências socioemocionais na Educação Básica na Contemporaneidade? A partir desta problemática central, outras questões investigativas mais específicas auxiliaram na investigação:

1) Como as reportagens selecionadas da Revista Nova Escola no biênio 2018/2019 apresentam as Competências Socioemocionais na/para a Educação Básica?

2) Como as reportagens na Revista Nova Escola propõe o desenvolvimento das Competências Socioemocionais na escola de Educação Básica?

Após um exaustivo período de análise, escrutínio e organização do material empírico e com as perguntas acima como orientadoras, cheguei a um conjunto de 2 grupos de sentidos que passei a analisar nos capítulos que desenvolvi as análises.

Os dois grupos de sentidos são intitulados: *Competências Socioemocionais e as tecnologias digitais; Competências Socioemocionais e as práticas para a aprendizagem do(a) aluno(a)*. Esses grupos, respectivamente, dão origem aos capítulos, seis e sete, utilizando também os mesmos nomes, pois percebi que o olhar que tive quando formei os grupos me fortaleceram a utilizar nos títulos dos capítulos.

Para chegar a estes dois grupos, e aos títulos, li e reli várias vezes as reportagens. O primeiro olhar foi para as regularidades encontradas nas manchetes. As tecnologias a serviço do trabalho do professor, para que este pudesse apresentar e conseguir a compreensão dos alunos para a aprendizagem das competências socioemocionais. As imagens também aguçaram minha busca por mais elementos, pois as mesmas traziam em um quantitativo significativo, a figura de crianças olhando para telas de computadores, com aparelhos tecnológicos nas mãos ou a própria imagem do notebook como chamativo para o imperativo tecnológico, que se tornou imprescindível na educação básica na contemporaneidade.

Na construção do segundo grupo de sentidos, utilizei a mesma lógica do olhar atento às leituras e as imagens, buscando sempre a relação com os conceitos utilizados na pesquisa e seu entrelaçamento com as competências socioemocionais. Encontrei a aprendizagem, desta vez, com um foco mais incisivo na educação voltada para a formação do aluno.

Dessa forma, passei a problematizar o tema de pesquisa a partir do que vivenciei enquanto professora e coordenadora pedagógica, compreendendo que o olhar agora é de pesquisadora e que a partir da educação básica na contemporaneidade. Com uma maior experiência na educação formal, constituí um arcabouço teórico e prático e passei a investigar: *“Como a Revista Nova Escola aborda as competências socioemocionais na Educação Básica na Contemporaneidade?”*

A partir da hipercrítica, por mim escolhida para a constituição metodológica desta pesquisa, pretendi desnaturalizar a percepção sobre como as revistas trazem assuntos tão relevantes como ensino e aprendizagem das Competências Socioemocionais na educação básica, de forma a reduzir a formação integral, o ensino e o papel do professor, para dar espaço a outras formas de conhecer, que colocam o professor em segundo plano ou melhor como ‘pano de fundo’. Com isso, não quero dizer que o professor, na perspectiva de docência estudada por mim, seja

a figura central na construção do conhecimento, mas acredito que sem ele, também não se faz educação escolar.

No projeto de qualificação, eu havia realizado um ensaio de análises, apresentado à banca avaliadora, a partir de um quadro com restrita análise. Neste, continham apenas o tema da reportagem, ano e uma palavra, unidade das competências socioemocionais. Após esse momento de trabalho, incorporando as sugestões da banca e muitas outras leituras, avaliamos em conjunto, orientanda, Professora Eli e Professora Samantha, (orientadoras) e ampliamos o escopo.

Apresento os conceitos que assumi nessas análises:

O conceito de *competência* como um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes em determinado contexto, que possam integrar o conhecimento no sentido de uma formação integral, esse conceito selecionado tem a ver com os estudos dos autores que me acompanham, como Perrenoud (1999a) e o conceito construído pela UNISINOS, (2006), apresentado no terceiro capítulo de contextualização histórica das Competências Socioemocionais.

A *docência*, como processo de artefania, amplamente abordado por Fabris (2015; 2018), Dal'Igna (2019), e estudado no grupo de prática de pesquisa o qual participo e que me possibilitou reflexões caras e partilhas significativas.

Os conceitos de *ensino e aprendizagem*, abordados em Biesta (2013;2020), é um dos mais controversos, que provocam questionamentos transformadores, necessários a prática docente com a qual me identifico e acredito ser consistente para e na formação de professores e alunos do século XXI.

A partir de agora, julgo importante mostrar meu entendimento sobre o conceito de competências que passo assumir nesta pesquisa. Assumo tanto o conceito trabalhado no currículo da UNISINOS, como o conceito de Perrenoud. Neste sentido, Perrenoud contribui para esse entendimento quando ele diz:

Se aceitarmos que competência é uma capacidade de agir eficazmente num determinado tipo de situação, apoiada em conhecimentos, mas sem se limitar a eles, é preciso que alunos e professores se conscientizem das suas capacidades individuais que melhor podem servir o processo cíclico de Aprendizagem-Ensino-Aprendizagem. (PERRENOUD, 1999b, p. 7).

Este ciclo reflete a conhecimento como processo contínuo, que não se acaba e que não tem um fim em si mesmo. Isso traduz também a hipercrítica que olha para as raízes dos processos, não para julgar, mas para compreendê-los em

determinado contexto, tempo e circunstância. A partir deste conceito, as aproximações com as análises se fortaleceram e fui buscando deixar claro o potencial das revistas na condição de formadora de opinião.

As análises foram realizadas a partir dos excertos dos textos e algumas de suas imagens, guiados pela crítica radical. Todas as análises estão relacionadas com alguma competência socioemocional. Na estrutura das macros e micros competências socioemocionais, o conteúdo está lá, para ser acessado, ensinado e colocado em prática, como informa e propõe a Revista Nova Escola.

Com a metodologia definida e os grupos de sentidos organizados, nos próximos capítulos, realizo análise das reportagens selecionadas.

6 COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS: Modos de se Tornar Sujeitos do Século XXI

É necessário compreender que a Educação do século 21 passa também por uma mudança de mentalidade em relação ao modo de ensinar e aprender. Nele, a priorização das relações socioemocionais é a chave do sucesso para que as transformações ocorram na Educação.

Fonte: Revista Nova Escola, 18 de janeiro, 2019.

Neste capítulo, desenvolvo a análise do primeiro grupo de sentidos, que leva o mesmo nome do título: *Competências socioemocionais e as tecnologias digitais* como já mencionado no capítulo metodológico. As reportagens selecionadas que deram subsídios para chegar ao primeiro grupo de sentidos, onde mostro a relação entre as Competências Socioemocionais e as tecnologias digitais para a formação do sujeito do século XXI, são: a) *Como usar as ferramentas digitais a favor das Competências Socioemocionais* (2018); b) *Quais são os caminhos para ensinar no mundo digital* (2019); c) *5 motivos para inserir programação e robótica no currículo escolar* (2019); d) *Como preparar os alunos para a fluência digital* (2019); e) *7 ações para superar as barreiras na sala de aula* (2019); f) *Tecnologias: 5 dicas para inserir ferramentas digitais em suas aulas* (2019); g) *O futuro pede habilidades socioemocionais* (2019); h) *A vítima do bullying é o professor. E agora?*

Todas as reportagens, de certa forma, respondem as questões investigativas, o exercício que fiz foi organizar o material em grupos de sentidos mais recorrentes para proceder às análises.

O material mostrou que as Competências Socioemocionais com o uso das tecnologias digitais passaram a ser potencializadoras da racionalidade neoliberal que, na contemporaneidade, atuam no empresariamento de si, posicionando o professor como dispensável ou mero mediador e o aluno é a aposta no futuro, e o futuro parece ser de quem faz melhor sem a necessidade de ser ensinado, aprendendo pelo próprio esforço, como um ser proativo e empreendedor de si mesmo. “A solução de problemas de forma colaborativa, o pensamento crítico, criativo e a capacidade de fazer escolhas responsáveis, são algumas das demandas apresentadas para a escola do novo século”. (CARVALHO; SILVA, 2017, p. 180).

A escola aqui, definida como a proposta para este século e permeada pela indústria da economia educacional vigente, é atravessada pelas novas regras mercadológicas, pelas demandas de responsabilidade do aluno pelas próprias

decisões e engajamento com a construção do seu conhecimento, ao mesmo tempo que justifica o seu sucesso ou fracasso escolar.

No entanto, é preciso uma ressalva, ao colocar o aluno como protagonista, pois o professor pode ser apenas aparentemente colocado fora de cena, uma vez que, sobre ele, na lógica neoliberal há uma precarização do trabalho docente com uma regulação acentuada das suas atividades e funções. Sobre ele recai uma responsabilização e culpabilização pelos resultados e um controle e vigilância de suas ações, pois o mesmo é convocado intimamente para a cobrança sobre si mesmo. Sibilía (2012), nos apresenta como se situam os professores nesse cenário,

Os professores por sua vez, muitas vezes não sabem como enfrentar esse novo cenário: assim, além de suportarem a precariedade socioeconômica que assola a profissão em boa parte do planeta, têm que lidar com as aflições suscitadas pelos questionamentos acerca do significado de seu trabalho e com a dificuldade crescente de estar à altura do desafio”. (SIBILIA, 2012, p. 65).

As competências e o foco dessa análise - as Competências Socioemocionais - tomam conta dos currículos atuais, por isso, elas se propagam também nas reportagens analisadas. Meu argumento para defender que nas reportagens há um grupo de sentidos que mostra as tecnologias digitais como o modo preferencial para a formação desse aluno do século XXI é analisá-las e mostrar essa lógica neoliberal em operação.

Amplio o sentido desse argumento quando vejo as narrativas abordarem o processo de conhecimento escolar pelas lentes da aprendizagem e da avaliação em larga escala, subordinando o ensino às máquinas, ao tecnológico como responsabilidade do aluno e responsabilização do professor. O aluno passa a ser encorajado ou melhor “treinado” para dar conta de aprender a aprender e aprender a ser, através do seu desejo, disponibilidade e engajamento. Nessa perspectiva, a prática para a construção do conhecimento é obtida através do aperfeiçoamento, do exercício repetido e recorrente como uma pessoa com competências necessárias ao novo tempo, pois deve introjetar essa nova lógica de um sujeito performático com marcas de rapidez, aceleração e qualidade performática baseada em modelos padronizados. A qualidade é performática de acordo com Hattge (2014).

No excerto a seguir, a autora nos apresenta outras tecnologias que não as tecnológicas, mas que agem sobre o sujeito para que sejam constituídos para a sociedade performática:

Também nas reformas educacionais levadas a cabo na educação básica, as tecnologias colocadas em funcionamento por meio da gestão da escola, como a cultura de metas, a meritocracia, a visibilidade dos indicadores de desempenho dos sujeitos e das organizações, trazem impactos profundos e instituem novas formas de regulação das condutas. (HATTGE, 2014, p. 115).

A regulação por meio de provocações ao aprendizado das competências que devem ser articuladas na escola. Essa articulação passa a ser a referência de quem é o sujeito ideal, para o trabalho ideal, com o perfil ideal de profissional para o mercado neoliberal. Nesse exercício formativo, com as tecnologias digitais, outras capacidades seriam desenvolvidas, do âmbito socioemocional: a resiliência, a abertura para o novo, o enfrentamento de conflitos, o engajamento, conscienciosidade são algumas das competências a serem mobilizadas pelas tecnologias digitais.

Essa proposta das competências socioemocionais na lógica neoliberal passa por um processo de mensuração que as colocam como um jogo quiz. Segundo Silva (2018), “um dos dispositivos engendrados atualmente, que adquiriram maior visibilidade são os jogos de questionários que estimulam a interação com o público” (SILVA, 2018, s/p). O jogo passa a ser uma forma de interação com o visual e com os outros participantes, de perguntas e respostas em que é possível, de forma dinâmica, responder e tornar o tempo mais uma forma de se fazer potente, avaliando conhecimentos, rapidez nas respostas e assertividade, estratégias lúdicas e assim potencializam a competitividade e a individualidade.

6.1 AS TECNOLOGIAS DIGITAIS DESENVOLVENDO AS COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS

A partir das 8 reportagens analisadas no capítulo 6, cheguei ao primeiro grupo de sentidos, “*As competências socioemocionais e as tecnologias digitais*”. Nesse grupo de sentidos, é possível verificar nas reportagens um conjunto de anunciações que possibilitam olhar para a tecnologia como imperativo desse novo tempo, na contemporaneidade ao se propor a ensinar os alunos da educação básica, como conteúdo imprescindível para o aprendiz do século XXI.

Fabris, Dal’Igna e Silva (2018), ao apresentarem o artigo “*O imperativo da inovação e a produção da docência: modos de ser professor*”, a partir de duas teses que analisaram os processos envolvidos na constituição da docência, nos mostram

como a transformação da sociedade disciplinar para a sociedade de controle produz efeitos na constituição do sujeito contemporâneo, produzindo almas criativas, sujeitos adequados ao neoliberalismo, especialmente quando afirmam:

A escola-empresa precisa se adaptar às mudanças, em vez que, no lugar de corpos dóceis e disciplinados (necessários às fábricas no neoliberalismo), o mercado empresarial precisa de almas criativas. A sociedade disciplinar é substituída pela sociedade do controle. O investimento não está no corpo, mas na alma. (FABRIS; DAL'IGNA; SILVA, 2018, p. 97-98).

Na esteira dos autores, a escola que desenvolve as mentes e as almas, muito mais que docilizar os corpos, cria um perfil padrão de autorregulação, com vistas a revelar esse sujeito sutil, hábil para lidar com a sociedade exigente, que se mostra interessado por respostas rápidas e eficazes diante das suas necessidades.

Para formar esse sujeito do século XXI, é necessário muito mais do que trabalhar as questões cognitivas, mas introduzir nele o desejo de crescimento e desenvolvimento a partir de um constante e incisivo envolvimento com a lógica empresarial, que atravessa todas as suas relações sociais, e que o leva esse sujeito a acreditar que tudo ele pode, desde que siga os padrões e as regras estabelecidas pela lógica neoliberal, uma lógica que envolve de forma sutil, sem ser impositiva e/ou agressiva.

Se na atualidade se discutem as possibilidades de uma educação que possa buscar novas formas de ensinar e aprender em uma escola mais integrada, aliada ao contexto dinâmico e rápido no qual estamos a vivenciar, não se pode excluir a tecnologia e as ferramentas necessárias, isto é fato, e precisa ser considerado na educação.

Nestas reportagens, encontrei, como recorrência, as tecnologias como ferramentas tecnológicas, a partir das quais os alunos podem aprender a desenvolver as competências socioemocionais com mais facilidade. No entanto, ressalto que a ideia de agregar a palavra “competências” ao termo “socioemocional” se amplia e ganha potência quando esses dois conceitos juntos, na perspectiva de um mundo corporativo atual, se dimensionam na escola e conseqüentemente no mercado de trabalho. Essas competências tornam-se estratégias para potencializar o empreendedorismo de si e um sujeito adequado, competente para o mercado do século XXI, talvez, o trabalhador do século XXI, onde a lógica neoliberal vai formando-o para a competição e o individualismo, embora aja em grupos e em

ações de cocriação. As tecnologias passam a operar como um imperativo necessário e imprescindível para esse tempo.

No próximo quadro, composto por três reportagens, mostro como as revistas apresentam as tecnologias digitais como esse imperativo do nosso tempo, na constituição dos sujeitos.

Apresento como a revista dá o caminho e a “chave do sucesso”, para que todos sejam encaminhados por meio das tecnologias digitais para o quê e como seguir o caminho (metodologias) para desenvolver as Competências Socioemocionais.

Quadro 8 - Quando a tecnologia digital produz o humano: engajamento, colaboração, controle, por meio de práticas participativas, colaborativas... “a chave do sucesso”!

(Continua)



REPORTAGEM: COMO USAR AS FERRAMENTAS DIGITAIS A FAVOR DAS COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS.

O caminho deve contemplar o **diálogo, rodas de conversa e estudos de casos**, dentro de atividades e suportes de ferramentas digitais”

Algumas ferramentas digitais de fácil acesso – e algumas delas são até velhas conhecidas nossas – são excelentes suportes para trabalhar com os alunos e propícias para o desenvolvimento das Competências Socioemocionais.

Google sala de aula: é uma ferramenta de colaboração e, por isso, possibilita neste ambiente virtual e interativo o eixo das Competências Socioemocionais relacionadas ao engajamento com os outros.

Redes sociais: que tal criar um grupo de Facebook com os estudantes, trazendo exemplos de questões socioemocionais e no final pedir para os alunos utilizar os *emoctions* para expressar seus sentimentos? Esse é um bom exercício para trabalhar com o tema, além de aproximar o aprendizado da realidade com os alunos.

Fonte: Nova Escola, 27 de novembro de 2018.

(Conclusão)

Redes sociais: que tal criar um grupo de Facebook com os estudantes, trazendo exemplos de questões socioemocionais e no final pedir para os alunos utilizar os *emoctions* para expressar seus sentimentos? Esse é um bom exercício para trabalhar com o tema, além de aproximar o aprendizado da realidade com os alunos.

Fonte: Nova Escola, 27 de novembro de 2018.

REPORTAGEM: QUAIS OS CAMINHOS PARA ENSINAR NO MUNDO DIGITAL.

É necessário compreender que a Educação do século 21 passa também por uma mudança de mentalidade em relação ao modo de ensinar e aprender. Nele, **a priorização das relações socioemocionais é a chave do sucesso para que as transformações ocorram na Educação.**

A partir do desenvolvimento socioemocional, os estudantes aprendem a colocar em prática atitudes e habilidades para controlar emoções e sentimentos, resolver problemas, demonstrar empatia, manter relações sociais e agir com colaboração, reflexão e ética, exercitando ainda na escola, situações para a vida toda. Algumas ferramentas digitais podem ser trabalhadas dentro do contexto, entre elas destacam-se **mapas mentais** (Mind Node, Ree Plane e Coggle), **redes sociais e Google sala de aula.**

Fonte: Nova Escola, 15 de janeiro de 2019.

REPORTAGEM: 5 MOTIVOS PARA INSERIR PROGRAMAÇÃO E ROBÓTICA NO CURRÍCULO ESCOLAR

4 - Desenvolver as Competências Socioemocionais. Por si só, o ensino de programação e robótica tem como premissa a **colaboração, a troca de ideias, a resoluções de problemas para desenvolver projetos e avançar com os desafios que surgem ao longo do percurso.** Os alunos terão de resolver conflitos, trabalhar com questões e valores para avançar em seus protótipos, aprendendo a discordar e a lidar com angústias, frustrações, divergências de opiniões, ansiedade...

Fonte: Nova Escola, 28 de maio, de 2019.

Fonte: Elaborado pela autora (2021, grifos meus).

A partir do quadro 8, podemos dizer que, quando as competências socioemocionais são trabalhadas na escola e a proposta de aprendizagem é fundamentada na tecnologia como centralidade, a ferramenta pode passar a ter um caráter de constituição do eu. Essa fundamentação faz parte de um sistema no qual é destacado por Schlemmer:

Esses sistemas apresentam um conjunto de características que o definem, disponibilizando ferramentas que podem potencializar processos de interação, de colaboração e de cooperação. No entanto, muitos se restringem a apresentação de conteúdos e proposição de tarefas/exercícios/testes/provas já organizados e sistematizados anteriormente pelo professor. Em muitos deles a cooperação serve somente como técnica para motivar o aluno a executar o que já foi previamente definido preparado e apresentado pelo tutor, sendo esse o aspecto principal em detrimento da aprendizagem cooperativa, resultante de um processo de interação que propicia ao aluno autoria e autonomia no seu processo de aprendizagem. (SCHLEMMER, 2005, p 114).

Na esteira da autora, o sistema e as ferramentas passam a ser elementos que não atendem à proposta de educar para a autonomia, para a construção de elos que colaborem para o desenvolvimento dos sujeitos.

O que pretendi nessas análises foi a desnaturalizar algumas expressões usadas pela revista que nos seduzem para aceitar sem crítica alguma, esse lindo trabalho com os sentimentos e emoções. Olhemos para o quadro apresentado anteriormente. Ele mostra claramente como as tecnologias podem ajudar a desenvolver: engajamento, colaboração, controle de sentimentos e emoções, aprender a discordar, lidar com angústias, frustrações, divergências de opiniões, ansiedade, dentre outros sentimentos.

As redes sociais e seu uso pode ser um exemplo, de como a revista pensa tratar da formação do aluno,

Redes sociais: que tal criar um grupo de Facebook com os estudantes, trazendo exemplos de questões socioemocionais e no final pedir para os alunos utilizar os emotions para expressar seus sentimentos? Esse é um bom exercício para trabalhar com o tema, além de aproximar o aprendizado da realidade com os alunos

Fonte: Revista Nova Escola, 27 de novembro de 2018.

Nesta primeira capa, que anuncia a reportagem, “*Como usar as ferramentas digitais a favor das competências socioemocionais*” (2018), a revista faz o jogo de esconde o rosto, uma prática de crianças pequenas diante a vergonha ou novos desafios. Os elementos organizados ao redor deste rosto, *emotions* da criança com característica física de criança branca e com cabelos lisos desliza pelo apelo às emoções voltadas a um público que já é privilegiado. Parece-me que nesse cenário o trabalho de ensino e aprendizagem através das emoções são melhor elaborados num contexto mais abastado e vivenciado por pessoas cujo poder aquisitivo se reflete nas faces distribuídas na imagem diante das escolhas que certamente serão manipuladas pelo desejo de formar crianças com comportamentos desejáveis a uma sociedade da estética, do padrão e da modelagem. Importante, considerar sempre a complexidade do ensino e das aprendizagens, pois não podemos afirmar que trabalhar com as emoções seja uma prática neoliberal, nem que ensinar nossos jovens a serem empreendedores seja um mal, no entanto, dizer que todos podem e devem ser empreendedores, bem como empresários de si mesmos se constituam a problematização dessa pesquisa.

O aprendizado se dá através do ensino, e as ferramentas disponíveis podem auxiliar no processo. Antes de vivenciar atividades com *emoctions*, que são imagens produzidas a partir de uma visão das emoções, através de expressões faciais, muito pouco atinge ao que pode ser considerado formação para lidar com as próprias emoções.

A fabricação das emoções, nesta perspectiva, pode atender a uma necessidade de ilustrar e dar uma nova roupagem para os exemplos de estado emocional como sugere a matéria. Antes de criar grupos virtuais, é necessário lidar com o significado que as emoções trazem para os alunos. No entanto, essas revistas colocam nas tecnologias digitais a forma privilegiada de desenvolvimento das Competências Socioemocionais.

Ao não abdicar dos sentimentos e das emoções que são parte do humano e, portanto, de uma educação integral, não é necessário assumir as competências socioemocionais. Porque elas, nessa lógica, possuem outros objetivos.

A partir do desenvolvimento socioemocional, os estudantes aprendem a colocar em prática atitudes e habilidades para controlar emoções e sentimentos, resolver problemas, demonstrar empatia, manter relações sociais e agir com colaboração, reflexão e ética, exercitando ainda na escola, situações para a vida toda.

Fonte: Revista Nova Escola, 15 de janeiro de 2019, grifos meus.

Nesse excerto, fica visível o investimento da revista em mostrar como o desenvolvimento socioemocional é oferecido, apresentado como eficaz estratégia que vai produzir novas subjetividades para o sujeito que vive e é constituído nessa nova lógica empresarial.

Para entender essa estratégia neoliberal, é importante considerar o estudo de Silva (2017) que ao descrever a emocionalização mostra como no neoliberalismo, as emoções são acionadas junto com essa lógica empresarial para constituição desses sujeitos em que as emoções. As competências tomam uma proposta de competências para o século XXI, e “o foco pedagógico é direcionado para o indivíduo...” (SILVA, 2017, P. 709). Assumir as rédeas da sua formação é imprescindível e ao mesmo tempo o caminho mais seguro para constituir o futuro trabalhador, que ao gerir sua formação também produz significados aliados as competências socioemocionais, como a colaboração, responsabilidade, autonomia, autocontrole dentre outros.

Como podemos ver abaixo, as emoções acabam tonando-se centrais na educação que combina emoções e mercado, entre mercado e linguagens do eu. Vejamos como o autor nos ajuda a entender essa lógica:

A emocionalização pedagógica, valendo-se de uma centralidade nos aspectos socioemocionais em justaposição com os aspectos cognitivos (muitas vezes neuronais), aciona repertórios culturais centrados no mercado que, conforme Illouz (2007), colocam as relações interpessoais no centro da intervenção política. O neoliberalismo, “com um vocabulário entre a administração e a psicologia, permitiu uma mobilização afetiva no interior do mundo do trabalho que levou à fusão progressiva dos repertórios do mercado com as linguagens do eu (SAFATLE, 2016, p. 140 *apud* SILVA, 2017, p.710).

Dando seguimento à sua proposta formativa, a revista também mostra nesse mesmo quadro, que há uma metodologia apropriada: práticas participativas, colaborativas com uso das tecnologias digitais que são apresentadas como a “chave do sucesso”. Da mesma forma, podemos entrar nesse chamado sedutor, pois quem hoje não entende que as práticas participativas, interativas e colaborativas são práticas pedagógicas de nosso contemporâneo? De acordo com Scherer e Graff,

Destacamos que duas das questões que nos parecem nucleares para compreender a docência em tempos de educação customizada e de uma cultura coaching são: a centralidade na flexibilidade e na emotização. Nesse contexto, caberia ao coach (profissional que coordena o processo ou professor) identificar as singularidades dentro de um coletivo e desenvolver uma proposta pedagógica pautada pelas diferenças, e; ao coachee e (cliente ou aluno) projetar mudanças e construir estratégias, a partir de um ponto de ação. (SCHERER; GRAFF, 2020, p. 7).

O professor neste contexto pode tornar-se um potencial *coach*, pois oferece sua contribuição como um referencial de treinador/tutor, que apenas está para “orientar, motivar”, Laval (2019), um guia que mostra o caminho e não um professor que produz conhecimentos com os seus alunos. Nesta perspectiva, também me alio às contribuições de Sibilia (2012) com relação à pedagogia que ela chama de empreendedora. Isso requer que o professor seja capaz o suficiente de lançar a ideia do aprender para superar-se e produzir novos conhecimentos, e assim “inculcar nas crianças o espírito empresarial” (SIBILIA, 2012, p.130).

O professor que consegue mobilizar essa motivação passa a ter foco no treinamento do aluno para uma autorrealização. Ele se torna autossuficiente para superar os desafios, o desemprego e ousar a criar a sua própria carreira, em especial as tecnológicas, do qual tratamos neste capítulo. São os empreendedores

do futuro. Nesta perspectiva, as facilidades e comodidades são reconhecidas como o caminho para conhecer e cancelar as tecnologias como alvo diferencial no trabalho com as competências diversas dos alunos.

Retomando Laval (2019), o autor ainda mostra a estrutura da nova pedagogia escolar e, com isso, outra forma de ser professor. Com o enfraquecimento da formação docente e a potencialização da tecnologia como uma mola propulsora e mais potente no campo escolar, o ensino passa a ser secundário na construção do conhecimento.

Por mais que os sujeitos-trabalhadores busquem estar em acordo com as demandas de competências apresentadas pela lógica do capital, por mais que se disponibilizem a acompanhar as inúmeras proposições de “formação continuada”, por mais que estejam se sentindo aptos a desenvolverem seu trabalho, não conseguirão estar tranquilos em manter seu lugar no trabalho ou mesmo acessá-lo, pois, se sabe, o capital está organizado metabolicamente de modo a utilizar o mínimo de trabalhadores para o máximo de trabalho. (FERREIRA, 2011, p. 127-128).

Então, é preciso desnaturalizar tais práticas, ver que sujeito elas se propõem formar e com qual finalidade. É preciso saber que nada em si é bom ou ruim *a priori*; é necessário que analisemos como as Competências Socioemocionais tornam-se centrais e porque estão sendo desenvolvidas.

Continuemos com as análises. Importante pensar como essas mesmas emoções, sentimentos, forma de ser e agir propostos nessas reportagens, sempre estiveram no horizonte de um projeto educativo de formação integral. Se pensarmos em John Dewey, na década de 1930, podemos ver o quanto a abordagem ativa e engajada e que o trabalho com os pares era essencial, as escolas buscam a valorização do potencial do aluno, a partir de uma ideia de democracia.

E a experiência educativa, para Dewey, é nada mais que uma experiência inteligente, que alarga nossos conhecimentos, enriquece nosso espírito e traz um sentido mais profundo a nossa vida. É nisso que consiste a educação: um crescer permanente. E esse contínuo reconstruir, que é a educação, tem por objetivo melhorar a qualidade da experiência atual pela inteligência. Desse modo, ao ser definida por Dewey como processo ou experiência em constante reconstrução, a educação não deve ser confundida com processo de preparação localizado em determinado período da vida, eis que como processo em permanente reconstrução e reorganização perpassa toda a vida, restituindo-a ao seu lugar natural na vida humana como resultado inevitável das experiências. (SCHMIDT, 2009, p. 146).

Experiências constituídas ao longo da vida não se iniciam e nem encerram na educação formal (quero dizer, na escola), mas entendo que esta comunidade (escolar) passa a ser fundamental na organização das relações sociais, na trajetória do sujeito, nas ações que podem contribuir para o seu desenvolvimento, nas oportunidades de melhorar o mundo em que atua.

Os novos tempos pedem habilidades e competências que não são novas. Resolver problemas como apresenta o texto é parte de trabalho individual e coletivo e de cunho pedagógico. Se as tecnologias, assim como outras ferramentas eleitas para o desenvolvimento das competências socioemocionais, se fortalecem com uma nova política econômica e educacional para a formação de pessoas capazes de reforçar e reproduzir comportamentos desejáveis pela maquinaria do trabalho, a educação precisa andar na contramão do ensino compreendido nessa lógica empresarial. Ao proceder esse movimento, poder olhar para o centro do processo do ensino e aprendizagem e para a centralidade do conhecimento escolar e ter como central um conceito de formação integral da pessoa, pode ajudar a dar outros sentidos para a formação humana, independentemente de ser um ensino e aprendizagem desenvolvidos pelas competências, por objetivos e ou outras formas de organização curricular.

Uma escola que possibilite ao aluno a sua formação integral, ao desenvolvimento em sua totalidade, isso não quer dizer apenas assumir o turno integral como solução dos problemas, mas criar possibilidades onde o currículo escolar possa assumir o sujeito aprendiz em todas as suas dimensões. A visão de que as Competências Socioemocionais são proposições de ensino para a formação da nova identidade estudantil para o século XXI, também traz relação de um pensamento onde as ferramentas tecnológicas parecem dar conta de alavancar as mudanças educacionais necessárias para a formação integral do sujeito.

Desenvolver as Competências Socioemocionais. Por si só, o ensino de programação e robótica tem como premissa a colaboração, a troca de ideias, a resolução de problemas para desenvolver projetos e avançar com os desafios que surgem ao longo do percurso”.

Fonte: Revista Nova Escola, 28 de maio, de 2019, grifos meus.

Reportei-me a essa imagem da reportagem “5 motivos para inserir programação e robótica no currículo escolar” (2019) a partir da figura da professora

na condução de uma atividade em grupo, acerca de como a profissão reflete o acompanhamento dos alunos em todo o processo de construção do conhecimento e como o profissional, na formação junto às crianças, assim como as ferramentas pedagógicas e tecnológicas podem subsidiar as práticas educativas. Assim, também pude enxergar na imagem um contexto de recursos materiais bem completo, com aporte de computadores e bancadas que subsidiam o trabalho individual e coletivo, mesas e materiais de construção, para o trabalho coletivo do qual faz parte de uma realidade bem diferente da imposta nas escolas públicas.

No cotidiano pedagógico coletivo, se permite ensinar e aprender com sentido e significado, pois o sujeito partilha os saberes e ressignifica e consolida o conhecimento. As emoções fazem parte do contexto de relações interpessoais e o aprendizado precisa ser potente, com uma escola que compreende que, num espaço em que o professor fica de um lado e o aluno do outro, não há interlocução, portanto, pouco pode acionar emoções, ativar canais de inteligência e sensibilidade. Em concordância com Charlot (2014),

A escola é um lugar onde um professor isolado e pouco investido em um trabalho pedagógico coletivo ensina a alunos que estudam sozinhos, são avaliados individualmente e são considerados com desconfiança quando colaboram para realizar as suas tarefas. É difícil imaginar uma estrutura menos propícia à aprendizagem da solidariedade e do interesse comum e, portanto, à da cidadania, do que a escola, pelo menos a escola na sua forma atual. (CHARLOT, 2014, p. 118).

A construção de pensamento, necessária para lidar com as digitalidades pede flexibilidade, determinação, abertura ao novo, autoconfiança, competências socioemocionais que a programação robótica por si só não irá trazer, como diz o texto. Nesta perspectiva, o futuro será a aprendizagem? Ser protagonista do próprio conhecimento, aprender sozinho, professor como mediador, o aluno a exercitar as suas capacidades através das tentativas sucessivas? Tais indagações, certamente colocam o protagonismo nesta perspectiva empresarial, sustenta a intencionalidade do *home schooling* e o empresariamento de si.

Certamente, essa ênfase atual no protagonismo daquele que aprende – mesmo que se trate de um “menor” - implica novas experiências de ensino, bem distantes daquelas que se forjavam no dispositivo escolar tradicional; agora se baseiam na confiança e na responsabilidade, não mais na autoridade nem na lei, e se destinam a um sujeito infantil que está longe de ser o típico aluno de outrora. (SIBILIA, 2012, p. 125).

A produção da aprendizagem numa perspectiva de educação para o século XXI, que aposta e requer uma ferramenta (tecnológica) que se diz por si trazer novos conhecimentos, remete à ausência do ensino, tem um viés na educação de formação na constituição do saber pelo esforço próprio.

“A globalização da educação on-line”, como destaca Laval (2019), torna cada dia mais frágil a educação, em especial a da escola pública, que já padece de inúmeras necessidades dentre outras a formação continuada de professores e assim cada dia mais se fortalece a ideia de que a tecnologia por si só pode alavancar novas formas de ensinar e aprender, bem como as emoções passam a ser também terceirizadas, ofertadas em currículos socioemocionais, como se o desenvolvimento potencial do aluno fossem, “desafios a serem superados” através das redes que ligam os humanos à virtualidade imediata, talvez uma perspectiva de emoções programáveis.

Quadro 9 - Tão importante quanto estruturar as habilidades socioemocionais nos alunos é também desenvolver essas habilidades nos professores. Educação 1.0 (giz e lousa) à indústria e educação 4.0, ensino personalizado.

(Continua)

<p>nova escola</p> <p>Como preparar os alunos para a fluência digital</p> <p><i>Saiba o que é fluência digital, como ela afeta a sala de aula e como ela pode colaborar para a construção de cidadãos críticos.</i></p> <p>POR: Débora Garofalo 12 de Fevereiro 2019</p>  <p>Crédito: Getty Images</p> <p>Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/15696/como-preparar-os-alunos-para-a-fluencia-digital</p>	<p>nova escola</p> <p>7 ações para superar as barreiras da tecnologia na sala de aula</p> <p><i>Há mitos sobre o uso da tecnologia que se tomam barreiras para fazê-la uma aliada do processo educativo. Veja como romper com as barreiras</i></p> <p>POR: Débora Garofalo 16 de Abril 2019</p>  <p>Crédito: Getty Images</p> <p>Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/16974/7-acoes-para-superar-as-barreiras-da-tecnologia-na-sala-de-aula</p>
---	---

(Continua)

<p>nova escola</p> <p>Tecnologia: 5 dicas para inserir ferramentas digitais em suas aulas <i>A professora Débora Garofalo, finalista do Global Teacher Prize, compartilha suas dicas</i></p> <p>POR: Débora Garofalo 23 de Abril 2019</p>  <p>Crédito: Getty Images</p> <p>Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/17029/tecnologia-5-dicas-para-inserir-ferramentas-digitais-em-suas-aulas</p>	<p>nova escola</p> <p>O futuro pede habilidades socioemocionais <i>Autoconhecimento, regulação emocional, resiliência, empatia e julgamento para tomar decisões responsáveis podem ser aprendidas na escola e são importantes aliadas para as mudanças trazidas pelo desenvolvimento tecnológico</i></p> <p>POR: Celso Lopes de Souza 31 de Janeiro 2019</p>  <p>Foto: Getty Images</p> <p>Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/15449/o-futuro-pede-habilidades-socioemocionais</p>	<p>nova escola</p> <p>A vítima do bullying é o professor. E agora? <i>O debate e a prevenção do problema costuma ser centrado nos alunos, mas 12,5% dos docentes brasileiros afirmam ser vítimas de agressões verbais ou intimidações</i></p> <p>POR: Ana Carolina C D'Agostini 28 de Agosto 2019</p>  <p>Foto: Getty Images</p> <p>Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/18258/a-vitima-do-bullying-e-o-professor-e-agora</p>
---	--	--

REPORTAGEM: COMO PREPARAR OS ALUNOS PARA A FLUÊNCIA DIGITAL

A prática docente, também deverá ser revista desenvolvendo novas habilidades e competências para aprimorar o processo pedagógico e inserir ferramentas digitais com propósito ao seu planejamento.

É uma oportunidade para a educação criar estímulos cognitivos diferenciados. É um caminho a ser percorrido para a melhoria do aprendizado, capaz de despertar novas competências, entre elas a colaboração, a empatia e outras relações socioemocionais, assumindo um papel mais ativo na construção da sua própria aprendizagem.

Fonte: Nova Escola, 12 de fevereiro de 2019.

REPORTAGEM: 7 AÇÕES PARA SUPERAR AS BARREIRAS DA TECNOLOGIA NA SALA DE AULA

Estamos vivendo em um mundo cada vez mais marcado pela tecnologia. Com a indústria 4.0, o mercado está em constante avanço. Nós estamos vivenciando a educação 4.0, embora muitas escolas ainda estejam na educação 1.0, caracterizada pelo giz e pela lousa.

2) Explore: **muitas ferramentas digitais promovem novas formas de realizar uma prática pedagógica e explorar habilidades e competências diversas.** Produção de vídeos, fotos, podcasts, slides e blogs. São ferramentas que podem ser usadas pelo celular, computador ou tablet e que enriquecem as aulas – por permitir dinamismo e vivência. Uma aula pode ganhar muito com exibição de vídeos curtos ou fotos feitas pelos próprios alunos.

4) Insira: O foco da educação hoje está no desenvolvimento das competências e habilidades, entre elas colaboração, empatia, e relações socioemocionais. Aproveite para inserir as redes sociais em suas aulas, expandindo o aprendizado e promovendo um ensino mais personalizado. Edmodo, Blogger, Twitter e Instagram, são redes sociais que permitem, interação, personalização, e possibilidade de realizar trabalhos que expressem mais a vivência e a visão do aluno.

Fonte: Nova Escola, 16 de abril de 2019.

(Conclusão)

REPORTAGEM: TECNOLOGIA: 5 DICAS PARA INSERIR FERRAMENTAS DIGITAIS EM SUAS AULAS

Levar ferramentas digitais para as aulas parece um desafio muito grande para a maioria dos docentes e para as escolas brasileiras. Temos muito a avançar, começando por romper barreiras de infraestrutura, conectividade e formação docente continuada. E como perder o medo novo? Como superar as dificuldades e levar as ferramentas digitais para a sala de aula? Não existe uma receita pronta! O primeiro passo para que isso ocorra é uma mudança de atitude em nós, professores, compreendendo que inserir ferramentas digitais é uma possibilidade de reinventar a Educação e integrar áreas do conhecimento. O objetivo de seu uso é formar pessoas com conhecimentos variados, desenvolvendo habilidades, como as competências gerais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), pautadas nas Competências Socioemocionais e com foco para preparar nossos alunos para os desafios futuros.

Fonte: Nova Escola, 23 de abril de 2019.

REPORTAGEM: O FUTURO PEDE HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS

Esses dados apontam com clareza que a aprendizagem socioemocional pode impactar positivamente o desempenho acadêmico e a capacidade de lidar com os desafios que o século XXI já está exigindo. Ignorar essa realidade é omissão.

Tão importante quanto estruturar as habilidades socioemocionais nos alunos é também desenvolver essas habilidades nos professores. Afinal de contas, eles também estão no meio dessa revolução e mais do que nunca precisarão de muita resiliência e capacidade de regulação emocional para enfrentá-la.

Fonte: Nova Escola, 31 de janeiro, de 2019.

REPORTAGEM: A VÍTIMA DO BULLYING É O PROFESSOR. E AGORA?

Cabe ao gestor de cada escola estruturar condições para a cultura de paz e para o aprendizado de habilidades socioemocionais na escola, garantindo também o respeito ao professor nos mais diferentes níveis por meio da aplicação prática do que ensinam esses princípios. É importante também que o gestor garanta que as normas de conduta da escola e as consequências sejam claras e conhecidas por todos. Além disso, o gestor deve ser o responsável por repudiar qualquer tipo de violência contra os professores, inclusive por parte das famílias dos alunos que muitas vezes buscam desmoralizar o professor.

Fonte: Nova Escola, 20 de agosto, de 2019

Fonte: Elaborado pela autora, (2021).

No quadro anterior, as reportagens selecionadas, são um conjunto de práticas e saberes voltadas ao conhecimento que a contemporaneidade requer do professor. São mostradas as possibilidades de desenvolvimento de habilidades nos docentes, assim como a educação tem passado a promover a construção de competências e habilidades nos alunos. Trata-se de uma forma gerenciada e guiada pela racionalidade técnica. A marca da tecnologia e da educação 4.0 também é reforçada como necessária, é investimento imediato trocar a educação 1.0, (giz e lousa) pela

proposição ‘turbinada’, alavancada pelo gerenciamento tecnológico e o uso das mídias digitais.

A seguir na seção 6.2, dou continuidade ao foco do capítulo tecnologias digitais e ao desenvolvimento das Competências Socioemocionais, as análises trazem a crítica de como se desenvolvem as competências socioemocionais e de como o professor passa a ser protagonista da sua própria formação, como um investimento, “afinal de contas, eles também estão no meio dessa revolução e mais do que nunca precisarão de muita resiliência e capacidade de regulação emocional para enfrentá-la.” (NOVA ESCOLA, 31 de janeiro, 2019).

6.2 TECNOLOGIAS DIGITAIS NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR: (IN)Formar Pessoas para Conhecimentos Variados

A prática docente, também deverá ser revista desenvolvendo novas habilidades e competências para aprimorar o processo pedagógico e inserir ferramentas digitais com propósito ao seu planejamento.

É uma oportunidade para a educação criar estímulos cognitivos diferenciados. É um caminho a ser percorrido para a melhoria do aprendizado, capaz de despertar novas competências, entre elas a colaboração, a empatia e outras relações socioemocionais, assumindo um papel mais ativo na construção da sua própria aprendizagem.

Fonte: Revista Nova Escola, 12 de fevereiro de 2019, grifos meus.

Utilizo o recorte do texto “*Como preparar os alunos para fluência digital*”, com o objetivo de exemplificar a forma utilizada pela revista para abordar a formação e as tecnologias no campo docente, reitero que não há porque demonizar as novas tecnologias, no entanto na perspectiva colocada aparece como a primeira forma de ampliar o repertório de conhecimentos. Retomo o conceito da hiper crítica, o qual escolhi para realizar as análises e resalto a importância da materialidade, que, “[...] por si mesma, não faz sentido para nós enquanto “pura materialidade”; para que ela “se apresente” para nós, é preciso que se atribua um sentido para ela, graças a um intrincado processo que envolve a linguagem e a memória”. (VEIGA-NETO, 2020, p. 27).

Na esteira do autor, fazendo o deslocamento para a questão da atualidade centrada nas tecnologias como salvacionistas, as ferramentas digitais se tornaram aportes de tal importância, como nos traz o excerto que esse também passa a ser “o caminho”. “É um caminho a ser percorrido para a melhoria do aprendizado, capaz de

despertar novas competências, entre elas a colaboração, a empatia e outras relações socioemocionais[...]” (Revista Nova Escola, 02 de fevereiro de 2019).

A escola ainda caminha a passos lentos com a formação dos seus professores para fazer um bom ensino, mesmo que tradicional, mas qualificado e eficiente. Debater um bom texto para o domínio da leitura fluente é um possível caminho para a construção da “colaboração e empatia”, leituras que devem ser ensinadas na escola, da relação dos sujeitos que conseguem estabelecer um olhar ou melhor sentimento de coletividade a partir da escuta e fala mediadas pela relação dos pares e intervenções do professor. A manutenção dos vínculos, as interações no contexto das instituições públicas e privadas, a relevância do aluno conhecer seu professor, fortalecer elos são anteriores a outras práticas na escola. Na visão de Silva (2018),

Distanciamos-nos da possibilidade de pensar as tecnologias pedagógicas engendradas como produtos endógenos aos fazeres docentes, mas, antes disso, reconhecemos que sua intensidade é derivada das condições culturais de nosso tempo. Ao reconhecermos que se tornou recorrente, nas variadas modalidades e etapas da educação básica, a busca por metodologias de ensino diferenciadas e inovadoras, que sejam atrativas para os estudantes e, ao mesmo tempo, possam contribuir para a permanente busca pela excelência, optamos em colocar sob suspeita os modos pelos quais essas verdades pedagógicas são epistemologicamente construídas nas pedagogias contemporâneas. (SILVA, 2018, s/p).

Na esteira do autor, nas pedagogias contemporâneas, novas formas de constituição da excelência no fazer pedagógico, tem passado pelas metodologias diferenciadas, que ‘prometem’ trazer para este tempo de inovações e tecnologias, aulas mais atrativas e que façam a diferença na construção do conhecimento. Neste ponto a proposição do autor é de suspeição desse fazer.

A Revista também apresenta a necessidade de romper com os mitos e fortalecer o uso das tecnologias dentro das escolas. Mas antes de falar sobre mitos, avanços e quebra de barreiras a preocupação no início da reportagem “*7 ações para superar as barreiras tecnológicas em sala de aula*” (2019), se volta para as necessidades do mercado 4.0. A ideia de que os alunos são preparados para um mercado, como “mercadorias”, se acentua na educação da contemporaneidade. A relação da educação está sempre atrelada a formação para o trabalho na indústria e no comércio, na economia de forma geral. Vejamos no excerto a seguir.

2) Explore: muitas ferramentas digitais promovem novas formas de realizar uma prática pedagógica e explorar habilidades e competências diversas. Produção de vídeos, fotos, podcasts, slides e blogs. São ferramentas que podem ser usadas pelo celular, computador ou tablet e que enriquecem as aulas – por permitir dinamismo e vivência. Uma aula pode ganhar muito com exibição de vídeos curtos ou fotos feitas pelos próprios alunos.

Fonte: Revista Nova Escola, 16 de abril de 2019, grifos meus.

As ‘asas’ colocadas no corpo de um menino, expressas na capa da reportagem “7 ações para superar as barreiras da tecnologia na sala de aula” (2019), me instigaram a olhar o alçar voo de uma criança com acessório que representa o brincar com o simbólico, “as asas” e roupa de gente grande com gravata e paletó, que não se conectam na perspectiva de educação para a vida, mas da educação para o mundo do trabalho, de gente crescida, de uma perspectiva educacional, sempre no que “deverá ser” e não “no que ela já é”. De forma metafórica, “asas podadas para domesticar as mentes que voam”. E o que isso tem a ver com superação de barreiras tecnológicas em sala de aula? Por outro lado, as “asas” podem indicar subir tão alto que ninguém possa alcançar, um dos princípios do neoliberalismo, vencer sempre a concorrência.

Na palavra “explore”, como competência e um ponto considerado essencial para superar as barreiras tecnológicas em sala de aula, especifica a necessidade de trabalhar as Competências Socioemocionais com as tecnologias de forma a treinar e introjetar o ensino e aprendizagem com reforço, ao alimentar os recursos tecnológicos que fazem parte do contexto contemporâneo. “Como resultado molda-se indivíduos acrílicos ou sem motivos para contestação ou rebeldia, dispensando mediações coercitivas, pelos modelos institucionais que deixam sobressair devido ao uso da força, o poder da dominação” (MAGALHÃES NETO, 2019, p. 18). Pretendi mostrar como estas acentuadas formas de atingir o leitor por meio das ações interventivas que potencializam a força não coercitiva, mas incentivadora, mobilizadora, sedutora, estão presentes numa estratégia de poder, que na educação básica na contemporaneidade se utiliza de mecanismos, além dos disciplinares, para continuar explorando esse tão desejado conhecimento e atingindo a cada sujeito de forma muito mais potente.

É fato que as redes sociais permitem interação entre as pessoas. Redes sociais são meios de comunicação da contemporaneidade, promovem contatos quase que imediatos, na maioria das vezes imediato. No entanto, a educação 1.0

como colocada no texto “7 ações para superar as barreiras da tecnologia na sala de aula” (2019) a referência é de uma educação anterior à era tecnológica que precisa avançar e formar pessoas para essa nova era tecnológica.

A cultura digital hoje é inerente à nossa vida e também nos constitui. Porém, mensurar emoções para medir conhecimentos, passa a ser uma necessidade de formar e faz parte da racionalidade neoliberal que nos constitui na contemporaneidade.

A captura dentro de um contexto desafiador do mercantilismo tem como proposta a modelagem e é reforçada, como apresento no excerto abaixo, extraído do texto, “O futuro pede habilidades socioemocionais” (2019), o qual traz como centro da discussão uma pesquisa feita com 270 mil crianças e os impactos na formação acadêmica quando na escola foram trabalhadas as competências socioemocionais. Segundo o autor, o estudo realizado em 2011 teve impacto positivo e hoje, os entrevistados, já adultos revelam-se também com menos problemas mentais, de acordo com o mesmo estudo.

*Esses dados apontam com clareza **que a aprendizagem socioemocional pode impactar positivamente o desempenho acadêmico e a capacidade de lidar com os desafios que o século XXI já está exigindo.** Ignorar essa realidade é omissão. Tão importante quanto estruturar as habilidades socioemocionais nos alunos é também desenvolver essas habilidades nos professores. Afinal de contas, eles também estão no meio dessa revolução e mais do que nunca precisarão de muita resiliência e capacidade de regulação emocional para enfrentá-la.*

Fonte: Revista Nova Escola, 31 de janeiro, de 2019, grifos meus.

O impacto no desempenho acadêmico é uma das estratégias mercantilistas que promovem e acirram a concorrência entre pessoas de acordo com o seu potencial de competência mais ou menos alinhado às necessidades do novo trabalhador do século XXI. “Afinal de contas, eles estão no meio dessa revolução e mais do que nunca, precisarão de muita resiliência e capacidade de regulação emocional...” De acordo com Magalhães (2019), como consequência disso, “o sujeito ao educar-se incorpora valor comercial para si e pode vender seu valor no mercado de trabalho de forma proporcional a sua qualificação.” (MAGALHÃES, 2019, p. 43).

Atrelado às dificuldades e desafios de educar no contemporâneo outro aspecto emerge na educação do século XXI: o *bullying* nas escolas, um problema enfrentado na educação não só no Brasil, mas em muitos países. Este é um assunto

que impacta a saúde emocional dos alunos e professores. O enfrentamento de questões como esta é mostrado em ilustrações na capa da reportagem: “*A vítima do bullying é o professor. E agora?*” (2019). A emoção é expressa na capa pela imagem dos alunos ao arremessarem objetos contra a figura do professor, como um jogo de ‘vida ou morte’, de “todos contra um”. A docência mais uma vez é vítima do próprio sistema educacional. Não existe uma gestão com interesses para resolução e potencialização da autonomia. Conflitos que surgem são tratados de formas superficiais sem reais interesses de resolução (LAVAL, 2019). Na reportagem em pauta,

Cabe ao gestor de cada escola estruturar condições para a cultura de paz e para o aprendizado de habilidades socioemocionais na escola, garantindo também o respeito ao professor nos mais diferentes níveis por meio da aplicação prática do que ensinam esses princípios. É importante também que o gestor garanta que as normas de conduta da escola e as consequências sejam claras e conhecidas por todos. Além disso, o gestor deve ser o responsável por repudiar qualquer tipo de violência contra os professores, inclusive por parte das famílias dos alunos que muitas vezes buscam desmoralizar o professor.

Fonte: Revista Nova Escola, 20 de agosto, de 2019.

Pode-se compreender, a partir das reportagens anteriormente analisadas neste capítulo, que as Competências Socioemocionais aliadas às tecnologias digitais, adentram o universo escolar como ferramentas imprescindíveis para o desenvolvimento humano. Não há uma referência contundente para validação do trabalho docente; ele aparece enfraquecido, abordam o trabalho do ensino como secundário e em breve quem sabe ultrapassado. As competências, nestas análises estão na linha de abertura de qualquer situação de aprendizagem, mas não identifiquei os processos formativos e contínuos para sustentarem um currículo em que estas apareçam contextualizadas.

A Revista Nova Escola, nas suas narrativas, traz o poder do aluno em detrimento a fragilidade do professor, como uma questão puramente emocional. O enfrentamento às questões referentes ao conhecimento do ambiente escolar interpela a todos da comunidade escolar, família, gestores e alunos sobre suas responsabilidades diante à situações que não são levadas para o currículo. Mais uma vez, a representação e sua relação com o texto escrito refletem um campo significativo de análise, pois esse conjunto produz a narrativa (MIRA, 2017).

Estabeleço uma relação da apresentação e caracterização das competências a partir da análise do capítulo 6, com as questões investigativas que vêm responder

o objetivo central da pesquisa. Na perspectiva analisada, temos: Professor como treinador, aluno como protagonista de seu próprio conhecimento, ensino subordinado aos imperativos do mundo do trabalho, tecnologias como sustentáculo ou ancoragem para o trabalho do professor. Competências Socioemocionais são descritas como novas redentoras da educação no século XXI.

No capítulo a seguir, as competências socioemocionais e as aprendizagens dos alunos tomam o sentido que reforço como tese desta dissertação. Sustentada pelas questões envolvendo a aprendizagem através de uma desconexão com o ensino e a partir de uma lógica centrada na autoaprendizagem, o reforço se dá pela capacitação do aluno para o foco nas práticas que correspondem a essa demanda, a mesma que leva o professor a ser formado para ser um *coach*, como apontam alguns artigos, como os de Silva e Machado (2017). Os autores já trazem que a transformação do professor pelo processo de *coaching* que proporciona práticas que são aliadas ao desenvolvimento de competências para que se obtenha melhores resultados em sua formação e atuação, assim como a contribuição do *coaching* para o trabalho de formação dos professores na relação entre a teoria e a prática, abordada por Braz, Silva e Duarte, (2015). Em suma, um professor deve ser um líder eficaz. A revista, em muitos momentos, reflete e aborda esse processo de apreender e ensinar para os professores na atualidade.

7 COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS E AS PRÁTICAS PARA A APRENDIZAGEM DO (A) ALUNO (A).

[...] O pensamento criativo está relacionado às intuições, emoções e habilidades práticas. **A criatividade é parte das competências socioemocionais, propostas na nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC).** Essas características propõem o desenvolvimento do aluno como um cidadão completo, emocionalmente preparado para ter sucesso tanto nas relações pessoais quanto, no futuro, nas habilidades profissionais.

Fonte: Revista Nova Escola, 22 de abril, 2018, grifos meus.

Neste capítulo, continuei pela busca das continuidades e discontinuidades nas reportagens, ao examinar os sentidos tomados pela revista de como a aprendizagem ganha força e potência nas narrativas ao informar que esse é o caminho para o aprendiz do século XXI.

Desenvolvo a análise do segundo grupo de sentidos, *competências socioemocionais e as práticas para a aprendizagem do (a) aluno(a)*, com os seguintes títulos; a) *Criatividade abre portas para melhor aprendizagem, (2018)*, b) *Howard Gardner: nunca encontrei nada importante que só possa ser ensinado de uma única maneira, (2018)*; c) *BNCC, constituição e ética são destaque na agenda nova escola uma competência a cada segunda-feira, (2018)*; d) *A Finlândia e a Base Nacional não servem para nada, diz José Pacheco, (2019)*; e) *16 hábitos para desenvolver e aprender durante a vida escolar, (2019)*; f) *Como aplicar na prática as competências socioemocionais (2018)*; g) *Não precisamos escolher entre competências cognitivas e socioemocionais, (2018)*; h) *Porque você precisa da convivência democrática em sua escola, (2019)*.

As análises das reportagens a seguir chamam atenção ao olhar para a relação de construção de conhecimento dos alunos e professores a partir de um posicionamento observado nas revistas, centrado na aprendizagem. Biesta (2020) traz questões inquietantes para pensar no contexto da educação, quando a busca pelo conhecimento parece pender para um lado, sem que haja um equilíbrio entre ensinar e aprender como elementos necessários às práticas educativas.

Esta relação, que visa para além de conteúdos prontos ou dinâmicas de aula pré-estabelecidas, cuja interrelação da teoria e a prática, ensino e aprendizagem, como colocado por Silva (2011b), ressalta a perspectiva da pesquisa que envolve os Estudos Culturais, assunto do qual me apropriei e entendo como possibilidade de

olhar com mais riqueza os conteúdos garimpados nas revistas, “trabalhar dentro dessa configuração bastante ampla, exige, naturalmente, uma análise daquelas relações de poder e o nosso lugar dentro delas” (SILVA, 2011b, p. 11.).

As análises são um convite à reflexão do conhecimento apreendido pelo aluno, visto que as necessidades são colocadas com vistas uma boa educação formal - que no meu entendimento ainda é prescritiva, e que pouco olha para os aspectos externos da escola, como as condições sócio econômicas -. Isso é o reflexo de uma educação que valoriza o capital neoliberal, mesmo com a força potente das desigualdades, na precarização do ensino e na regência do poder das grandes potências econômicas que ditam as regras.

Ao contrário da língua da aprendizagem, uma língua de educação precisa sempre prestar atenção a questões de conteúdo, objetivo e relações. O perigo com o aumento da língua da aprendizagem na educação é que essas perguntas não sejam mais feitas ou que já sejam consideradas respondidas (por exemplo, de acordo com a sugestão de que o único conteúdo relevante é o conteúdo acadêmico, que o único propósito relevante é a realização acadêmica, e que a única relação relevante é que os professores treinem os alunos para que eles gerem os melhores resultados possíveis nos testes, para si mesmos, para a sua escola e para os seus pais). (BIESTA, 2020, p. 69).

Na esteira do autor, todas as relações propostas para a construção do conhecimento formal são os conhecimentos se projetam em outros núcleos, como a família e a sociedade.

Outro ponto importante a destacar é como a revista se faz um importante instrumento de formas de ver e de divulgar ideias pedagógicas, tornando-se uma produção cultural e social que veicula discursos e verdades. Nos capítulos que seguem, pretendo mostrar como esses discursos e princípios foram produzidos e se articularam para que a prática de se organizar por projetos pudesse assumir sentido e produtividade na pauta educacional.

7.1 PERCURSO EDUCATIVO NA CONTEMPORANEIDADE: BNCC E AS COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS NO CONTEXTO DA APRENDIZAGEM

Quadro 10 - Criatividade, ética e hábitos para melhor aprendizagem.

(Continua)

<p>nova escola</p> <p>Criatividade abre as portas para melhor aprendizagem</p> <p><i>Guiadas pela curiosidade, as crianças podem ser incentivadas a pesquisar e se tornarem agentes do aprendizado</i></p> <p>POR: Douglas Gavras 22 de Agosto 2018</p>  <p>Foto: Getty Images</p> <p>Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/12394/criatividade-abre-as-portas-para-melhor-aprendizagem</p>	<p>nova escola</p> <p>Howard Gardner: “Nunca encontrei nada importante que só possa ser ensinado de uma única maneira”</p> <p><i>Autor da teoria das inteligências múltiplas defende individualização e pluralização da aprendizagem</i></p> <p>POR: Vinicius de Oliveira, do Porvir 18 de Setembro 2018</p>  <p>Foto: Getty Images</p> <p>Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/12566/howard-gardner-nunca-encontrei-nada-importante-que-so-possa-ser-ensinado-de-uma-unica-maneira</p>	<p>nova escola</p> <p>BNCC, Constituição e Ética são destaque na Agenda NOVA ESCOLA</p> <p><i>Uma programação especial para marcar 30 anos da Constituição de 1988, conteúdos exclusivos da Base e um curso de Ética em vídeo para ajudar na formação</i></p> <p>POR: NOVA ESCOLA 01 de Outubro 2018</p> <p>Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/12659/bncc-constituicao-e-etica-sao-destaque-na-agenda-nova-escola</p>
<p>nova escola</p> <p>A Finlândia e a Base Nacional não servem para nada, diz José Pacheco</p> <p><i>Para o educador, as turmas precisam acabar o quanto antes e a Educação precisa se voltar para as relações aliadas à tecnologia digital</i></p> <p>POR: Paula Peres 05 de Setembro 2019</p>  <p>Foto: Divulgação Bienal do Rio / Felipe Panfili</p> <p>Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/18295/a-finlandia-e-a-base-nacional-nao-servem-para-nada-diz-jose-pacheco</p>	<p>nova escola</p> <p>16 hábitos para aprender e desenvolver ao longo da vida escolar</p> <p><i>Pesquisadora neozelandesa Karen Boyes discute hábitos e pensamentos que melhoram a nossa relação interpessoal e que podem ser trabalhados na escola</i></p> <p>POR: Vinicius de Oliveira, do Porvir 10 de Junho 2019</p>  <p>Crédito: Getty Images</p> <p>Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/17689/16-habitos-para-aprender-e-desenvolver-ao-longo-da-vida-escolar</p>	
<p>REPORTAGEM: CRIATIVIDADE ABRE PORTAS PARA MELHOR APRENDIZAGEM</p> <p>A capacidade de imaginar situações originais ou de criar soluções para problemas concretos é inerente a todo ser humano. Nas crianças, a criatividade é um impulso natural e recorrente, que pode e deve ser estimulado na escola. O pensamento criativo está relacionado às intuições, emoções e habilidades práticas. A criatividade é parte das competências socioemocionais, propostas na nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Essas características propõem o desenvolvimento do aluno como um cidadão completo, emocionalmente preparado para ter sucesso tanto nas relações pessoais quanto, no futuro, nas habilidades profissionais.</p> <p>Fonte: Nova Escola, 22 de agosto, de 2018.</p>		

(Continua)

REPORTAGEM: HOWARD GARDNER: NUNCA ENCONTREI NADA IMPORTANTE QUE SÓ POSSA SER ENSINADO DE UMA ÚNICA MANEIRA

Para quem está quebrando a cabeça para construir um currículo, a partir das diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que leve em conta o desenvolvimento de competências, Gardner deixou um importante recado. “Você pode ter todo o currículo socioemocional que você quiser, mas a parte mais importante é como as pessoas se comportam”. Para o psicólogo, esse é o “currículo oculto” que muitas vezes mal é notado nas escolas. “O que a criança realmente aprende é como os adultos reagem quando um novo aluno chega à escola e como o corpo docente reage a um momento de crise ou a um escândalo de fraude. Isso é o que chamo de currículo oculto”.

Fonte: Nova Escola, 18 de setembro, de 2018.

REPORTAGEM: BNCC, CONSTITUIÇÃO E ÉTICA SÃO DESTAQUE NA AGENDA NOVA ESCOLA.**UMA COMPETÊNCIA A CADA SEGUNDA-FEIRA**

Você sabe o que é o Repertório Cultural? É uma das 10 Competências Gerais da BNCC. Saiba como é trabalhar essa habilidade em sala de aula. Todos os alunos, de acordo com a Base, devem desenvolver a capacidade de expressarem sentimentos e ideias, a consciência multicultural e o respeito à diversidade de culturas.

Fonte: Nova Escola, 18 de setembro, de 2018.

REPORTAGEM: A FINLÂNDIA E A BASE NACIONAL NÃO SERVEM PARA NADA, DIZ JOSÉ PACHECO.

Sobrou até para a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). “A Base Nacional que está aí é ilegal, não serve para nada. Tem uma introdução que é maravilhosa, fala de competências do século 21, desenvolvimento socioemocional, fala de habilidades, fala de Educação integral. Mas é só a introdução, porque a prática, a base, é o contrário da introdução”, disse José Pacheco.

Para ele, o problema está na imposição dos conteúdos que devem ser ensinados e no modelo tradicional de organização dessa aprendizagem. “Se eu quiser saber o que é raiz quadrada, eu coloco no Google, em 5 minutos ele me ensina. Porque eu quero saber, é significativo, faz sentido, eu preciso. Toda aprendizagem parte da necessidade, do problema, e não do professor, nem de uma Base Curricular que é currículo imposto e prescrito”.

Fonte: Nova Escola, 05 de setembro, de 2019.

REPORTAGEM: 16 HÁBITOS PARA DESENVOLVER E APRENDER DURANTE A VIDA ESCOLAR

Da mesma forma que as Competências Gerais da BNCC (Base Nacional Comum Curricular), os hábitos promovem o entendimento e a busca pelo raciocínio criativo, a perseverança e a inteligência emocional. Como resultado, crianças de 5, 7, 10 anos, manifestam tanto na escola quanto em casa melhorias significativas em suas relações interpessoais e a forma como lidam com os problemas.

Fonte: Nova Escola, 10 de junho, de 2019.

Numa breve descrição do quadro, remeto à seleção destas e não outras reportagens expostas como uma tendência das competências socioemocionais na aprendizagem e a sua relação com a BNCC.

Podemos ver no conjunto de excertos as narrativas declaradas pela revista, que propõem as competências como a criatividade, ética, e a formação de hábitos pautadas no desenvolvimento de habilidades e competências, com princípios que consideram as relações pessoais e a subjetividade como foco para o próprio sujeito tornar-se mais imponente, com o foco em si mesmo, numa perspectiva do seu próprio papel em uma cadeia produtiva comprometido com o bem de todos.

Ao considerar que a constituição humana tem alicerces basilares em razão e emoção, o desenvolvimento do sujeito acompanha a lógica de inseparabilidade do racional, relacional e do afetivo. Na educação formal, a escola por muito tempo priorizou ou melhor considerou com rigor preponderante o cognitivo, a racionalidade que parecia ser o mais importante na relação ensino aprendizagem. Com o avanço das pesquisas, em especial nos campos da psicologia e educação, sabemos que não há ou deve haver um fator constitutivo, dos mencionados anteriormente, em detrimento ao outro. Precisamos encontrar o equilíbrio entre razão e emoção e isto só se faz com tempo e exercício Viana (2014). Essa leitura filosófica pode nos encaminhar para compreender que as emoções sempre foram importantes constructos da pessoa humana, bem como outros aspectos que contribuem para a formação integral do sujeito, como a cognição.

A aprendizagem toma um espaço cada vez mais potente visando garantir uma educação formada por professores e alunos que tomam conta dos seus próprios processos, uma aprendizagem que se fortalece numa base de tutoria de sustentação para o desenvolvimento pautado nas regras impostas pela “imposição dos conteúdos que devem ser ensinados e no modelo tradicional da organização dessa aprendizagem”. (Revista Nova Escola, 05 de setembro de 2019).

Para Veiga-Neto (2020, p. 12), “praticar a hipercrítica implica, necessariamente, envolver-se com a história genealógica”. Ao final do século XX, o forte processo aliou ideais do trabalho com o currículo por competências, e grandes empresas tomam destaque na apresentação das competências socioemocionais. Essa transformação no cenário educacional tem como ponto frágil a gestão descentralizada e a partir disto as competências socioemocionais na perspectiva de

aliada da educação para o século XXI, é usada como argumento para dar maior qualidade de ensino e aprendizagem na escola.

Ainda na lógica destas competências, de acordo com a proposta das competências gerais da BNCC (2017), para a extrações das competências socioemocionais, adentramos a outro destaque de reportagem desta revista, a construção do saber através do processo criativo.

A criatividade expressa na capa apresentada com a primeira imagem da reportagem do quadro acima, com o título “*Criatividade abre portas para melhor aprendizagem*” (2018), mostra alunos, que de forma coletiva, criam um desenho que pode ser expressão de suas aprendizagens. As chamadas são para a criatividade, aprender com os pares, que possibilitará um conhecimento mais significativo.

*A capacidade de imaginar situações originais ou de criar soluções para problemas concretos é inerente a todo ser humano. Nas crianças, a criatividade é um impulso natural e recorrente, que pode e deve ser estimulado na escola. **O pensamento criativo está relacionado às intuições, emoções e habilidades práticas.** A criatividade é parte das competências socioemocionais, propostas na nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Essas características propõem o desenvolvimento do aluno como um cidadão completo, emocionalmente preparado para ter sucesso tanto nas relações pessoais quanto, no futuro, nas habilidades profissionais.*

Fonte: Revista Nova Escola, 22 de agosto, de 2018, grifos meus.

A criatividade como processo de construção, representada na imagem da reportagem “*Criatividade abre portas para a aprendizagem*” (2018), mostra o colorido dos gizos de cera que realçam a opacidade do papel de cor neutra, sem nenhum atrativo. A forma de colorir parece expressar a entrega das crianças em um processo estimulante à criatividade, na coletividade. No entanto, a grafia através do desenho não é a garantia efetiva de que aprender essa Competência Socioemocional é só uma questão de lápis, papel e cor.

Não se pode nem culpabilizar quem não aprende por falta de competência criativa nem selecionar os alunos potenciais criativos, para investimento no futuro caminho acadêmico, e para a formação cidadã de modo competente e habilidoso, pois isso pode produzir o efeito contrário ao que desejam de uma educação pública e democrática.

A curiosidade, a pesquisa e o aluno como agente da sua própria aprendizagem são destacados também no texto. Isso realça as emoções, o amplo poder que o aluno tem em aprender a ter domínio de suas capacidades, em particular o aprendido

das relações interpessoais através das Competências Socioemocionais. Trata-se de uma imagem sedutora, que busca o engajamento entre os alunos. Corazza (2005) aponta para as concepções educacionais aparentes como a da imagem analisada e a forma como de fato funciona a realidade escolar. A realidade por diversas vezes contradiz a imagem, pois temos a estampa colorida, a pintura, a estética o belo criativo, a participação, elementos que são, na verdade, uma gama de experiências sem cores vibrantes, apenas o preto no branco. Tempo sem ócio criativo, sem cor. Em concordância com a autora,

Tempo em que as concepções educacionais até então predominantes, como as de poder, sensibilidade, linguagem, utopia, realidade não deixam de ter importância e, inclusive, de funcionarem na sociedade em nós; mas no qual - e este é o diagnóstico - não dão mais conta deste outro mundo e de seu tempo, bem como das experiências que neles vivemos. Embora todas elas convivam entre si, circulem de uma a outra: o que éramos e o que somos, o que pensávamos e o que pensamos, o que sentíamos e o que sentimos, o que desejávamos e o que desejamos agora. (CORAZZA, 2005, p. 10).

Como destaca Corazza (2005), as concepções de educação mudam, e agora, mais que em outros tempos, precisamos nos apropriar da cultura, do olhar para as minorias, os grupos que ficam à margem do que é novo e o que se mostra como importante para a compreensão de uma educação que transforma.

“A criatividade é parte das competências socioemocionais, propostas na nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC)” (Revista Nova Escola, 22 de agosto, de 2018). Aliada aos ideais da BNCC (2017), as competências ganham força, notoriedade e força normativa. Macedo (2014) tece uma crítica ao documento quando diz: “Para tanto, ela significa qualidade na educação, assim como a crise que lhe serve de exterior constitutivo”. Na análise, o constitutivo a que se refere a autora (MACEDO, 2014, p. 1537) é a relação dos poderes e interesses que estão presentes na concepção de Competências Socioemocionais fortalecidas pela política neoliberal. Existem sentidos que estão a promover as práticas do ensinar e aprender dentro da racionalidade governamental que insere o contexto privado no público.

A nova sociedade empresarial requer novos sujeitos que possam trabalhar nela, e à escola é dada a função de prepará-los da melhor maneira possível. Essa nova forma de entender as relações laborais atua sobre a forma como a escola enfoca os processos de ensino e de aprendizagem. Essa questão preocupa a uma grande parte do coletivo docente, pois a

escola passa a ser compreendida como fomentadora da individualidade e da competitividade em lugar de formadora de sujeitos conscientes, responsáveis, capazes de exercer a justiça e a criatividade, etc. (MIGUEL; TOMAZETTI, 2013, p. 9).

Na BNCC (2017), o documento não deixa clara a utilização da nomenclatura Competências Socioemocionais; o que está exposto de forma clara é o trabalho com as competências e habilidades que já não são proposições Inovadoras na/para educação. O que se pode observar é a forma sutil como essas competências, em específico, se tornam um chamariz para alavancar questões também já conhecidas e inseridas na educação como as competências relacionadas às emoções. “O pensamento criativo está relacionado às intuições, emoções e habilidades práticas. A criatividade é parte das competências socioemocionais, propostas na nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Nova Escola, 22 de agosto, de 2018.

A BNCC leva em consideração relatórios da OCDE, que é quem conduz o PISA, cujos resultados produzem dados estatísticos que, acredita-se, podem melhorar os “resultados” dos investimentos feitos em Educação pelos Estados - a isso chamam “qualidade de ensino”. A OCDE, além dos dados produzidos pelo PISA, vale-se dos estudos produzidos, a partir desses dados, pela Mackinsey & Company, no que também é seguida pela BNCC. Mackinsey conclui, conforme seu relatório de 2015, publicado em 2017, que “A mentalidade dos alunos afeta os resultados escolares quase duas vezes mais do que o contexto socioeconômico”, tal conclusão, entretanto, não aponta os contextos em que tais mentalidades se formam. (LEMOS; MACEDO, 2019, p.64).

Vejamos, no quadro seguinte, das competências gerais da BNCC (2017) como nele estão contidas as competências socioemocionais. Trata-se de um desmembramento que percebo como desnecessário, assim como o deslocamento dos conhecimentos, habilidades e atitudes para a projeção de uma nova pauta que rege a economia e a política com vistas a formação para o mercado neoliberal e menor interesse em resolução de políticas voltadas ao combate à fome e miséria.

Se o documento privilegia a educação integral e formação do sujeito global, como mostrado anteriormente, não temos a necessidade de fragmentar mais ainda as competências gerais com as questões centrais do desenvolvimento na educação básica.

O quadro seguinte é mais uma demonstração de como o desmembramento das competências opera no campo das organizações privadas e chegou até o documento referência para a organização e estruturação curricular das escolas de educação básica.

Quadro 11 - Competências gerais e socioemocionais

COMPETÊNCIAS GERAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA	
1.	Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2.	Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer a abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade , para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3.	Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas de produção artístico-cultural.
4.	Utilizar diferentes linguagens-verbal, (oral ou visual-motora, como libras e escrita) corporal, visual, sonora e digital - bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao atendimento mútuo.
5.	Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar , acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
6.	Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade .
7.	Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta .
8.	Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional , compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
9.	Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, e a cooperação , fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
10.	Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação , tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Fonte: Elaborado pela autora (2021, grifos meus).

O destaque em algumas palavras foi feito para demonstrar o que anteriormente afirmo quanto à fragmentação, e à transformação de competências em competências socioemocionais. Observei que todas as Competências Socioemocionais estão contempladas nas competências gerais. Um achado dessa pesquisa foi me deparar com Competências Socioemocionais que não estão escritas com esta nomenclatura, como dito antes, no documento da BNCC, em nenhuma das etapas de ensino. Isso denota que há um interesse em mobilizar as competências e afunilar o conceito favorecendo aptidões voltadas a economia na atualidade.

Ao mesmo tempo, Gardner (2018), na reportagem *“Howard Gardner: nunca encontrei nada importante que só possa ser ensinado de uma única maneira”*, diz que para aprender, podemos ter maneiras distintas de ensinamentos. O seu posicionamento enquanto psicólogo enfatiza que aprender não passa pelas emoções como são apresentadas ao longo da vida escolar, mas sim no sentido que foi construído e vivenciado. A fala do autor revela que toda aprendizagem precede um ensino. A lógica vigente, contraria essa posição, lança sobre a educação o ensino e a aprendizagem como questões sem interligação que não formam um contexto, e que o currículo é feito de linguagens, assim como de conceitos que dialogam. Desta forma analisei o excerto:

*Você pode ter todo o currículo socioemocional que você quiser, mas a parte mais importante é como as pessoas se **comportam**”. Para o psicólogo, esse é o “**currículo oculto**” que muitas vezes mal é notado nas escolas. “**O que a criança realmente aprende é como os adultos reagem quando um novo aluno chega à escola e como o corpo docente reage a um momento de crise ou a um escândalo de fraude. Isso é o que chamo de currículo oculto.***

Fonte Revista Nova Escola, 18 de setembro, de 2018, grifos meus.

O comportamento, como uma característica trazida na fala de Gardner, e o “currículo oculto”, conceito analisado e criticado por Tomaz Tadeu da Silva (2003), remetiam aos acontecimentos que não estavam prescritos no currículo, mas, que são o próprio currículo. A escola não dava o devido significado às ações, fossem estas voltadas aos aspectos emocionais ou não, dentro dos seus planejamentos e grades (matrizes) curriculares. Dessa forma, muitas coisas são vivenciadas sem a intencionalidade pedagógica. O currículo que na sua subjetividade atua nas entrelinhas dos currículos oficiais. Essa foi a crítica tecida por Silva (2003), que defende não haver nada oculto, tudo está aparente.

A reportagem seguinte, intitulada “BNCC, constituição e ética são destaque na agenda nova escola, uma competência a cada segunda-feira” (2019), me permitiu utilizar o quadro mostrado anteriormente e sustentar nesta dissertação, de que não existe novidade no documento da Base. A ética, deliberada no excerto analisado, reivindica a relação entre o prescrito e o vivido, as emoções que emergem e são debatidas cotidianamente.

*Você sabe o que é o Repertório Cultural? É uma das 10 Competências Gerais da BNCC. Saiba como é trabalhar essa habilidade em sala de aula. Todos os alunos, **de acordo com a Base, devem desenvolver a capacidade de expressarem sentimentos e ideias, a consciência multicultural e o respeito à diversidade de culturas.***

Fonte: Revista Nova Escola, 18 de setembro, de 2018, grifos meus.

A narrativa do *repertório cultural* e das diversas culturas fala da sua representação na educação e no currículo (SILVA, 1996). Somar ao currículo diferentes culturas com a proposição de construir ‘o diferente na diferença’ não é tão simples. O repertório cultural, assim como os demais componentes na nova Base, estão aliados às as identidades são construídas a partir de uma relação cultural, social e afetiva. Isso se faz no cotidiano com os alunos e engajado com uma relação de pertencimento a toda uma comunidade educativa.

Não tenho a pretensão de trazer uma visão reducionista dos conteúdos e áreas do conhecimento que foram mais valorizadas e se fortalecem ao longo dos tempos, como a matemática e a língua portuguesa, bem como da importância dessas disciplinas como conhecimentos a serem trabalhados nas escolas. O que pretendo deixar claro é que as emoções sempre estiveram presentes. A visão do autor da reportagem em pauta apresenta o “repertório cultural” como uma novidade, advinda da Base Nacional Comum Curricular (2017), para estruturar uma orientação curricular nacional e dar sentido as emoções.

José Pacheco, educador e um dos fundadores da Escola da Ponte, em Portugal, faz uma crítica a qual entendo ser importante para a discussão que proponho nesta pesquisa, sobre a contradição do documento BNCC (2017).

Sobrou até para a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). “A Base Nacional que está aí é ilegal, não serve para nada. Tem uma introdução que é maravilhosa, fala de competências do século 21, desenvolvimento socioemocional, fala de habilidades, fala de Educação integral. Mas é só a introdução, porque a prática, a base, é o contrário da introdução”, disse José Pacheco.

Para ele, o problema está na imposição dos conteúdos que devem ser ensinados e no modelo tradicional de organização dessa aprendizagem.

Fonte: Revista Nova Escola, 05 de setembro, de 2019, grifos meus.

O argumento trazido por José Pacheco faz uma crítica contundente à imposição de conteúdos e ao modelo tradicional de organização das aprendizagens, a falta de relação com os diversos saberes na construção do conhecimento a partir do documento legal. A ausência de uma proposta de ensino e aprendizagem coerentes com a mesma. A ideia defendida nesta pesquisa é que professor não é o centro do processo, assim como o aluno também não.

A iniciativa de incluir as competências como centro de um documento oficial, surgem alguns fatores, entre os quais destaque, além do documento citado (BNCC) fortalecem as discussões em torno da temática.

A partir do momento em que as competências socioemocionais no campo da educação formal, ainda que não de forma explícita no documento, ganha enfoque nacional, a responsabilidade dos docentes em relacionar com clareza e potência a questões do ensino para uma melhor aprendizagem se fazem mais suscetíveis. Deixo exposto que não desmereço o documento ou subestimo sua importância e entendo que deve ser utilizado como normativo e obrigatório.

A Revista Nova Escola, em conformidade com a BNCC, passou a orientar mais explicitamente os/as professores/as sobre as questões que envolvem as competências socioemocionais com base nas orientações oficiais. No entanto, a BNCC é o documento nacional normativo e como tal precisa ser assumido e analisado pelos professores, que podem no coletivo, fazer uma tradução do documento para o contexto de sua escola, a partir dos Referenciais estaduais e municipais.

A questão trazida na reportagem, quando Pacheco argumenta sobre a Base e a sua possível ilegalidade, critica o documento que, ao mesmo tempo, se utiliza do conceito de formação integral e competências, estimula as práticas de aprender a aprender e assim passa a não reconhecer os conhecimentos na inter-relação dos conteúdos propostos.

Em 1996, com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, no Artigo 26, regulamenta uma base nacional comum para a Educação Básica, assim dizendo: Art. 26 - Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. (BRASIL, 1996).

Na organização da Base Nacional Comum Curricular, bem como na estrutura que foi pensada e organizada, o que há no meu entendimento e que deve ser observado é a intenção das políticas econômicas e a sustentação de uma mão de obra especializada, qualificada, que passa a ser mais específica e necessária. Agora, com o diferencial, que é a “liberdade de escolha”, ao qual são sedutoramente apresentados como uma linguagem da aprendizagem, alinhada à lógica neoliberal.

Da mesma forma que as Competências Gerais da BNCC (Base Nacional Comum Curricular), os hábitos promovem o entendimento e a busca pelo raciocínio criativo, a perseverança e a inteligência emocional. Como resultado, crianças de 5, 7, 10 anos, manifestam tanto na escola quanto em casa melhorias significativas em suas relações interpessoais e a forma como lidam com os problemas.

Fonte: Revista Nova Escola, 10 de junho, de 2019, grifos meus.

Talvez desta forma, onde a BNCC (2017) regulamenta e obriga os Estados e a União a seguirem as orientações deste documento, exista uma sugestão de diminuir as diferenças entre as regiões brasileiras, como uma grande estratégia. A leitura que faço é que tal normatização fomenta e assegura aos legisladores deste documento e aos gestores públicos da educação, terem o controle das ações e continuarem determinando-as, com a suposta menção de tornar a educação mais igualitária.

A pedagogia e a avaliação de competência, incidem, respectivamente, a treinar e a cobrar os alunos para aplicação do conhecimento, e, assim são formados indivíduos com o padrão de raciocínio análogo a lógica do trabalho, isto é, ao modo de produção capitalista. (MAGALHÃES NETO, 2017, p. 6).

Na esteira do autor, evidencia-se que os alunos são cada vez mais estimulados a competir, para competir, sim, competição com escala ascendente consigo mesmo e com os concorrentes. Quanto mais se esforça, mais cria fortalecimento de sua relação consigo e com os outros. Consequência desta dupla

competitividade é visão de crescimento meritocrático. Todo o sucesso é uma reação do próprio esforço, da aprendizagem independente.

Quadro 12 - Práticas e escolhas para uma convivência democrática

(Continua)

<p>nova escola</p> <p>Como aplicar na prática as competências socioemocionais</p> <p><i>Entenda como as competências que guiam os aprendizados da Educação Básica se desdobram no dia a dia da escola</i></p> <p>POR: Lais Semis 11 de Maio 2018</p>  <p>Trabalhar as competências socioemocionais ajuda a construir a confiança, aceitação e empatia nas crianças Foto: Getty Images</p> <p>Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/11736/para-entender-as-competencias-gerais-da-base-e-as-socioemocionais</p>	<p>nova escola</p> <p>Não precisamos escolher entre competências cognitivas e socioemocionais</p> <p><i>Para a pesquisadora Rocio Garcia-Carrion, a chave está nas comunidades de aprendizagem e como vencer a resistência de alguns professores</i></p> <p>POR: Soraia Yoshida 12 de Julho 2018</p>  <p>A pesquisadora Rocio Garcia-Carrion defende o acesso a pesquisas com evidências para a formação inicial dos professores Foto: Ricardo Toscani</p> <p>Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/12012/nao-precisamos-escolher-entre-competencias-cognitivas-e-socioemocionais</p>	<p>nova escola</p> <p>Por que você precisa da convivência democrática na sua escola</p> <p><i>Pesquisa com mais de 8 mil alunos mostra que esse é um valor pouco vivenciado nas escolas e que merece mais atenção</i></p> <p>POR: Adriano Moro 07 de Outubro 2019</p>  <p>Foto: Getty Images</p> <p>Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/18442/por-que-voce-precisa-da-convivencia-democratica-na-sua-escola</p>
--	--	---

REPORTAGEM: COMO APLICAR NA PRÁTICA AS COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS

Mas como ensinar as Competências Socioemocionais? No que elas se diferem de ensinar Matemática ou Inglês?, questiona Oliver. Para ser um aprendizado efetivo e replicável, uma aula sobre respeito ou empatia não é suficiente. Ou um dia de atividades na escola anualmente. As crianças precisam colocar em prática em seu dia a dia e na interação com os outros. Nesse contexto, os professores são modelos para as crianças, que observam, vivenciam e copiam essas atitudes. “As competências dos professores importam. Porque se eles estão praticando em sala de aula todos os dias e as crianças podem dizer: 'Ah, é isso que é empatia, eu posso fazer isso também'.

Fonte: Nova Escola, 11 de maio, 2018.

REPORTAGEM: NÃO PRECISAMOS ESCOLHER ENTRE COMPETÊNCIAS COGNITIVAS E SOCIOEMOCIONAIS

Em um dos encontros dos quais participei com professores brasileiros, a discussão sobre teoria e evidência levou à experiência de alunos com a leitura do clássico literário “A Odisseia”. Durante uma tertúlia literária dialógica, os alunos discutiram sua compreensão das agruras enfrentadas por Ulisses. Como é de praxe nas tertúlias, que promovem a construção coletiva de significado, os alunos e professor realizaram uma troca direta de opiniões e reflexões sobre a obra. “Os alunos compreenderam o sentimento de Ulisses de se sentir sozinho e como é possível ajudar amigos e amigas. E nessa discussão se desenvolvem Competências Socioemocionais, sentimentos de apoio e solidariedade que vão facilitar relações livres de violência, tudo isso sem renunciar à aprendizagem cognitiva”, cita a pesquisadora.

Fonte: Nova Escola, 12 de julho, de 2018.

(Conclusão)

REPORTAGEM: PORQUE VOCÊ PRECISA DA CONVIVÊNCIA DEMOCRÁTICA EM SUA ESCOLA

A convivência, sobretudo a convivência ética e democrática, deve receber atenção especial não somente dos atores escolares – alunos, professores, gestores e funcionários –, mas também das políticas públicas que objetivam uma Educação de qualidade para todos. Tal qualidade consiste em considerar o estudante na sua plenitude, capaz de desenvolver suas competências e habilidades cognitivas, sociais, emocionais e morais. Entretanto, o que a Talis tem mostrado é que a convivência ética nas escolas brasileiras merece atenção.

Fonte: Nova Escola, 07 de outubro, de 2019.

Fonte: Elaborado pela autora, (2021).

No quadro 10, a aprendizagem como foco do sujeito competente continua a ser fortalecida. Ainda pode ser precoce uma análise das suas consequências diante o novo cenário educacional, com a Base Nacional Comum Curricular, mas importa investir nas leituras e analisar o que está a ser dito sobre sua inserção e a forma como são utilizadas e interpretadas. As práticas aliadas à formação do aluno e à convivência atreladas ao convívio social são questões a enfrentar.

Continuemos a pensar sobre as práticas e escolhas no ambiente escolar. Iniciei as análises desta seção com uma breve descrição da capa da Revista Nova Escola, de 11 de maio de 2018, a mesma que está junto à reportagem. A chamada da capa, com uma imagem colorida, dando realce para a diversidade, ainda mantém as mesmas formas (pontas de gizes de cera coloridos); são todas iguais, apenas mudam a cor. Apresenta tamanho padronizado e enfileiramento alinhado. Também no título da chamada – *“Como aplicar na prática as Competências Socioemocionais”(2018)* – as informações já mostram uma concepção de educação e de lógica que está a movimentar os sentidos dados para os processos educativos, uma organização com certa padronização e homogeneização.

Aplicabilidade, prática, palavras que fazem parte das competências gerais e também das Competências Socioemocionais, com o objetivo de tornar potente as competências e habilidades do século XXI. Essa é uma das formas de tornar evidente e assegurar um certo pragmatismo e ênfase nas ações de natureza prática.

*Mas como ensinar as Competências Socioemocionais? No que elas se diferem de ensinar Matemática ou Inglês?”, questiona Oliver. Para ser um aprendizado efetivo e replicável, uma aula sobre respeito ou empatia não é suficiente. Ou um dia de atividades na escola anualmente. As crianças precisam colocar em prática em seu dia a dia e na interação com os outros. Nesse contexto, **os professores são modelos para as crianças**, que observam, vivenciam e copiam essas atitudes. “As competências dos professores importam. **Porque se eles estão praticando em sala de aula todos os dias e as crianças podem dizer: ‘Ah, é isso que é empatia, eu posso fazer isso também.***

Fonte: Revista Nova Escola, 11 de maio de 2018, grifos meus.

O excerto trata de uma lógica política homogeneizante que visa garantir qualidade na educação e formação dos sujeitos através de uma relação do aluno com sua autogestão, sendo que ele é responsabilizado pela agência de suas aprendizagens. Nesse sentido, as emoções, os sentimentos que estão envolvidos nas relações com os outros e o mundo são destacadas a fim de que se produzam subjetividades para esse tempo, para o mundo contemporâneo, nesta perspectiva empresarial e gerencial (CARVALHO; SILVA, 2017; MACEDO, 2014; CIERVO, 2019).

A reportagem é toda desenvolvida trazendo a personagem Oliver John, um pesquisador da Universidade da Califórnia, em Berkeley. Ele faz uma parceria com o Instituto Ayrton Senna e a Fundação Itaú Social, ambas corporações de ordem privada, inseridas na educação, mas com uma visão alinhada ao tecnicismo da década de 70, e comprometidos com a lógica empresarial de racionalidade técnica contemporânea.

Estudiosos das próprias competências, Miguel; Tomazetti (2013), Macêdo (2017) e Perrenoud (2000), mais alinhados com uma formação integral e com uma forma de apresentação mais densa dos conteúdos não admitem separação de conhecimentos, habilidades e atitudes em determinado contexto.

Para Perrenoud (2001), o entendimento é de que a competência é uma possibilidade e desejo do estudante aliado à transformação do professor em um mobilizador das aprendizagens, que incentiva e caminha junto, com entendimento de uma coletividade diversa e heterogênea, o que o coloca contrário à ideia trazida na Revista de Ensino das competências. Nessa perspectiva, habilidades e competências podem ser desenvolvidas, não ensinadas como um conteúdo de memorização e repetição. Ou, ainda, como a tradição pedagógica tem nos ensinado, como conhecimentos com propósitos de formação integral.

Processos constituídos com a participação dos sujeitos requerem tempo e estudo. Análoga ao que Sennett (2013) conceitua como o trabalho do artesão, penso que essa discussão se revela como um caminho a percorrer com foco na artesanaria, assim como as Competências Socioemocionais na Educação Básica à educação na sua integralidade:

Os artífices orgulham-se sobretudo das habilidades que evoluem. Por isso é que a simples imitação não gera satisfação duradoura; a habilidade precisa amadurecer. A lentidão do tempo artesanal é fonte de satisfação, a prática se consolida, permitindo que o artesão se apossa da habilidade. A lentidão do tempo artesanal também permite o trabalho de reflexão e imaginação – o que não é facultado pela busca de resultados rápidos. Maduro quer dizer longo; o sujeito se apropria de maneira duradoura da habilidade. (SENNETT, 2013, p. 328).

Essa mesma compreensão levada para o trabalho docente e para a formação de professores foi desenvolvida por Fabris (2015), que considera que elas podem ser entendidas e desenvolvidas como artesanaria, também inspirada em (SENNETT, 2013).

O excerto seguinte permite explicitar mais uma proposta de aprendizagem, uma forma de organizar com princípios educativos para formação do sujeito, levando em conta os interesses dos alunos, as competências emocionais e construção coletiva do conhecimento.

*Como é de praxe nas tertúlias, que promovem a construção coletiva de significado, os alunos e professor realizaram uma troca direta de opiniões e reflexões sobre a obra. “Os alunos compreenderam o sentimento de Ulisses de se sentir sozinho e como é possível ajudar amigos e amigas. **E nessa discussão se desenvolvem Competências Socioemocionais, sentimentos de apoio e solidariedade que vão facilitar relações livres de violência, tudo isso sem renunciar à aprendizagem cognitiva**”, cita a pesquisadora.*

Fonte: Revista Nova Escola, 12 de julho de 2018, grifos meus.

O texto na íntegra trata da construção das competências cognitivas e não cognitivas, sem a necessidade de escolher entre eles. A pesquisadora Rocio Garcia-Carrion, em sua entrevista à Nova Escola, respondeu questões sobre competências socioemocionais e como se integra cónito e emoção sem a necessidade da abordagem de forma separada.

De acordo com Silva (2017), “ao servir-se das emoções e privilegiar a dimensão de liberdade, as novas formas de subjetividade derivadas do

neoliberalismo tornam-se “emocionalizadas” fabricando certo imperativo de emoção” (SILVA, 2017, p. 705).

No contexto das competências Socioemocionais onde a importância da livre concorrência é o elemento com maior valoração, a articulação desse trabalho traz subsídios pra que o sujeito se torne protagonista com a oportunidade de olhar pra si, sem esquecer que o outro também é concorrente. O importante é perceber que dentro do contexto neoliberal essa concorrência não é justa.

A educação passa a ter uma proposta mercadológica, de esfacelamento das potencialidades. O potencial dos aspectos emocionais passa a valer o seu emprego, o melhor cargo, o projeto de vida, a ascensão a qualquer preço. Rocio, a entrevistada desta reportagem, revela o seguinte:

*Nas comunidades de aprendizagem, nós entendemos que é possível que as crianças desenvolvam as competências linguísticas, matemáticas, **o conhecimento cognitivo ao mesmo tempo em que aprendem as competências socioemocionais. Incorporar essas competências no currículo desde a implementação de atuações educativas bem-sucedidas vai trazer possibilidades enormes de êxito aos professores brasileiros de desenvolver mais seus alunos. Não temos porque seguir tendo que escolher entre competência cognitiva ou competência socioemocional. Podemos trocar o “ou” por “e” para que tenhamos competências cognitivas “e” competências socioemocionais”.** A ciência da aprendizagem, a base da interação e da aprendizagem dialógica, nos mostra que uma pessoa não possui um lado só pensamento e outro só emoção. Tudo está interligado. As comunidades de aprendizagem nos dão essa possibilidade de desenvolver ao máximo todas as competências, transformando toda a escola, de acordo com os valores que damos às relações sociais, o que passamos quando queremos educar. Dessa maneira, poderemos ter uma sociedade em que as crianças podem viver o desenvolvimento dessas competências em todos os momentos de sua vida, em todos os contextos, seja na aula de Matemática, com os professores, no pátio com os colegas, em casa com suas famílias, enfim, em todos os espaços.*

Fonte: Revista Nova Escola, 12 de julho de 2018, grifos meus.

Na sequência da reportagem, de acordo com o excerto acima, Rocio foi indagada sobre o seguinte: “Com a inserção das Competências Gerais na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como você acha que os professores podem introduzir essas competências no aprendizado dos alunos?” A resposta apresentada foi sua credibilidade no trabalho com as comunidades de aprendizagem, exemplo que traz de outros países. Os estudantes precisam da escola para aprender a escolher leituras, a selecionar os textos, as tipologias textuais, mas as práticas precisam ser repensadas.

A autora, ao usar o termo “ciência da aprendizagem”, mostra que aprender, não é um caminho unilateral, que não se separam cognição e emoção; se o conhecimento está em todos os espaços, não há por que se aprender em ‘caixas’ ao reorganizar o próprio conhecimento em disciplinas. Me reporto a Biesta (2020), sobre ideias filosóficas apresentadas no seu livro, *A (RE) Descoberta do ensino*, que aponta questões sobre ensino e aprendizagem e nos mobiliza a refletir:

[..] que a nossa subjetividade humana pode não estar localizada na nossa capacidade de aprender, de fazer sentido, de dar sentido, etc., mas que se encontra principalmente, na nossa “capacidade” de sermos abordados, de compreendermos o que nos é dito, de sermos ensinados. (BIESTA, 2020, p. 27).

A proposta de potencializar o humano, não devia ser ‘regalia’ ou preceder uma ideia de meritocracia, a discussão sobre as questões de desigualdades sociais e econômicas também fazem parte desse novo contexto das competências socioemocionais, do aprender pelo controle, do poder da mente e do próprio desejo de mudança.

O deslocamento dessa pauta, para um lugar de superação com aprendizagens através do próprio esforço, é periférico e ao mesmo tempo envolvente. O sujeito deixa de ser *mais um*, entre todos, e passa a ser *o que ele desejar*, contanto que se esforce para isso. Segundo Silva (1998),

Se analisarmos o neoliberalismo, conforme sugerido por Foucault, como uma questão de governamentalidade e não apenas como uma resposta do capitalismo a problemas de ordem econômica, encontraremos mais congruências e convergências do que contradições e divergências entre tecnologias da subjetividade autoproclamadamente libertárias, tais como as pedagogias psi e regimes políticos orientados por ideologias supostamente de direita, tal como o neoliberalismo (SILVA, 1998, p. 8).

Silva (1998) trata da perspectiva nessa década (anos 1990), que acentuava a educação com base no construtivismo. Nesta proposta, o professor tinha um papel central de mediador, de um orientador da aprendizagem que aflorava do aluno. Podemos relacionar isso a competências associadas à formação com base na psicologia, que olhava os desvios dos alunos e estrategicamente atuava para a correção da sua formação.

A convivência, sobretudo a convivência ética e democrática, deve receber atenção especial não somente dos atores escolares – alunos, professores, gestores e funcionários –, mas também das políticas públicas que objetivam uma Educação de qualidade para todos. Tal qualidade consiste em considerar o estudante na sua plenitude, capaz de desenvolver suas competências e habilidades cognitivas, sociais, emocionais e morais...

Fonte: Revista Nova Escola, 07 de outubro, de 2019.

Podemos refletir sobre a potência desse texto na forma como a Revista Nova Escola se coloca com relação à convivência democrática ao analisar a capa e o texto de educação na sua análise dos alunos desenvolverem suas competências. A imagem alinha as mãos levantadas como aceno à democracia na relação professor-aluno, e há uma ambiguidade quando no texto, traz as políticas públicas para essa pauta, entendendo que a BNCC é o referencial vigente na educação, mas a educação longe está da verdadeira ação democrática. As mãos levantadas nem sempre refletem a fruição da relação, as mãos levantadas podem ser um pedido de socorro. “Quais os sentidos de conhecimento escolar e formação humana são engendrados no interior dessa trama discursiva?” Carvalho e Silva (2017) trazem esse questionamento para as questões dos currículos emocionais. Me alio a esse pensamento e questionamento quando a perspectiva da educação para as emoções toma o rumo desejado pelas políticas atuais.

Nesta perspectiva, alia-se ao neoliberalismo uma força para usar o potencial do sujeito através do empenho e do controle das emoções para a transformação social. A convivência, uma das competências socioemocionais, alia-se à “convivência ética e democrática”. No entanto, a escola precisa encarar de frente suas dificuldades e limitações, não pode fugir da responsabilidade do ensino e da aprendizagem.

Em concordância com Chaves,

Essa percepção de que as competências socioemocionais serviriam para atenuar as diferenças de oportunidades de aprendizagem entre classes sociais diferentes está assentada na crença de que se igualando os pontos de partida, o ponto de chegada de cada indivíduo se daria em função de seu esforço individual, uma vez que, supostamente, um dos principais elementos que marcariam as diferenças seria a preparação dos indivíduos para construir projetos de vidas e fazer escolhas. Assim, além de os indivíduos das classes subalternas terem acesso às competências cognitivas, para que pudessem competir em pé de igualdade com os filhos da classe dirigente, deveriam possuir habilidades que os capacitasse a definir trajetórias com autonomia e fazer escolhas certas em momentos de incerteza. (CHAVES, 2019, p. 256).

A partir do século XX, a educação tem produzido muitas formas de atrelar a escola à economia neoliberal e a formação para o mundo do trabalho através das mudanças no cenário econômico e as necessidades de pessoas tenham corpos e mentes treináveis. Hoje, a vigilância não é mais necessária, a regulação do sujeito é feita por ele mesmo, ao entender que sua fortaleza é mais que concorrer com o outro, é vencer a si mesmo, o que o torna ainda mais potente. De acordo com Mira (1993), ao olharmos imagens e textos estamos a operar com duas formas de compreensão do que vemos. Desse modo, quando o texto passa ao ser transformado em uma informação outros efeitos emergem e sustentam uma mensagem que quer se fortalecer.

Meu argumento é de que as Competências Socioemocionais na educação básica são potencializadas pela revista em pauta, quando fomentam no leitor à produção da identidade dos sujeitos envolvidos no processo de educação, no objetivo de enquadrá-los em práticas de ensino e aprendizagem prescritivas, como se o fato de viver em um novo tempo e contexto, os colocasse em condição de aprendizes acrílicos.

Encerro este capítulo com a intenção de mostrar ao leitor que a educação com foco apenas na aprendizagem remete ao compromisso com 'as permanências' na educação básica, mais um elemento de regulação aliada às novas competências como são colocadas na BNCC.

Assim surge o processo de construção da nova Base, que abrange toda essa racionalidade técnica, envolta numa proposta de saberes que propõe o novo. Não parece novo, mas é o que sugere, uma forma valorizada e significativa de romper com as diferenças, e práticas, em especial manter uma relação de controle entre os Estados da união. É neste ponto que se evidenciam várias aproximações entre a aprendizagem e as competências socioemocionais, da forma como defendo nesta dissertação.

Minha pretensão neste capítulo foi mostrar como, em todos os recortes das reportagens esteve anunciado o propósito de aprender, a partir das narrativas com diferentes propósitos.

EDIÇÃO FINAL: Algumas Considerações

Esta pesquisa buscou investigar como a Revista Nova Escola aborda as Competências Socioemocionais na educação básica, na contemporaneidade. Constatou-se que as Competências Socioemocionais não são assumidas/entendidas de uma única forma. A partir dos conceitos variados de competências, os quais são presentes nos trabalhos que fortaleceram e que serviram de aporte para a pesquisa, encontrou-se autores com visões diferentes. Assim, o mesmo acontece com o conceito de Competências Socioemocionais, que trazem, além de visões diferentes, finalidades distintas.

As reportagens analisadas utilizam as competências socioemocionais para dialogar com a ideia de formação integral do sujeito e noutras para a educação do sujeito, com foco na formação para o mercado neoliberal. No entanto, a formação integral é um conceito que nos aproxima de uma proposta mais integrada e relacional, que olha para o sujeito no seu contexto e suas singularidades. Por isto, reforço o conceito de competência utilizado neste trabalho, a partir do que nos traz Perrenoud (1999a; 1999b) e também sendo utilizado por algumas instituições que assumem junto com o conceito de competência uma noção de formação integral, como ocorre com a Unisinos, cujo documento interno define o seguinte:

Ter competências é mais do que ter conhecimentos - envolve também as habilidades e atitudes para identificar e articular recursos na busca de soluções e/ou inovações. Pressupõe destreza técnica; respeito aos princípios éticos; atuação articulada com os demais; consciência de uma identidade política na instituição; e busca permanente pela excelência. A competência, portanto, não é um estado de formação profissional, nem tampouco um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes em situação específica, no contexto de recursos e restrições que lhe sejam próprios. (LO p.8)

Na Revista Nova Escola, foram encontradas variações na linguagem e utilização de perspectivas teóricas que não dialogam com algumas de suas reportagens propostas. A Revista informa ao leitor a aprendizagem das competências socioemocionais através de reportagens que se assemelham a receitas, algo pronto e acabado como; dicas de “como fazer melhor”, “estratégias de potencializar as aulas”, todas formatadas pela performatividade, marcada pela ideia de fazer melhor a partir de uma estrutura voltada ao conhecimento neoliberal supervalorizado.

As reportagens demonstram a temática das Competências Socioemocionais de forma prescritiva, reflete uma forma de ação docente voltada à educação inscrita em uma lógica neoliberal. Desnaturalizar e suspeitar de informações que trazem chamativos impactantes em capas de revista como “dicas”, “como fazer”, “como aplicar”, “como usar”, “como preparar”, são evidências do apelo da revista. Esse foi mais um elemento analisado nas reportagens.

Observou-se também que a relação das Competências Socioemocionais, conforme a Revista Nova Escola seleciona como verdades pedagógicas dessa época, traz a constatação de uma dualidade estrutural, que divide o currículo em conhecimentos que atendem às camadas sociais de acordo com o potencial de cada uma delas.

Existe uma ideia de conhecimento acessível e voltado para quem tem acesso aos bens culturais e uma outra ideia do conhecimento que atende aos menos favorecidos, para àqueles que não precisam almejar uma Universidade, basta o ensino técnico, já ofertado no Ensino Médio. Essa dualidade é o que fortalece a ideia de Competências Socioemocionais inscrita na educação contemporânea e o que alimenta o documento da Base com a perspectiva de projeto de vida, no Ensino Médio, formação para múltiplas competências, “[...] e articular conhecimentos desses componentes simultaneamente a dimensões socioemocionais, em situações de aprendizagem que lhes sejam significativas e relevantes para sua formação integral.” (BNCC, 2018, p. 481).

As revistas também recorrem a autores de perspectivas teóricas distintas, mas no objetivo da informação, não avançam com a preocupação de aprofundar a notícia com qualidade científica, e pouco considera as pesquisas acadêmicas e referências literárias potentes.

A partir dessas constatações, analisei como a Revista Nova Escola apresenta as Competências Socioemocionais na contemporaneidade. Juntei elementos como práticas de aprendizagem, ensino, formação de professores e sua interface com a política neoliberal vigente. Foi possível perceber que as condições apresentadas pela revista, incidem numa proposta prescritiva, racional e fragmentada no campo educacional.

A pesquisa situou-se numa investigação das competências e de sua inserção na educação básica na contemporaneidade. Nesta, ficou claro que a revista tem um forte apelo a questões que mobilizam os professores a sustentarem suas práticas,

atreves de leituras mais fáceis e acessíveis e através destas, a cada edição trazer um assunto com abordagem acessível no sentido de não problematizar as questões que se atravessam no contemporâneo.

As competências socioemocionais na educação básica, a partir das reportagens, apresentam-se como questões empresariais, de potencialização do empresariamento de si, aparentemente mais importantes do que o “didatizar” as tendências pedagógicas em pauta, sendo essa tendência distinta em cada reportagem. Isso se destaca nas manchetes que mostram o apelo mercadológico para a venda do produto assim como faz o mercado neoliberal com a educação, na pretensão de transformar a formação integral do sujeito em capitalismo cognitivo. Desta forma, a Revista passa a assumir a tendência do mercado, não propondo uma crítica com relação as questões estabelecidas. O que pretendi deixar claro nas análises foi que as atividades sugeridas pela Revista não são negativas nem positivas em si mesmas, mas a lógica que as movimenta é que é preciso questionar e desnaturalizar. Ao me posicionar por um conceito de formação integral junto com o conceito de competências (por que hoje é normativa nacional), já assumo a integralidade desse sujeito, portanto o conhecer, o sentir e o fazer estão integrados. Não haveria a necessidade de criar-se mais um tipo de competência, mas ela está inclusa no conceito de formação integral.

A perspectiva de formação não é contemplada como processual e contínua, nem pautada no desenvolvimento do sujeito que é formado continuamente para ensinar e sim no treinamento de professores como *coach*, que utilizam a força da oratória, das narrativas que são treinados para repassar, e subjetivam as mentes com o conhecimento necessário as bases que irão servir ao mercado de trabalho contemporâneo. A docência nesta perspectiva retoma formas de poder e de controle, ao mesmo tempo em que arregimenta sedutoramente os alunos e os enlaça pelo afeto e emoções.

Minha percepção é que tal convocação neste tipo de docência é consequência do novo contexto educacional, contexto de competências, especialmente àquelas que se propõe adentrar às subjetividades, onde não apenas são mobilizadas competências cognitivas que conduzem os corpos e mentes para o saber e saber fazer, mas alcança a alma humana pelas competências socioemocionais, subjetivando os sujeitos para se constituírem como sujeitos empreendedores e autônomos, para os fins da sociedade empresarial.

Embora não fosse meu objetivo tratar deste tema, a saber, de “uma docência voltada para o treinamento e/ou tutoria”, penso que foi importante mostrar este fator como um assunto que aparece cada vez mais na educação, uma vez que constatei que este modelo de professor e constituição da docência no qual a pedagogia se insere e o mercado neoliberal pretende sustentar passe a produzir sujeitos que apenas se preocupam com a reprodução do conhecimento, mesmo que de forma afetiva e atuando com as emoções.

Foi possível compreender como as reportagens da Revista apontam para a emergência das Competências Socioemocionais, sem o propósito de romper com o desenvolvimento global utilizando práticas através da ordem da maquinaria capitalista, na racionalidade que mantém sua força na potência dos grandes conglomerados econômicos.

A principal crítica que a presente pesquisa fez às aprendizagens aqui analisadas através da Revista Nova Escola e que chamo atenção é o fato de que, junto com as “facilidades” prometidas para as mesmas, essa forma de desenvolver a docência e o trabalho pedagógico pode subsidiar mais uma forma de exclusão. Nesse contexto, em que as Competências Socioemocionais, uma vez que produzem uma visão própria sobre a aprendizagem, passam a assumir um lugar de destaque na formação dos professores quando potencializa uma maior relevância do uso das tecnologias como imperativo pedagógico, minimiza o papel do professor, com função social de ensinar, recruta novas formas de apresentar a aprendizagem em detrimento ao ensino e aborda o ensino e a aprendizagem com foco no aprender a aprender do aluno.

As Competências Socioemocionais são fabricadas pela lógica neoliberal como ONG’S, institutos, grandes empresas, que prometem ao adentrar às políticas públicas educacionais, auxiliar e/ou subsidiar formação para que os professores se alinhem à perspectiva de trabalho com as competências socioemocionais e conseqüentemente a capacitação de profissionais da educação e alunos da educação básica. Ainda nesta lógica, o trabalho com as competências socioemocionais tenta ‘invadir’ a educação formal com a propagação de formação como manifesta a Base Nacional Comum Curricular (2017), mas de fato, isso é uma invenção do contemporâneo, do imperativo da inovação, dos conhecimentos, habilidades e atitudes no contexto atual.

Nessa perspectiva, o sentido amplo de competência exprime a necessidade de os professores saberem que o processo de construção do “conhecimento poderoso” não se define na relação de competências mais ou menos importantes, nem de um bloco ou conjunto definido de competências socioemocionais que são trabalhadas de formas segmentadas e estabelecidas em determinadas áreas de conhecimentos e disciplinas.

Pela amplitude do assunto abordado, nesta pesquisa não tive a pretensão de esgotá-lo, mas é possível afirmar que o entrelaçamento das Competências Socioemocionais com o processo de ensino e aprendizagem são complexos e oferecem ao leitor caminhos para outras pesquisas e elementos para investigarem os processos desenvolvidos nas escolas.

Pesquisar e escrever nestes ‘novos’ tempos com tantas ‘ofertas’ de possibilidades de uma educação, que parece avançar, mas, no qual aponto na pesquisa, a partir de conceitos que se revestem de uma nova formatação para ganhar um mercado a aprisionar alunos e professores a aprenderem a través da auto aprendizagem e autogerenciamento de si.

Por tudo o que expus, ficou claro que as competências socioemocionais na educação na contemporaneidade, nestes tempos de política neoconservadora que se insere a educação e as políticas voltadas para interesses empresariais, não há outra forma de compreender o potente material que a revista me trouxe, com escolha da ferramenta metodológica da hipercrítica, me possibilitou construir essa dissertação.

Neste ir e vir do trabalho de análises das reportagens da Revista Nova Escola, compreendi que essa tipologia textual sobre a qual me debrucei não é um recurso potente no aspecto científico para ser utilizado como fonte de pesquisa dos professores, porém de uma fragilidade conceitual sedutora. Na forma simples de informar e talvez nesse olhar que foquei, trata-se de um instrumento formativo na visão do leitor, na maioria de professores da escola básica.

A escola é um lugar privilegiado para a manutenção da revista, e através dela, surgem as pautas que promovem nos professores o salvacionismo para seus planejamentos, do reforço das práticas sedutoras, que parecem as mais avançadas e próprias para o século XXI e de convite às novas possibilidades de conhecimento, mas sem a reflexão e crítica necessária a transformação para a educação na contemporaneidade na formação integral do sujeito.

Encerro da mesma forma que comecei essa dissertação, com o ‘*Coração civil*’ (Brant e Nascimento, s/d), e muitas inquietações. Com o que me coube como pesquisadora iniciante, que é não calar diante das incertezas e perspectivas educacionais tão desalentadoras. Educação é para mim um “sonho teimoso” que pode se realizar...na complexidade dos corpos dos professores brasileiros, que não ousou separar em corpo e mente, nem em emoções e cognições, mas entendê-lo na sua complexidade, beleza e necessidade de muitos estudos para ampliar todos os sentidos que a educação das crianças, jovens e adultos possa ganhar sem divisões de classes, raças, etnias, religiões, gênero, sexualidades e todas as outras diferenças que nos constituem...

*Assim dizendo
a minha utopia
Eu vou levando
a vida
Eu vou viver bem melhor
Doido pra ver o meu sonho teimoso,
Um dia se realizar*

REFERÊNCIAS

- ABATTI, Thamiris Zanchim. **Estado da arte sobre Competências Socioemocionais e articulação com políticas de avaliação (2012-2017)**. Orientadora: Isaura Mônica Souza Zanardini. 2018. 161 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2018.
- ALARCÃO, Isabel. **Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão**. Porto Editora, 1996.
- ALZINA, Rafael Bisquerra; ESCODA, Nuria Pérez. Las competencias emocionales. **Educación XXI**, v. 10, p. 61-82, 2007. Disponível em: <http://espacio.uned.es/fez/eserv/bibliuned:EducacionXXI-2007numero10-823/Documento.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2019.
- AMARAL, Aimberê Guilherme Quintiliano Rocha do. Jacques Rancière - escola, produção, igualdade. **Pro-Posições**, Campinas, v. 29, n. 3, p. 669-686, 2018.
- ARANTES, Valéria Amorim (org.). **Afetividade na Escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 2003.
- ARROYO, Miguel G. **Imagens Quebradas**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- BALL, Stephen J. Performatividades e fabricações na economia educacional: rumo a uma sociedade performativa. **Educação e Realidade**, maio/agosto, 2010.
- BAHIA, Sabrine Borges de Mello Hetti. **A constituição da docência do professor iniciante nos anos iniciais do ensino fundamental**. Orientadora: Eli Terezinha Henn Fabris. 2020. 202 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2020.
- BATISTELLA, Carlos. Saúde, doença e cuidado: complexidade teórica e necessidade histórica. In: FONSECA, Angélica Ferreira; CORBO, Ana Maria D'Andrea (Org.). **O território e o processo saúde-doença**. Rio de Janeiro: EPSJV/FIOCRUZ, 2007.
- BIESTA, Gerst. **Para além da aprendizagem: educação democrática para um futuro humano**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2017.
- BIESTA, Gerst. **A (RE)descoberta do ensino**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 205p.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, SEB/DPEM, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 18 mai. 2020.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Brasília, DF, 2017.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996.

BRAZ, Helena Maria Fagundes dos Santos, SILVA, Sarah Raquel Siqueira, DUARTE, Ram Sashi Dória. A ferramenta *coaching* no desenvolvimento e aprimoramento do professor do ensino superior. In: **8º ENFOPE; 9º FOPIE**. GT5 – Educação, Comunicação e Tecnologias. Tiradentes, MG: UNIT, Anais, vol.,8, n. 1, 2015.

BRODBECK, Cristiane, Fensterseifer; OLIVEIRA, Sandra de. O imperativo da inovação e a produção da docência: modos de ser professor(a), *in*: FABRIS, Eli

BRUENING, Pamela. A história, os pilares e os objetivos da educação socioemocional. **Revista Educação**, edição 251, 1 agosto, 2018. Disponível em: www.revistaeducacao.com.br/2018/08/01/historia-os-pilares-e-os-objetivos-da-educacao-socioemocional/. Acesso em: 09 set. 2020.

CACHEIRO, Cristina Maria, MARTINS, José Maria de. Promoção de competências sócio-emocionais em crianças do ensino básico. **Revista Galego-Portuguesa de Psicologia e Educación**, v. 20, n. 1, ano 17, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.26/4418>. Acesso em: 24 mar. 2020.

CARNEIRO, Moaci Alves. **LDB fácil: leitura crítico-compreensiva**, artigo a artigo. 23. Ed. Revista e ampliada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

CARVALHO, Rodrigo Saballa de; SILVA, Roberto Rafael Dias da. Currículos socioemocionais, habilidades do século XXI e o investimento econômico na educação: as novas políticas curriculares em exame. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 63, p. 173-190, jan./mar. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n63/1984-0411-er-63-00173.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2019.

CHARLOT, Bernard Da relação com o saber às práticas educativas [livro eletrônico] / 1. ed. -- São Paulo : Cortez, 2014. -- (Coleção docência em formação: saberes pedagógicos) 1.

CHARLOT, Bernard. A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas.: especificidades e desafios de uma área do saber. **Revista brasileira de educação**, v. 11, n. 31, p. 7-18, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n31/a02v11n31.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2019.

CHAVES, Davi Santos Pereira. **EMPRESARIAMENTO DA EDUCAÇÃO**: Instituto Ayrton Senna e a política de competências socioemocionais na rede estadual de ensino do Rio de Janeiro. Orientador: Vania Cardoso da Motta. 2019. Tese (doutorado em educação) 472f. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Programa de Pós Graduação em Educação, 2019.

CIERVO, Tassia Joana Rodrigues. **A centralidade das Competências Socioemocionais nas políticas curriculares contemporâneas no Brasil**. Orientador: Roberto Rafael Dias da Silva. 2019. 154 f. Dissertação (Mestrado em

Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019.

CORAZZA, Sandra Maria. Nos tempos da educação: cenas de uma vida de professora. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 12, p. 7-10, 2005.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 36-61, 2003.

COSTA, Mariza Vorraber (org.). **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

DAL'IGNA, Maria Cláudia; SCHERER, Renata Porcher; SILVA Jonathan Vicente da. **Docência S/A: Gênero e flexibilidade em tempos de educação customizada**. In: FABRIS, Eli Terezinha Henn; DAL'IGNA, Maria Cláudia; SILVA, Roberto Rafael Dias da (orgs.). **MODOS DE SER DOCENTE NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: articulação entre pesquisa e formação**. São Leopoldo: Ed. Oikos, 2018. p. 53-74.

DANTAS, Heloisa. Afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon. In: LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloisa. **Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus Editorial, 1992.

FABRIS, Eli Terezinha Henn. **A avaliação como estratégia de qualificação da formação docente: entre a qualidade da produtividade e a qualidade da artesanaria**. In: COLÓQUIO DA AFIRSE, 22., 2015, Lisboa. Anais... Lisboa, 2015.

FABRIS, Eli Terezinha Henn. **A pedagogia do herói sob as performances das políticas públicas contemporâneas**. Roteiro, Joaçaba, v. 43, n. 1, p. 205-224, 2018.

FABRIS, Terezinha Henn. DAL'IGNA, Maria Cláudia. SILVA, Roberto Rafael Dias, organizadores. **Modos de ser docente no brasil contemporâneo: articulações entre pesquisa e formação**. São Leopoldo: Oikos, 2018 p. 93-107.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa. 3.ed. rev. e atual. São Paulo: Fundação Dorina Nowill, 2009.

FERREIRA, Liliana Soares. **O trabalho dos professores e o discurso sobre competências: questionando a qualificação, a empregabilidade e a formação**. Currículo sem Fronteiras, v. 11, n.2, pp. 120-133, jul/dez, 2011.

FERREIRA, Naura Syria Carapeto. Repensando e Ressignificando a gestão democrática da educação na "cultura globalizada". **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 89, p. 1227-1249, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v25n89/22619.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2019.

FLEURY, Maria Tereza Leme. FLEURY, Afonso; Construindo o conceito de competência. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 5, n. spe, p. 183-196, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1415-65552001000500010>. Acesso em: 15 jul. 2020.

GALLO, Silvio; MENDONÇA, Samuel. **A escola uma questão pública/** organização Sívio Gallo, Samuel Mendonça – 1ª ed. São Paulo- Parábola, 2020.

GERZSON, Vera Regina Serezer. **A mídia como dispositivo da governamentalidade neoliberal – Os discursos sobre educação nas revistas Veja, Época e Isto é.** Orientadora: Marisa Vorraber Costa. 2007. 164 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

GONÇALVES, Gecilvone Passos. **Implementação da Política de Desenvolvimento das Competências Socioemocionais:** um estudo de caso na EEFM João Mattos. Orientador: Antônio Germano Magalhães Junior. 2019. 107 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Planejamento e Políticas Públicas) – Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Estadual do Ceará, 2019. Disponível em: <https://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=85277>. Acesso em: 4 dez. 2019.

HATTGE, Morgana Domênica. **Performatividade e inclusão no Movimento Todos Pela Educação.** Orientadora: Maura Corcini Lopes. 2014. Tese (Doutorado acadêmico em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

HISTÓRIA DA FUNDAÇÃO VICTOR CIVITA. Disponível em: [<https://fvc.org.br/fundacao-victor-civita/nossa-historia/>](https://fvc.org.br/fundacao-victor-civita/nossa-historia/). Acesso em: 20 nov., 2021.

LARROSA, Jorge (org.). **Elogio da Escola.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa:** o neoliberalismo em ataque ao ensino público – 1. Ed. – São Paulo; Boitempo, 2019.

LEMOS Guilherme Augusto Rezende, MACEDO, Elizabeth. A incalibrável competência socioemocional/Dossiê: Currículo e Avaliação da Aprendizagem. **Revista Linhas Críticas**, v. 25, (jan-dez), 2019.

LUSTOSA JÚNIOR, José Voste. **Ao povo e ao governo:** o ideário educacional do manifesto dos pioneiros da Escola Nova no Brasil, 2013. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho_Comunicacao_oral_idinscrito_8_f6dc1b892a8cacc6eb8fcaf8a94bdd72.pdf. Acesso em: 24 mar. 2020.

MACEDO, Elizabeth. Base Nacional Curricular Comum: novas formas de sociabilidade produzindo novos sentidos para a educação. **Revista e-Curriculum**, v. 12, n. 3, p. 1530-1555, 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/curriculum/article/view/21666/15916>. Acesso em: 10 out. 2019.

MAGALHÃES NETO, Alberto Coelho de. **Crítica da educação centrada nas Competências Socioemocionais.** Orientador: Odair Sass. 2019. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

MANFRÉ, Ademir Henrique. Escola, Currículo e Competências Socioemocionais: uma nova governamentalidade? **Pensar Acadêmico**, Manhauçu, v. 18, n. 2, p. 211-230, 2020.

MARIN, Angela Helena; SILVA, Cecília Tonial da; ANDRADE, Erica Isabel Dellatorre; BERNARDES, Jade; FAVA, Débora Cristina. Competência socioemocional: conceitos e instrumentos associados Social-emotional competence: concepts and associated instruments. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 92-103, 2017.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS Maarten. **A pedagogia, a democracia, a escola**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologias de pesquisas pós críticas em educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza edições, 2014.

MIGUEL, Iván G. Silva; TOMAZETTI, Elisete M. As competências no sistema educativo contemporâneo: estratégias da governamentalidade neoliberal. **Políticas Educativas – PolEd**, v. 7, n. 1, 2014.

MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revista: o caso da editora Abril**. Orientador: Renato Ortiz. 1997. 336 f. Tese (Doutorado em sociologia) – Instituto de filosofia e ciências humanas, Universidade Estadual de Campinas, 1997.

MONTEIRO, Neusa Setúbal. **O desafio do desenvolvimento das Competências Socioemocionais como parte curricular em uma escola de ensino médio em tempo integral do Ceará**. Orientadora: Dutra, Rogéria Campos de Almeida. 2019. 152 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/11196>. Acesso em: 09 set. 2020.

OLIVEIRA, Lorena Silva. O conceito de governamentalidade em Michel Foucault. **Ítaca**, n. 34, p. 48-72, 2019.

ORGANIZAÇÃO PARA COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICOS (OCDE). **Estudos da OCDE sobre competências: competências para o progresso social: o poder das Competências Socioemocionais**. São Paulo: Fundação Santillana, 2015. Disponível em: https://institutoayrtonsenna.org.br/content/dam/institutoayrtonsenna/radar/estante-educador/Competencias_Progresso_Social_digital.pdf. Acesso em: 09 set. 2020.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação da excelência à regulação das aprendizagens: entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artmed, 1999a.

PERRENOUD, P. **Construir as competências desde a escola**. Tradução de Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artmed, 1999b.

PERRENOUD, P. **Dez Novas Competências para Ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PERRENOUD, P. “**Construir competências é virar as costas aos saberes?**” In: Revista Pátio, Porto Alegre: ARTMED, ano 03, nº 11, jan. 2000 (p. 15-19)

PERRENOUD, Philippe. **Porquê construir competências a partir da escola?** Porto: Edições Asa, 2001.

QUEIROZ, Sávio Silveira de; RONCH, Juliana Peterlei; TOKUMARU, Rosana Suemi. **Constituição das regras e o desenvolvimento moral na teoria de Piaget: uma reflexão Kantiana.** Psicologia; Reflexão e Crítica. vol.22. no.1. Porto Alegre, 2009. *Print version* ISSN 0102-7972 *On-line version* ISSN 1678-7153. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722009000100010>. Acesso em: 20 de fev. 2021.

RODRIGUES, Miriam. **Educação emocional positiva: saber lidar com as emoções é uma importante lição.** Hamburgo: Sinopsys, 2015.

SANTOS, Daniel; PRIMI, Ricardo. **Desenvolvimento socioemocional e aprendizado escolar: Uma proposta de mensuração para apoiar políticas públicas.** Resultados preliminares do Projeto de medição de Competências Socioemocionais no Rio de Janeiro. São Paulo, 2014.

SENNETT, Richard. **O Artífice.** Rio de Janeiro: Record, 2013.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão.** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012. Disponível em: <http://educa07-carpediem.blogspot.com/2013/02/resenha-sibilia-paula-redes-ou-paredes.html>. Acesso em: 24 mar. 2020.

SCHERER, Renata Porcher, GRAFF, Patrícia. Professor, tutor ou coach? Reflexões sobre a docência em um contexto de capitalismo flexível e emocional. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 13 n. 32 (2020).

SCHMIDT, Ireneu Aloisio. **John Dewey e a educação para uma sociedade democrática.** Ano 24 • nº 82 • Jul./Dez. • 2009, p. 141.

SILVA, Andreza Regina Lopes da, MACHADO Andreia de Bem. Práticas de coaching como ação inovadora para potencializar o aprendizado. **Revista Projeção e Docência**, v 8, nº2, ano 2017.

SILVA, Márcio Magalhães da. **A formação de Competências Socioemocionais como estratégia para captura da subjetividade da classe trabalhadora.** 2018. 169 f. Orientadora: Lígia Márcia Martins Tese - (Doutorado em Educação Escolar) Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara)

SILVA, Roberto Rafael Dias da. **A constituição da docência no Ensino Médio no Brasil contemporâneo: uma analítica de governo.** Orientadora: Eli Terezinha Henn Fabris. 2011. 215 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2011.

SILVA, Roberto Rafael Dias da. **Educação, governamentalidade e neoliberalismo**: contribuições Foucaultianas para o estudo das políticas de currículo. *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 29, n. 57, p. 199 - 223, 2015.

SILVA, Roberto Rafael Dias da. **Emocionalização, algoritimização e personalização dos itinerários formativos**: como operam os dispositivos de customização curricular? *Currículos sem fronteiras*, v. 17, n. 3, p. 699-717, set. / dez. 2017.

SILVA, Roberto Rafael Dias da. *Estetização Pedagógica, Aprendizagens Ativas e Práticas Curriculares no Brasil. Educação & Realidade* [online]. 2018, v. 43, n. 2 [Acessado 5 Setembro 2021], pp. 551-568. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2175-623667743>>. ISSN 2175-6236. <https://doi.org/10.1590/2175-623667743>.

SILVA, Thomaz Tadeu da (org.). **Alienígenas na sala de aula** - 9.ed – Petrópolis, RJ; Vozes, 2011 – (Coleção Estudos Culturais em Educação).

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidades terminais**: as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política. Petrópolis: Vozes, 1996.

SILVA, Thomaz Tadeu da. **Liberdades reguladas**: a pedagogia construtivista e outras formas do governo do eu. Petrópolis, RJ; Vozes, 1998.

SILVA, Thomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche**: a poética e a política do texto curricular. 1. ed., 4 reimp. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2010.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante; LAPLANE, Adriana Lia Frizman de; MAGIOLINO, Lavinia Lopes Salomão; DAINÉZ, Débora. O problema da avaliação das habilidades socioemocionais como política pública: explicitando controvérsias e argumentos. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 36, n. 130, p. 219-242, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/ES0101-73302015150030>. Acesso em: 08 ago. 2020.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

UNISINOS. **O conceito de competência e seus desdobramentos didático-pedagógicos na Unisinos**. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

VEIGA-NETO, Alfredo Olhares. *In*: COSTA, Mariza Vorraber (org.). **Caminhos investigativos**: novos olhares na pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Crítica pós-estruturalista e educação**. Porto Alegre: Sulina, 1995.

VEIGA-NETO, Alfredo. É preciso ir aos porões. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n. 50, p. 267-492, 2012.

VEIGA-NETO, Alfredo. **A hipercrítica: mais uma volta no parafuso IV. Momento: diálogos em educação**, E-ISSN 2316-3110, v. 29, n. 1, p. 16-35, jan./abr., 2020

VIANA, Andrea do Nascimento. **O papel das emoções e do hábito na formação moral**. Orientador: Idalgo José Sangalli. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós Graduação em Filosofia, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2013.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZABALA, Antoni; ARNAU, Lia. **Como aprender e ensinar competências**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

ANEXO A – LETRA DA MÚSICA CORAÇÃO CIVIL

Quero a utopia, quero tudo e mais
Quero a felicidade nos olhos de um pai
Quero a alegria muita gente feliz
Quero que a justiça reine em meu país

Quero a liberdade, quero o vinho e o pão
Quero ter amizade, quero amor, prazer
Quero nossa cidade sempre ensolarada
Os meninos e o povo no poder,

Eu quero ver

São José da Costa Rica, coração civil
Me inspire no meu sonho de amor, Brasil
Se o poeta é o que sonha o que vai ser real
Bom sonhar coisas boas que o homem faz
E esperar pelos frutos no quintal

Sem polícia, nem a milícia,
Nem feitiço, cadê poder?
Viva a preguiça, viva a malícia
Que só a gente é que sabe ter
Assim dizendo a minha utopia
Eu vou levando a vida
Eu vou viver bem melhor
Doido pra ver o meu sonho teimoso,
Um dia se realizar

Composição: Fernando Brant / Milton Nascimento (s/d)

**ANEXO B – REPORTAGENS SELECIONADAS DA REVISTA NOVA ESCOLA,
PARA O MATERIAL EMPÍRICO**

DATA DA PUBLICAÇÃO	ENDEREÇO DA PÁGINA	TÍTULO
11 de Maio 2018 BNCC	https://novaescola.org.br/conteudo/11736/para-entender-as-competencias-gerais-da-base-e-as-socioemocionais	Como aplicar na prática as Competências Socioemocionais entenda como as competências que guiam os aprendizados da Educação Básica se desdobram no dia a dia da escola.
12 de Julho 2018 Entrevista	https://novaescola.org.br/conteudo/12012/nao-precisamos-escolher-entre-competencias-cognitivas-esocioemocionais	Não precisamos escolher entre competências cognitivas e socioemocionais Para a pesquisadora Rocio Garcia-Carrion, a chave está nas comunidades de aprendizagem e como vencer a resistência de alguns professores.
22 de Agosto 2018 BNCC	https://novaescola.org.br/conteudo/12394/criatividade-abre-as-portas-para-melhor-aprendizagem	Criatividade abre as portas para melhor aprendizagem guiadas pela curiosidade, as crianças podem ser incentivadas a pesquisar e se tornarem agentes do aprendizado.
18 de Setembro 2018 Inteligências múltiplas	https://novaescola.org.br/conteudo/12566/howard-gardner-nunca-encontrei-nada-importante-que-so-possa-ser-ensinado-de-uma-unica-maneira	Howard Gardner: “Nunca encontrei nada importante que só possa ser ensinado de uma única maneira” Autor da teoria das inteligências múltiplas defende individualização e pluralização da aprendizagem.
27 de Novembro 2018 Tecnologia	https://novaescola.org.br/conteudo/13829/como-usar-as-ferramentas-digitais-afavor-das-competencias-socioemocionais	Como usar as ferramentas digitais a favor das Competências Socioemocionais Essenciais ao mundo contemporâneo, as Competências Socioemocionais são transversais ao currículo escolar.
15 de Janeiro 2019 Competências	https://novaescola.org.br/conteudo/15057/quais-sao-os-caminhos-para-ensinar-no-mundo-digital	Quais são os caminhos para ensinar no mundo digital? Com o avanço da tecnologia, o mundo está mudando rápido. Mas a escola ainda está longe do ideal.
31 de Janeiro 2019 Saúde mental	https://novaescola.org.br/conteudo/15449/o-futuro-pede-habilidade-socioemocionais	O futuro pede habilidades Socioemocionais, autoconhecimento, regulação emocional, resiliência, empatia e julgamento para tomar decisões responsáveis podem ser aprendidas na escola e são importantes aliadas para as mudanças trazidas pelo desenvolvimento tecnológico.
12 de Fevereiro 2019 Tecnologia	https://novaescola.org.br/conteudo/15696/como-preparar-os-alunos-para-afluencia-digital	Como preparar os alunos para a fluência digital. Saiba o que é fluência digital, como ela afeta a sala de aula e como ela pode

		colaborar para a construção de cidadãos críticos.
16 de Abril 2019 Rompendo com os mitos	https://novaescola.org.br/conteudo/16974/7-acoes-para-superar-as-barreiras-da-tecnologia-na-sala-de-aula	7 ações para superar as barreiras da tecnologia na sala de aula. Há mitos sobre o uso da tecnologia que se tornam barreiras para fazê-la uma aliada do processo educativo. Veja como romper com as barreiras.
23 de Abril 2019 Tecnologia	https://novaescola.org.br/conteudo/17029/tecnologia-5-dicas-para-inserir-ferramentas-digitais-em-suas-aulas	Tecnologia: 5 dicas para inserir ferramentas digitais em suas aulas. A professora Débora Garofalo, finalista do <i>Global Teacher Prize</i> , compartilha suas dicas.
28 de Maio 2019 Tecnologia	https://novaescola.org.br/conteudo/17563/5-motivos-para-inserir-programacao-erobotica-no-curriculo-escolar	5 motivos para inserir programação e robótica no currículo escolar. Elas ajudam no desenvolvimento de habilidades para resolução de problemas reais e das Competências Socioemocionais.
10 de Junho 2019 Inovação	Endereço da página: https://novaescola.org.br/conteudo/17689/16-habitos-para-aprender-e-desenvolver-a-longo-da-vida-escolar	16 hábitos para aprender e desenvolver ao longo da vida escolar. Pesquisadora neozelandesa Karen Boyes discute hábitos e pensamentos que melhoram a nossa relação interpessoal e que podem ser trabalhados na escola.
28 de Agosto 2019 Saúde emocional	https://novaescola.org.br/conteudo/18258/a-vitima-do-bullying-e-o-professor-e-agora	A vítima do <i>bullying</i> é o professor. E agora? O debate e a prevenção do problema costuma ser centrado nos alunos, mas 12,5% dos docentes brasileiros afirmam ser vítimas de agressões verbais ou intimidações
05 de Setembro 2019 Futuro para a Educação	https://novaescola.org.br/conteudo/18295/a-finlandia-e-a-base-nacional-nao-servem-para-nada-diz-jose-pacheco	A Finlândia e a Base Nacional não servem para nada, diz José Pacheco. Para o educador, as turmas precisam acabar o quanto antes e a Educação precisa se voltar para as relações aliadas à tecnologia digital.
07 de Outubro 2019 Pesquisa Aplicada	https://novaescola.org.br/conteudo/18442/por-que-voce-precisa-da-convivencia-democratica-na-sua-escola	Por que você precisa da convivência democrática na sua escola. Pesquisa com mais de 8 mil alunos mostra que esse é um valor pouco vivenciado nas escolas e que merece mais atenção.
25 de Outubro 2019 Pesquisa Aplicada	https://novaescola.org.br/conteudo/18628/jogos-educacionais-podem-ajudar-estudantes-a-superar-o-medo-de-errar	Jogos educacionais podem ajudar estudantes a superar o medo de errar. Aprendizagem depende também da autoconfiança do aluno, que ele acredite ser capaz de realizar as tarefas. Entenda como ajudá-los nesse desafio.

ANEXO C - MATERIAL EMPÍRICO DA PESQUISA

**nova
escola**

Como usar as ferramentas digitais a favor das competências socioemocionais

Essenciais ao mundo contemporâneo, as competências socioemocionais são transversais ao currículo escolar

POR: Débora Garofalo | 27 de Novembro | 2018



Crédito: Getty Images

Estamos vivendo novos tempos na Educação! A aprovação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) definiu um norte aos currículos brasileiros e tornou a tecnologia uma competência de ensino que deve atravessar todas as áreas do conhecimento.

Dentro deste cenário, ouvir os nossos estudantes é o primeiro passo para a mudança em sala de aula. Em 2016, uma pesquisa promovida pelo Porvir, chamada Reconstrução da Escola ouviu 132.000 alunos. Um dos pontos mapeados pela pesquisa são os pedidos de mudanças no processo de ensino – entre os quais, que a tecnologia seja inserida nas aulas.

No entanto, é importante salientar que inserir ferramentas digitais nas aulas não significa inovar na Educação. É necessário que a inserção seja acompanhada de mudanças de práticas com novos fazeres pedagógicos. É preciso também que estas atividades tenham objetivos claros, potencializando o ensino e abordando novas maneiras de trabalhar o currículo proposto, sendo um importante suporte para desenvolver competências essenciais ao mundo contemporâneo, como empatia, colaboração e habilidades socioemocionais.

Nossos alunos são seres humanos complexos, assim, como cada um de nós. Para desenvolvê-lo, é necessário incorporar estratégias de aprendizagens flexíveis, que permitam conectá-lo com o mundo contemporâneo, vivenciando e experienciando atitudes socioemocionais.

As ferramentas digitais podem colaborar e muito para

este processo. Os estudantes aprendem a colocar em prática atitudes e habilidades para controlar emoções e sentimentos, resolver problemas, demonstrar empatia, manter relações sociais e agir com colaboração, reflexão e ética, exercitando ainda na escola, situações para a vida toda.

As competências socioemocionais são divididas em cinco eixos principais:

- Abertura ao novo (curiosidade para aprender, imaginação criativa e interesse artístico);
- Consciência ou autogestão (determinação, organização, foco, persistência e responsabilidade);
- Extroversão ou engajamento com os outros (iniciativa social, assertividade e entusiasmo);
- Amabilidade (empatia, respeito e confiança); e
- Estabilidade ou resiliência emocional (autoconfiança, tolerância ao estresse e à frustração)

Como trabalhar em sala de aula

O caminho deve contemplar o diálogo, rodas de conversa e estudos de casos, dentro de atividades e suportes de ferramentas digitais. A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) sugere um aprendizado pautado em quatro pilares:



Para trabalhar com os pilares acima, é importante que o socioemocional esteja presente, justamente com o desenvolvimento cognitivo. É preciso estabelecer um elo com os diferentes contextos de aprendizagem que envolvem a escola, família, comunidade e indicadores de bem-estar, como a saúde, qualidade de vida e segurança.

Algumas ferramentas digitais de fácil acesso – e algumas delas até são velhas conhecidas nossas – são excelentes suportes para trabalhar com os alunos e propícias para o desenvolvimento das competências socioemocionais.

Google sala de aula: é uma ferramenta de colaboração e, por isso, possibilita nesse ambiente virtual e interativo trabalhar o eixo das competências socioemocionais relacionadas ao engajamento com os outros. Entenda mais sobre o funcionamento da ferramenta aqui.

Redes Sociais: que tal criar um grupo no Facebook com os estudantes, trazendo exemplos de questões socioemocionais e no final pedir para os alunos utilizar os emotions para expressar os seus sentimentos? Este é um bom exercício para trabalhar com o tema, além de aproximar o aprendizado da realidade dos alunos.

Mapas mentais: excelente oportunidade para explorar o tema a partir da perspectiva socioemocional, um destes temas podem ser o cyberbullying, onde os alunos deverão encontrar soluções. Entre os existentes, destaque Mind Node, Free mind, Ree Plane e Coggle.

Sites: já é possível trabalhar com o desenvolvimento das habilidades a partir de alguns sites também. Recomendo dois: o Instructables e o DIY. O Instructables que nasceu das experiências do MIT Media Lab, o laboratório de inovação do Massachusetts Institute of Technology (MIT), um dos mais importantes institutos de tecnologia, nos Estados Unidos. A equipe do laboratório criou uma plataforma para trocar experiências e projetos internos que pudessem impactar o mundo. Restauração, culinária, marcenaria, moda e vários outros temas inspiram as pessoas a compartilhar suas habilidades.

Já o DIY oferece mais de 100 habilidades motoras para serem desenvolvidas e compartilhadas. Ator, Biólogo, mecânico, detetive e produtor de vídeos são apenas algumas das possibilidades de criação.

E você, querido professor, como trabalha as competências socioemocionais em sala de aula? Conte aqui nos comentários e ajude a fomentar práticas docentes.

Um abraço,
Débora Garofalo

Professora da rede Municipal de Ensino de São Paulo, formada em Letras e Pedagogia, mestranda em Educação pela PUC-SP e colunista de Tecnologia para o site da NOVA ESCOLA.

Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/13829/como-usar-as-ferramentas-digitais-a-favor-das-competencias-socioemocionais>

Quais são os caminhos para ensinar no mundo digital?

Com o avanço da tecnologia, o mundo está mudando rápido. Mas a escola ainda está longe do ideal

POR: Débora Garofalo | 15 de Janeiro | 2019



Crédito: Getty Images

O mundo digital trouxe novos desafios e também novos caminhos a Educação! Com o avanço da tecnologia, as mudanças na vida cotidiana e mercado de trabalho chegam mais rápido e, cada vez mais, se fala de automatização dos espaços.

E a escola? Está evoluindo, mas está longe do ideal! A diferença começa na formação docente: muitos professores não se sentem preparados para trabalhar com elas, apesar de acreditarem no papel essencial da tecnologia na aprendizagem. Enquanto isso, nossos alunos têm, cada dia mais, pedido para que ferramentas digitais sejam incluídas ao contexto escolar. E essa mudança de concepção e atitude tem que ocorrer inicialmente em nós, professores, porque ter altos recursos tecnológicos não garante o aprendizado.

Construção coletiva de conhecimentos

Uma nova maneira de conceber o conhecimento está se construindo e consolidando. Muitos pesquisadores vêm apontando esse caminho. Um deles é o professor José Moran. Para ele, a construção coletiva de conhecimento, impulsionada pelas metodologias ativas, buscam tirar o aluno da passividade e o trazem para o centro do processo cognitivo. Ao trabalhar, por exemplo, com resoluções de problemas, o processo coletivo permite que o aluno atue como protagonista da sua aprendizagem, valorizando o conhecimento que ele já traz. Esse é um cenário no qual todos ensinam e todos aprendem!

Aprendizagem ativa

A aprendizagem ativa está diretamente ligada às

metodologias ativas. Nela, o professor torna-se um mediador do processo, responsável por aguçar a aprendizagem do aluno e fazer intervenções, quando necessário. O docente exercerá o papel de parceiro e aprenderá junto com o processo.

É necessário que o fazer pedagógico seja acompanhado de desafios, que envolva os alunos em atividades que eles possam ser pertencentes e ativos. A gamificação, cultura maker, programação e robótica são alguns dos caminhos que podem – e devem – ser trabalhados em qualquer etapa do ensino e em qualquer disciplina do currículo.

Era da informação

Vivemos em tempos que a informação está no alcance das mãos a um clique, o tempo todo! É essencial ouvir nossos estudantes para entender quais tecnologias eles utilizam fora do cotidiano escolar e incorporá-las ao currículo. Além de mostrar as oportunidades que a tecnologia proporciona, também é preciso equilibrá-la, trabalhando questões éticas e reflexivas sobre, por exemplo, compartilhamento de informações, uso de redes sociais e internet segura. E, para esse trabalho, podemos explorar a colaboração, já que nossos alunos estão chegando com necessidade de interagir, agregar, fazer parte do processo.

Socioemocionais

É necessário compreender que a Educação do século 21 passa também por uma mudança de mentalidade em relação ao modo de ensinar e de aprender. Nele, a priorização das relações socioemocionais é a chave do sucesso para que as transformações ocorram na Educação. A partir do desenvolvimento socioemocional, os estudantes aprendem a colocar em prática atitudes e habilidades para controlar emoções e sentimentos, resolver problemas, demonstrar empatia, manter relações sociais e agir com colaboração, reflexão e ética, exercitando ainda na escola, situações para a vida toda. Algumas ferramentas digitais podem ser trabalhadas dentro do contexto, entre elas destacam-se mapas mentais (Mind Node, Ree Plane e Coggle), redes sociais e Google sala de aula.

Tendências

Em um mundo que a tecnologia avança rápido, o importante é ter em mente que é possível fazer grandes coisas com baixo recursos, desmitificando que para inserir essas tendências em sala de aula é necessário ter uma gama ampla de recursos. O primeiro passo para levar para a

sala de aula é o entendimento do que são essas mudanças e conceitos e priorizar o currículo, incorporando atividades que dão prioridades à mão na massa.

O que é...

- Internet das coisas (IOT): são objetos do dia-a-dia que têm embutido em si sensores e uma de suas potencialidades é realizar a comunicação entre os objetos e pessoas.
- Cultura maker: tem em sua base a ideia de que pessoas comuns podem construir, consertar, modificar e fabricar os mais diversos tipos de objetos e projetos com suas próprias mãos.
- Inteligência artificial: é a inteligência similar à humana, exibida por mecanismos ou software.
- Programação: é uma linguagem computacional que permite que sistemas digitais compreendam e executem funções a partir do que está escrito em códigos (a linguagem de programação).
- Robótica: sistemas compostos por partes mecânicas automáticas e controladas por circuitos integrados e ou placas programáveis.
- Realidade aumentada: informações virtuais a visualizações do mundo real através de uma câmera e com o uso de sensores de movimento como giroscópio e acelerômetro

Espero que o texto, ajude a você professor, refletir sobre a educação do século 21, inovando e se apropriando cada vez mais de ferramentas digitais em sala de aula.

Um abraço,

Débora Garofalo

Professora da rede Municipal de Ensino de São Paulo, formada em Letras e Pedagogia, mestranda em Educação pela PUC-SP, colunista de Tecnologia para o site da NOVA ESCOLA, Vencedora na temática Especial Inovação na Educação no Prêmio Professores do Brasil e Top 50 no Prêmio Global Teacher Prize, considerado o Nobel da Educação.

5 motivos para inserir programação e robótica no currículo escolar

Elas ajudam no desenvolvimento de habilidades para resolução problemas reais e das competências socioemocionais

POR: Débora Garafalo | 28 de Maio | 2019



Crédito: Acervo pessoal Débora Garafalo

Em muitos países, programação é ensinada como uma segunda língua – a linguagem de programação. Não muito diferente ocorre com o ensino de robótica. A Academia de Robótica, nos Estados Unidos, por exemplo, tem o objetivo de ensiná-la nas escolas de Educação Básica.

Uma das minhas lutas pessoais enquanto educadora é transformar o ensino de programação e de robótica em uma política pública. A sua incorporação ao currículo brasileiro traria os benefícios de explorar essa linguagem, como o trabalho com resoluções problemas reais, colaboração, empatia e outras competências socioemocionais.

O ensino tem que ser acompanhado de uma metodologia ativa, capaz de aguçar, desafiar e despertar a aprendizagem ao propor que os alunos saiam da passividade e assumam o centro do processo de aprendizagem.

Programação e robótica

O ensino de programação está relacionado ao ensino de robótica (por exemplo, para criar orientações para que os robôs se mexam). Porém, há muitas vertentes a serem exploradas quando estamos trabalhando a programação – incluindo de forma offline. O ensino pode inclusive se iniciar de forma desplugada (aquele realizado longe de um computador) e abarcar muitas variáveis do currículo. No

ensino através de um programação, muitas outras possibilidades estão à disposição: trabalhar gifs, narrativas digitais, jogos... e a programação para ser repassada para a placa programável, aquela que dará vida a um protótipo.

Já o ensino de robótica trabalha a automação, que possui uma unidade de processamento, sensores para perceber seu ambiente, motores e atuadores (para mover seus membros e/ou rodas), seguindo instruções programadas. É um aprendizado que perpassa pelas mãos, com aprendizagem criativa, que mexe com o raciocínio lógico, capaz de dar soluções à vida cotidiana e ao próprio currículo. A robótica pode ser desenvolvida através de um kit específico e ou materiais não estruturados (saiba mais aqui).

Abaixo, compartilho 5 motivos inserir a programação e o ensino de robótica nas aulas:

1. Desperta para a aprendizagem criativa

Ambos são capazes de alavancar a aprendizagem, tornando-o envolvente e significativo. Isso acontece porque são formas de aprender que permitem que a criatividade e a inventividade estejam presentes em todo o momento. Não é algo só para as exatas: programação e robótica podem ser trabalhadas em qualquer área do conhecimento e de forma interdisciplinar.

2. A robótica ajuda a compreender a programação

Ao dar vida aos protótipos, a lógica de programação (que parece ser algo abstrato), ganha uma outra percepção. Desenvolver seus próprios protótipos permite aos alunos compreenderem de forma lúdica o que está por trás dos funcionamentos dos objetos. Esse encantamento vai além do simples "aprender na prática o funcionamento de um algoritmo". Ele permite que os estudantes compreendam como a lógica da programação se transforma em projetos reais.

3. A robótica auxilia a compreender o mercado de trabalho

Já vivemos a indústria 4.0. Trabalhar a robótica é oportunizar que os alunos tenham possibilidade de se adaptar a um mercado que cada dia está mais tecnológico e para que possam ocupar boas posições. Há vivência, ainda na Educação Básica, de competências necessárias ao

mundo do trabalho, como colaboração, empatia, resoluções de problemas. O desenvolvimento dessas competências permite que eles não sejam apenas consumidores, mas também produtores de tecnologia.

4. Desenvolve as competências socioemocionais

Por si só, o ensino de programação e robótica tem como premissa a colaboração, a troca de ideias, a resoluções de problemas para desenvolver projetos e avançar com os desafios que surgem ao longo do percurso. Os alunos terão de resolver conflitos, trabalhar com questões e valores para avançar em seus protótipos, aprendendo a discordar e a lidar com angústias, frustrações, divergências de opiniões, ansiedade...

5. Ajuda a desmitificar o uso das tecnologias.

Precisamos compreender que a tecnologia não é um fim e sim o meio. Ao trabalhar com projetos mão na massa, estamos olhando a tecnologia por outro prisma ao trabalhar com problemas reais (como a utilização por uma questão social).

E você, querido professor, já experimentou inserir em suas aulas o ensino de programação e de robótica? Como foi? Conte aqui nos comentários e ajude a fomentar práticas docentes.

Um abraço,

Débora Garafalo

Professora da rede Municipal de Ensino de São Paulo, formada em Letras e Pedagogia, mestranda em Educação pela PUC-SP, colunista de Tecnologia para o site da NOVA ESCOLA, Vencedora na temática Especial Inovação na Educação no Prêmio Professores do Brasil e Top 10 no Prêmio Global Teacher Prize, considerado o Nobel da Educação.

Como preparar os alunos para a fluência digital

Saiba o que é fluência digital, como ela afeta a sala de aula e como ela pode colaborar para a construção de cidadãos críticos

POR: Débora Garofalo | 12 de Fevereiro | 2019



Crédito: Getty Images

Uma demanda do mundo contemporâneo, a fluência digital é um termo relacionado à sociedade da informação e ao letramento digital. Com o acesso e a inserção de ferramentas digitais na rotina dos estudante, a fluência digital promete influenciar a forma do processo de ensino e aprendizagem.

É necessário preparar os alunos para saber empregar essas ferramentas. Um dos caminhos é a vivência e a experimentação ainda na Educação Básica. Para além da fluência, também como forma de trabalhar autonomia, segurança, uso consciente e apropriado, ético, reflexivo e criativo.

A sala de aula é um ambiente propício e possibilita trabalhar a criticidade! Nos deparamos com um mundo hoje na ponta dos dedos. Apesar da facilidade de acesso à internet e em possuir equipamentos eletrônicos como celulares e computadores, nossos alunos ainda possuem dificuldades, por exemplo, de selecionar informações e compartilhar.

Na prática deveremos preparar os nossos estudantes para lidar com os recursos tecnológicos em soluções para problemas reais. É a forma mais eficiente de atribuir sentido a esses conhecimentos. Mas não só os estudantes precisam trabalhar habilidades relacionadas ao mundo contemporâneo. A prática docente também deverá ser revista desenvolvendo novas habilidades e competências para aprimorar o processo pedagógico e inserir ferramentas digitais com propósito ao seu planejamento.

É uma oportunidade para a Educação criar estímulos cognitivos diferenciados. É um caminho a ser percorrido para a melhoria do aprendizado, capaz de despertar novas competências, entre elas a colaboração, a empatia e outras relações socioemocionais, assumindo um papel mais ativo na construção da sua própria aprendizagem.

Em um quadro mais amplo, sabemos que a tecnologia marca presença na vida das pessoas, tendo impacto material, intelectual e cultural. Mas, precisamos destacar neste cenário a demanda para o letramento digital crítico por meio do desenvolvimento da fluência digital, que permite aos alunos aprofundamento e reflexões sobre o tema.

Fluência digital na prática

Os textos, cada vez mais, apresentam informações variadas, através de recursos multimodais e também de hiperlinks – tanto no impresso quanto no digital. A capacidade de disseminação que a esfera digital apresenta traz a necessidade de maior atenção para as informações contidas neles de forma explícita e implícita.

Trabalhar com esses textos é uma das possibilidades para transformar os estudantes em leitores responsivos e críticos – o que faz parte da fluência digital. Além disso, permite desenvolver as habilidades e competências distinguir diferentes propostas editoriais – como a identificação dos recursos utilizados para impactar o leitor e que podem comprometer uma análise crítica dos textos propostos, conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) indica.

As habilidades de aprendizagens devem ser asseguradas aos alunos nos diferentes contextos escolares, ofertando uma gama de possibilidades. No entanto, se faz primordial trabalhar três grandes eixos, com os quais eles se deparam constantemente:



As atividades devem conter a possibilidade de reflexão, através de estudos de casos, e também de produção, utilizando ferramentas digitais, muitas delas através de aplicativos, oferecidos pelo próprio celular. O conhecimento mobilizado deve ser entendido como a explicitação da situação ou condição em que a habilidade deve ser desenvolvida, considerando o nível de aprendizado de cada estudante, ofertando ao aluno a possibilidade de serem consumidores e produtores de tecnologia.

Desta forma, conhecer a prática de linguagem, com a definição de objetivos claros de conhecimento e habilidades a serem desenvolvidas, é oportunizar o desenvolvimento da fluência digital. Por exemplo, quando falamos em texto jornalístico, o aluno pode se apropriar de diferentes mídias de publicações (como de jornais impressos e televisivos, por exemplo) e também desenvolver atividades através de um blog, com finalidades interativas que visam desenvolver habilidades e objetivos da aprendizagem.

E você, querido professor, como aborda a fluência digital em sala de aula? Conte aqui nos comentários e ajude a disseminar boas práticas pedagógicas.

Um abraço,

Débora Garofalo

Professora da rede Municipal de Ensino de São Paulo, formada em Letras e Pedagogia, mestranda em Educação pela PUC-SP, colunista de Tecnologia para o site da NOVA ESCOLA, Vencedora na temática Especial Inovação na Educação no Prêmio Professores do Brasil e Top 50 no Prêmio Global Teacher Prize, considerado o Nobel da Educação.

7 ações para superar as barreiras da tecnologia na sala de aula

Há mitos sobre o uso da tecnologia que se tornam barreiras para fazê-la uma aliada do processo educativo. Veja como romper com as barreiras

POR: Débora Garofalo | 16 de Abril | 2019



Crédito: Getty Images

Estamos vivendo um mundo cada vez mais marcado pela tecnologia. Com a indústria 4.0, o mercado está em constante avanço. Nós, estamos vivenciando a Educação 4.0, embora muitas escolas ainda estejam na Educação 1.0, caracterizada pelo giz e lousa.

É necessário rompermos alguns mitos que nos afastam do uso das diferentes ferramentas digitais em sala de aula. Considere o quanto a tecnologia faz parte do seu dia a dia: são através de aplicativos que, provavelmente, se comunica a maior parte do tempo que não está tendo conversas cara a cara; com o suporte deles, que você se deixa navegar pelas rotas com menos trânsito na cidade ou mesmo para checar o horário dos ônibus e pedir um carro para te levar de um local a outro; é provavelmente com o suporte do celular que você se informa dos acontecimentos do mundo e compartilha os da sua vida social.

Com a mesma facilidade que temos com o uso da tecnologia para as atividades mais rotineiras do dia-a-dia, ela deve ser abraçada pela escola e pelos professores. Mas, esse uso – para que tenha um impacto pedagógico real –, não deve ser aleatório: ele deve fazer parte do planejamento, com objetivos claros e desafios para alavancar a aprendizagem dos alunos.

Muitos de nós sentimos dificuldade em lidar com programas e ferramentas, pois só tivemos contato com ferramentas digitais já na fase adulta de nossas vidas. O que é uma experiência bem diferente dos nossos estudantes, que estão familiarizados com as tecnologias desde que nasceram ou desde muito pequenos.

Há outras barreiras que elencamos como justificativas para deixar a tecnologia fora das nossas aulas. Entre as barreiras estão a ausência de infraestrutura, conectividade e formação docente. É, claramente, necessário o investimento das políticas públicas para que essa situação se transforme. No entanto, há algo que nós, individualmente também podemos fazer para mudar o cenário em nossas salas. E podemos começar superando algumas barreiras-mitos.

Superando os Mitos

"Ah, se a minha escola tivesse internet e bons equipamentos para todos os alunos"... é um dos primeiros grandes mitos que colocamos como barreiras em nosso trabalho com a tecnologia. Ter altos recursos tecnológicos não garantem aprendizagem! Ter uma boa infraestrutura, conectividade são importantes, mas somente esses fatores não são suficientes.

Tecnologia não é apenas trabalhada com equipamentos e softwares, ela pode de ser trabalhada de diversas maneiras. Uma das possibilidades são as atividades low tech (de baixa tecnologia) que são realizadas fora de equipamentos e computadores, como no caso de oficinas criativas e programação desplugada.

É necessário enxergar que a tecnologia não é um fim em si mesma: ela é uma propulsora a aprendizagem, e seu uso deve sempre vir acompanhado de reflexão e ética. Para isso, além de propostas e objetivos claros no uso de ferramentas digitais, as ações devem envolver os discentes em ações de pertencimento. O pertencimento pode ser despertado pelo uso de metodologias ativas, que oportunizam ao aluno sair da passividade e assumir o centro do processo de aprendizagem.

Outro mito a ser derrubado é de que os alunos são "nativos digitais" e que, por isso, não precisam de auxílio para um bom uso dos aparelhos eletrônicos. Os alunos, realmente, o utilizam com muita propriedade em suas funções, mas não foram preparados lidar com as redes sociais, internet segura, uso de dados e nem com essa ferramenta como um poderoso instrumento para sua aprendizagem. O celular pode ser utilizado nesse processo como aporte pedagógico em sala de aula. No começo, o professor deverá realizar um trabalho de mudança cultural, considerando a perspectiva do bom uso e consciente da internet e tecnologias de forma geral.

7 ações para inserir ferramentas digitais em sala de aula

1) Conheça: a falta de informação sobre as possibilidades de uso benefícios da tecnologia é um dos maiores inimigos da sua inserção no dia a dia. Compreenda recursos e softwares que podem ser incorporados a sua rotina escola de acordo com os recursos que sua escola e seus alunos possuem. Google Drive e Google Sala de Aula são gerenciadores que permitem realizar trabalhos colaborativos, permitindo que vários documentos possam ser vistos e comentados por um grupo – com acesso inclusive por celular. É possível gerenciar pesquisas e aplicar avaliações tomando as aulas mais atrativas e dinâmicas e de maneira offline.

2) Explore: muitas ferramentas digitais promovem novas formas de realizar uma prática pedagógica e explorar habilidades e competências diversas. Produção de vídeos, fotos, podcasts, slides e blogs. São ferramentas que podem ser usadas pelo celular, computador ou tablet e que enriquecem as aulas – por permitir dinamismo e vivência. Uma aula pode ganhar muito com exibição de vídeos curtos ou fotos feitas pelos próprios alunos.

3) Planeje: projete atividades em que a experimentação da aprendizagem esteja presente. Quando os alunos colocam a mão na massa, eles passam a atuar no centro do processo de ensino e, nós,

professores, assumimos o papel de mediador dessa construção. Ao estabelecer espaços colaborativos dentro da sala de aula, o aluno pode inventar, criar e usar recursos diferentes para a resolução de problemas. É uma forma de valorizar suas ideias, criatividade e habilidades.

4) Insira: o foco da Educação hoje está no desenvolvimento de competências e habilidades, entre elas colaboração, empatia e relações socioemocionais. Aproveite para inserir as redes sociais em suas aulas, expandindo o aprendizado e promovendo um ensino mais personalizado. Edmodo, Blogger, Twitter e Instagram são redes sociais que permitem interação, personalização e a possibilidade de realizar trabalhos que expressem mais a vivência e a visão do aluno.

5) Incentive: use e abuse das ferramentas de pesquisa na internet. Nossos alunos necessitam de orientação em relação ao uso, como símbolos e palavras chaves. Indique bibliografias e sites úteis para que desenvolvam trabalhos com informação de qualidade e confiabilidade. É como falamos lá em cima: ter nascido em uma era digital não significa estar preparado para fazer um uso consciente da tecnologia e apropriado das informações que circulam online.

6) Crie: estimule o contato com softwares (programas) autorais e a produção de trabalhos colaborativos. Movie Maker, Audacity e Gimp são exemplos de programas que permitem realizar diversos tipos de trabalho, além de serem gratuitos e trabalhar de maneira offline. Vamos explorar a criatividade da turma?

7) Compartilhe: propicie momentos para compartilhar as atividades realizadas, incentivando os alunos a produzir seus próprios textos e relatos da experiência em formatos distintos. Eles poderão criar textos e outras mídias a partir das pesquisas realizadas na internet, das descobertas feitas em sala de aula e você pode ensiná-los a mencionar de maneira correta o crédito de autores e fontes pesquisadas para embasar a exploração da sala.

Muitas ferramentas acima, oferecem oportunidade de compartilhar os seus trabalhos. Aproveite esses recursos para mostrar sua experiência a outros professores. As ferramentas digitais podem ser usadas como um grande propulsor da inovação, criatividade e inventividade por meio da experimentação – dando aos alunos a oportunidade de serem protagonistas, autores e construtores da sua própria aprendizagem.

E você, querido professor, como costuma inserir ferramentas digitais em suas aulas? Conte aqui nos comentários! Vamos aproveitar esse espaço para compartilhar experiências e práticas docentes.

Um abraço,
Débora Garofalo

Professora da rede Municipal de Ensino de São Paulo, formada em Letras e Pedagogia, mestranda em Educação pela PUC-SP, colunista de Tecnologia para o site da NOVA ESCOLA, Vencedora na temática Especial Inovação na Educação no Prêmio Professores do Brasil e Top 10 no Prêmio Global Teacher Prize, considerado o Nobel da Educação.

Tecnologia: 5 dicas para inserir ferramentas digitais em suas aulas

A professora Débora Garofalo, finalista do Global Teacher Prize, compartilha suas dicas

POR: Débora Garofalo | 23 de Abril | 2019



Crédito: Getty Images

Levar ferramentas digitais para as aulas parece um desafio muito grande para a maioria dos docentes e para as escolas brasileiras. Temos muito a avançar, começando por romper barreiras de infraestrutura, conectividade e formação docente continuada.

E como perder o medo novo? Como superar as dificuldades e levar as ferramentas digitais para a sala de aula? Não existe uma receita pronta! O primeiro passo para que isso ocorra é uma mudança de atitude em nós, professores, compreendendo que inserir ferramentas digitais é uma possibilidade de reinventar a Educação e integrar áreas do conhecimento. O objetivo de seu uso é formar pessoas com conhecimentos variados, desenvolvendo habilidades, como as competências gerais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), pautadas nas competências socioemocionais e com foco para preparar nossos alunos para os desafios futuros.

O uso de tecnologias permite que os alunos resolvam problemas ao conectar ideias que pareciam desconectadas. Elas ajudam os estudantes a “pensar fora da caixa”, beneficiando desta maneira, o aprendizado interdisciplinar e trazendo os estudantes para o centro do processo cognitivo.

O professor também é bem atuante neste cenário. Ele é o responsável por oferecer mediação e apoio, exercendo a colaboração e aprendendo neste processo de forma

integrada e uns com os outros. A seguir, destaco 5 dicas para inserir ferramentas digitais em suas aulas:

1. Comece simples, com low tech (tecnologia de baixo recurso)

Muitas vezes, imaginamos que é necessário ter todo um aparato tecnológico para levar a tecnologia para as aulas – o que é um grande equívoco! É possível utilizar velhas ferramentas conhecidas (como o pacote Office) garantindo grande interação nas aulas. Um bom exemplo disso, é o Power Point, que detém muitas funções e possibilidades. Com o programa é possível montar apresentações animadas, fazer vídeos, criar jogos, fazer campanhas... basta deixar a imaginação fluir.

2. Perca o medo

Sempre falamos que é necessário ter altas expectativas para os alunos. Concordo com isso e acrescento que também é necessário ter altas expectativas para os professores. O docente também tem que ter a oportunidade de vivenciar a aprendizagem. Não podemos ter medo de mexer em programas, explorá-los e conhecê-los. Ler sobre o assunto é sempre fundamental (se está em busca de indicações de leituras, fiz uma seleção que você pode acessar aqui). Parte do processo de perder o medo é seguir a filosofia maker, de aprendermos uns com os outros. Para essa troca, é possível procurar espaços em que a aprendizagem criativa é ofertada – deixo a dica dos hackerspaces, espalhados pelo Brasil, que são espaço gratuitos para quem quiser colocar a mão na massa.

3. Use o que está nas mãos:

É equivocado pensar que para usar tecnologia necessita ter equipamentos. Muitas vezes, não começamos o aprendizado pelos equipamentos, mas fora dele. Dois bons exemplos disso são o ensino de programação desplugada, iniciado com fora do computador com experimentação de forma prática, e a gamificação, que permite elencar elementos dos jogos.

O celular neste cenário é um importante recurso pedagógico por permitir que uma série de infinitudes pedagógicas sejam trabalhadas de acordo com a proposta do professor: realidade virtual, produções de vídeos,

construção de narrativas, programas de colaboração... e offline, sem a necessidade de estar conectado.

4) Permita aprender com os alunos

O nosso papel mudou. Somos mediadores de conhecimento, e, para tal, é necessário se permitir aprender uns com os alunos. O diálogo é o melhor caminho para que isso ocorra. Ouvir os alunos e construir propostas de forma democrática, demonstrar a eles os objetivos e os deixar participar ativamente da construção da aprendizagem faz parte desse processo.

5) Acredite em você mesmo

Tenha altas expectativas sobre você mesmo. Permita que a inventividade e a criatividade invadam a sua sala de aula. Lembre-se: você é a principal mudança para que a Educação ocorra e usar ferramentas digitais não garantem a aprendizagem em si. Você é parte decisiva desse aprendizado, por isso, é necessário que a tecnologia venha acompanhada de objetivos claros, ações de pertencimento e que realmente seja usada para alavancar a aprendizagem.

E você, querido professor, quais são suas dicas para inserir ferramentas digitais nas aulas? Conte aqui nos comentários e ajude a alavancar a aprendizagem dos estudantes.

Um grande abraço,

Débora Garofalo

Professora da rede Municipal de Ensino de São Paulo, formada em Letras e Pedagogia, mestranda em Educação pela PUC-SP, colunista de Tecnologia para o site da NOVA ESCOLA, Vencedora na temática Especial Inovação na Educação no Prêmio Professores do Brasil e Top 10 no Prêmio Global Teacher Prize, considerado o Nobel da Educação.

O futuro pede habilidades socioemocionais

Autoconhecimento, regulação emocional, resiliência, empatia e julgamento para tomar decisões responsáveis podem ser aprendidas na escola e são importantes aliadas para as mudanças trazidas pelo desenvolvimento tecnológico

POR: Celso Lopes de Souza | 31 de Janeiro | 2019



Foto: Getty Images

Uma criança que está iniciando o Ensino Fundamental hoje terá apenas 16 anos em 2035. Por essa época, o mundo como o conhecemos hoje terá mudado significativamente em algumas áreas – talvez até de forma imprevisível. A tecnologia que permitirá nos locomovermos em milhões de veículos autônomos nas grandes cidades provocará uma avalanche de mudanças em outras áreas. Isso deve alterar a nossa forma de interagir com o mundo, reformulando padrões e relações na sociedade.

Um estudo do Fórum Econômico Mundial, publicado em 2016, estimou que 65% dos jovens que estão hoje na escola trabalharão em uma profissão que ainda não existe. Além disso, a previsão é de que essas pessoas não terão apenas uma carreira ao longo da vida. Talvez sejam duas, três, quatro ou mais.

Isso ocorrerá porque a inteligência artificial, os robôs, as máquinas farão trabalhos que antes eram exclusivamente humanos, o que pode fazer com que carreiras sólidas deixem de fazer sentido. Ter que se reinventar aos 20 anos é uma história, mas ter que se reinventar sucessivamente aos 30, 40, 50, 60 anos pode ser muito desafiador.

Esse cenário exigirá muita resiliência e grande capacidade de regulação emocional para lidar com o estresse inerente às mudanças. A pergunta é: teremos habilidade para navegar nesse novo mundo? Ou aumentarão os índices de alcoolismo, depressão e suicídio?

Essa é uma das razões que contribuiu para o consenso entre os especialistas sobre importância de ensinarmos tais habilidades na escola. As habilidades socioemocionais – autoconhecimento, regulação emocional, resiliência, empatia e julgamento para decisões responsáveis – podem ser aprendidas da mesma forma que as crianças aprendem a ler, a escrever ou a contar.

Um estudo conduzido em 2011 envolvendo cerca de 270 mil crianças e adolescentes avaliou o impacto de programas estruturados de aprendizagem socioemocional nas escolas. Comparado com o grupo controle, os alunos melhoraram suas notas nas disciplinas tradicionais, em média, 11%. Resultados semelhantes foram encontrados em outro estudo de 2017 envolvendo cerca de 100 mil participantes.

Só para se ter uma noção do tamanho desse impacto na nota, numa avaliação como o ENEM, o aumento de 11% na pontuação significa algumas centenas de posições na disputa por vagas nas carreiras mais concorridas.

Mas uma coisa que chamou muita atenção nesse estudo é que num seguimento de 20 a 30 anos, as crianças e adolescentes se tornaram adultos com uma prevalência de transtornos mentais muito menor do que o grupo controle.

Esses dados apontam com clareza que a aprendizagem socioemocional pode impactar positivamente o desempenho acadêmico e a

capacidade de lidar com os desafios que o século XXI já está exigindo. Ignorar essa realidade é omissão.

Neste contexto, não há dúvidas sobre a urgência de olharmos o tema com a seriedade que ele merece. Se concordamos que para um futuro melhor é preciso investir nas crianças e adolescentes, concordaremos também que uma das formas de conseguir isso é investindo nos professores.

Tão importante quanto estruturar as habilidades socioemocionais nos alunos é também desenvolver essas habilidades nos professores. Afinal de contas, eles também estão no meio dessa revolução e mais do que nunca precisarão de muita resiliência e capacidade de regulação emocional para enfrentá-la.

Entre as incertezas sobre o futuro, é possível fazer uma previsão segura: nos próximos 20 anos, precisaremos de professores mentalmente saudáveis, pois nunca foi tão importante aprender e nunca foi tão importante ensinar. É hora de despertar. O futuro tem pressa, e ele não costuma esperar.

Celso Lopes de Souza é médico psiquiatra, professor, autor de livros didáticos e fundador do Programa Semente, projeto que promove o desenvolvimento de competências socioemocionais em crianças e adolescentes.

A vítima do *bullying* é o professor. E agora?

O debate e a prevenção do problema costuma ser centrado nos alunos, mas 12,5% dos docentes brasileiros afirmam ser vítimas de agressões verbais ou intimidações

POR: Ana Carolina C D'Agostini | 28 de Agosto | 2019



Foto: Getty Images

Normalmente, quando falamos sobre bullying na escola, discutimos formas de diminuir esse tipo de violência entre os alunos. Entretanto, o bullying também pode ocorrer contra os professores e abordagens para lidar com esse problema são menos frequentes.

Conforme publicado pela NOVA ESCOLA em junho deste ano, o Brasil infelizmente lidera o índice de violência contra professores, sendo que 12,5% dos docentes afirmaram ser vítimas de agressões verbais ou intimidações de alunos. Dados divulgados sobre uma pesquisa feita pelo Sindicato dos Professores de São Paulo apontam que mais da metade dos professores da rede estadual de ensino afirmam já ter sofrido algum tipo de agressão, incluindo o bullying.

Pesquisas e conversas com professores - tanto do Ensino Fundamental como do Ensino Médio - reforçam esses dados e apontam que essa ação vem de várias fontes. Professores podem sofrer bullying em sala de aula por meio de comportamentos disruptivos ou ridicularização dos alunos, por meio de boatos espalhados entre a comunidade escolar e, também, via cyberbullying com o aumento da popularidade das mídias sociais. Além disso, podem sofrer esse tipo de violência por meio dos pais dos alunos, e até mesmo de colegas de trabalho.

Ser intimidado no ambiente profissional pode fazer o docente repensar a sua profissão e trazer graves consequências para a saúde emocional. Como então lidar com essa questão e combater esse tipo de violência?

Clima e cultura escolar

Considerando que o bullying é uma forma de agressão verbal, física ou psicológica que ocorre de maneira recorrente, conduzida por um indivíduo ou grupo contra uma ou mais pessoas em que a necessidade de humilhar e de intimidar dominam o relacionamento, a escola deve ter como princípio que nenhuma dessas características faça parte do clima e da cultura daquela instituição.

O olhar atento a manifestações sutis e explícitas que evidenciem a presença de bullying deve ser recorrente, para que assim absolutamente ninguém se sinta intimidado ou humilhado por ser quem é ou por alguma atitude que cometeu. O combate ao bullying deve fazer parte da linguagem da escola, até que todos se sintam corresponsáveis pela criação daquele espaço e sintam responsabilidade pela forma como cada um se sente ali dentro.

O papel do gestor

Cabe ao gestor de cada escola estruturar condições para a cultura de paz e para o aprendizado de habilidades socioemocionais na escola, garantindo também o respeito ao professor nos mais diferentes níveis por meio da aplicação prática do que ensinam esses princípios. É importante também que o gestor garanta que as normas de conduta da escola e as consequências sejam claras e conhecidas por todos. Além disso, o gestor deve ser o responsável por repudiar qualquer tipo de violência contra os professores, inclusive por parte das famílias dos alunos que muitas vezes buscam desmoralizar o professor.

É importante estabelecer limites, se mostrar aliado desses profissionais, e também transmitir aos pais a importância do respeito e da valorização do professor. Por fim, é fundamental que o gestor saiba dar feedbacks ao professor de forma apropriada e combinada, para que este não se sinta intimidado e alvo de críticas constantes.

Gestão de sala de aula

O clima escolar também é influenciado pela gestão de sala de aula de cada professor, portanto é interessante que a escola garanta momentos de troca e de alinhamento entre os profissionais para que estes sejam norteados por princípios comuns, possam trocar boas práticas e até mesmo reavaliar o próprio gerenciamento de sala de aula.

Uma boa sugestão é criar normas de conduta em parceria com os alunos de preferência no início do ano letivo, assim todos podem opinar e participar da decisão de como gostariam de se sentir na escola, inclusive o professor.

Essa prática permite também que os alunos se sintam responsáveis e que possam refletir sobre o impacto de suas atitudes. O professor deve se atentar a modelar o que é respeito, a praticar a escuta ativa, e a retomar, quando necessário, o comportamento aceitável e não aceitável da sala de aula, nomeando aquilo que é disruptivo e que traz humilhação. Estar aberto ao feedback dos alunos sobre o que está funcionando bem e o que não está, criando espaços específicos para isso, garante muitas vezes que certas situações que poderiam ser contornadas pelo diálogo não se reflitam em comportamentos violentos como o bullying.

E vocês, professores e gestores, quais práticas e princípios fazem parte da rotina de vocês para combater o bullying?

Ana Carolina C D'Agostini é psicóloga e pedagoga com formação pela PUC-SP, especialização em psicologia pela Universidade Federal de São Paulo e mestre em Psicologia da Educação pela Columbia University. Trabalha com projetos em competências socioemocionais e é consultora do projeto de Saúde Emocional da Nova Escola.

Criatividade abre as portas para melhor aprendizagem

Guiadas pela curiosidade, as crianças podem ser incentivadas a pesquisar e se tornarem agentes do aprendizado

POR: Douglas Gavras | 22 de Agosto | 2018



Foto: Getty Images

Na Escola Municipal Professora Aciméa de Oliveira Nascimento, em Teresópolis, região serrana do Rio de Janeiro, as crianças escolhem pesquisar por seis meses sobre a vida dos coalas e acabam se empolgando para estudar a história da Austrália. A partir dos seis anos, os alunos são estimulados a defender um tema que provoque curiosidade na turma e que sirva de fio condutor para o aprendizado.

"O professor aqui não é um detentor do conhecimento, ele é um mediador. As crianças pesquisam temas que são importantes para elas e acabam desenvolvendo a imaginação, o gosto pela descoberta", afirma Luciana Pires, diretora da escola desde 2015. Segundo ela, a instituição já era pioneira no ensino integral no município e aos poucos foi se tornando um território de resistência, um espaço de estímulo às mudanças. "O estímulo à criatividade está no centro desta pequena revolução", diz.

A capacidade de imaginar situações originais ou de criar soluções para problemas concretos é inerente a todo ser humano. Nas crianças, a criatividade é um impulso natural e recorrente, que pode e deve ser estimulado na escola. O pensamento criativo está relacionado às intuições, emoções e habilidades práticas.

A criatividade é parte das competências socioemocionais, propostas na nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Essas características propõem o desenvolvimento do aluno como um cidadão completo, emocionalmente preparado para ter sucesso tanto nas relações pessoais quanto, no futuro, nas habilidades profissionais.

Construção da cidadania

Além disso, estimular a criatividade na sala de aula pode ajudar na construção da cidadania. Um relatório de 2012 da Fundação Botín, da Espanha, aponta que o envolvimento das crianças em atividades criativas aumenta em 8,6% as chances de que elas criem laços de amizade mais sólidos durante a vida e também ajuda a estimular a empatia — a capacidade de se colocar no lugar do outro —, já que elevaria em 15,4% a chance de se engajarem em trabalhos voluntários, no futuro. A pesquisa foi feita pelo professor James Catterall, da Universidade da Califórnia.

"Na formação da cognição humana, mesmo a mais racional das inteligências se constitui fundamentalmente de criatividade, de imaginação", diz a filósofa Viviane Mosé. "A criatividade é uma ousadia, um gesto adiante. Isso é necessário em todo o tipo de inteligência, da mesma maneira que o afeto. A criatividade sempre foi essencial, ainda mais hoje, quando vivemos na sociedade da inovação. É uma sociedade criativa e que investe em inovação de formas múltiplas, e a escola deve ser parte desse processo."

A escritora apresentou recentemente a série "Janelas de Inovação", do Canal Futura, em que documentários produzidos e dirigidos por jovens realizadores mostram experiências educacionais por todo o país em que a criatividade é despertada nas crianças por caminhos diferentes, como em uma escola no norte de Goiás que não tem salas e os temas de estudo também são desenvolvidos a partir das sugestões dos alunos, como na experiência de Teresópolis; ou dos alunos no Espírito Santo que participam de um projeto de robótica que

ajudou a remodelar as aulas de ciência — eles criaram, por exemplo, uma "desimpressora", para a reutilização do papel.

Ato criativo

Ainda que o professor, durante a sua formação, possa não ter sido treinado para pensar na criatividade como um conceito a ser trabalhado na sala de aula, ele já possui em sua bagagem pessoal as pistas para desenvolver a imaginação dos alunos, diz Antonio Lovato, coordenador do projeto Escolas Transformadoras no Brasil, da organização Ashoka e do Instituto Alana. O movimento tem 21 escolas no País.

"A vontade de mudar as coisas já é um ato criativo. O estímulo à criatividade passa pela presença de uma equipe transformadora dentro da escola. Só há uma transformação, se tiver uma equipe puxando o processo. E esse grupo deve entender que todas as pessoas na escola são agentes de transformação", diz ele.

Alguns especialistas em educação creem que esse estímulo também ajuda na construção da autoconfiança da criança, por desenvolver as aptidões pessoais. Se a base do pensamento criativo é natural, a chave, então, é instigar o aluno a exercitar sua capacidade de interagir com o mundo de forma criativa.

As escolas não precisam encarar a criatividade como um fim ou uma competência abstrata, mas como meio para a resolução de uma série de questões das próprias escolas. Passa pela maneira como ela lida com a relação da comunidade, como integra as pessoas ao ambiente escolar, explica Lovato.

"Temos um exemplo de uma escola em Manaus, com dificuldades financeiras, que foi capaz de articular um movimento na comunidade para conseguir instrumentos musicais que estavam fora de uso ou criar instrumentos a partir de outros objetos, para montar um espaço de música, que fica aberto para o uso das crianças. A criatividade pode permear o cotidiano escolar da sala de aula à gestão."

nova escola

Howard Gardner: “Nunca encontrei nada importante que só possa ser ensinado de uma única maneira”

Autor da teoria das inteligências múltiplas defende individualização e pluralização da aprendizagem

POR: Vinicius de Oliveira, do Porvir | 18 de Setembro | 2018



Foto: Getty Images

“O lado bom e o ruim é que você pode resumir a minha teoria em uma frase. Pensávamos que havia apenas uma maneira de ser inteligente, mas agora sabemos que existem várias”, diz o psicólogo americano Howard Gardner. Autor da teoria das inteligências múltiplas, que estabelece que inteligência é algo que vai muito além do que é medido nos testes de QI (quociente de inteligência), Gardner é amplamente referenciado em diferentes áreas da psicologia e da educação, seja na formulação de políticas públicas, currículos voltados ao desenvolvimento socioemocional ou em testes vocacionais.

Seus estudos mostram que ao insistir em se concentrar nas habilidades linguísticas e lógico-matemáticas, escolas deixam de prestar atenção a indivíduos que demonstram habilidades em outras inteligências, como a espacial, a corporal-cinestésica, a musical, a interpessoal, a intrapessoal e a naturalista. Afinal, diz Gardner, artistas, arquitetos, músicos, naturalistas, designers, dançarinos, terapeutas e empresários contribuem para enriquecer o mundo em que vivemos. Só que isso não tem recebido a devida atenção.

Em conversa com jornalistas antes de sua palestra no Congresso Socioemocional LIV 2018, promovido em agosto pelo grupo Eleva Educação, no Rio de Janeiro (RJ), Gardner detalhou conceitos presentes no livro “Estruturas da Mente – a Teoria das Inteligências Múltiplas”, lançado em 1983, que mais tarde deu origem ao projeto “Trabalho do Bem” (“The Good Project”), desenvolvido na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos.

Antes de tudo, Gardner não vê sua teoria como única abordagem possível para famílias e educadores. “Se você for um pai ou uma mãe, a primeira coisa que digo é que, se seu filho está se

saindo bem nos estudos, é melhor deixá-lo em paz e agradecer a Deus”, disse. Agora, se houver dificuldade de aprendizado ou falta de motivação para estudar, ele sugere que um especialista seja procurado, porque pais geralmente não possuem referência sobre quais inteligências podem ser mais bem trabalhadas. “Muitos deles não possuem muitos filhos (para conseguir uma base de comparação) e tendem a projetar experiências provenientes de seu perfil de inteligência.”

Da mesma forma, reconhece que educadores não podem ser obrigados a trabalhar de acordo com inteligências múltiplas, mas defende os benefícios quando são usados recursos para promover individualização e pluralização da aprendizagem. O primeiro conceito tem a ver com aquilo que no Porvir chamamos de personalização, ou seja, saber o que é melhor para cada aluno e ensinar de acordo com seus interesses, de uma forma que faça sentido a ele. Por pluralização, Gardner explica que o educador decide o que é realmente importante para os alunos conhecerem, aprenderem e compreenderem. Essa informação precisa estar em uma variedade de formatos e mídias, abordando assim as inteligências múltiplas. “Nunca encontrei nada importante que só possa ser ensinado de uma única maneira”.

Para quem está quebrando a cabeça para construir um currículo, a partir das diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que leve em conta o desenvolvimento de competências, Gardner deixou um importante recado. “Você pode ter todo o currículo socioemocional que você quiser, mas a parte mais importante é como as pessoas se comportam”. Para o psicólogo, esse é o “currículo oculto” que muitas vezes mal é notado nas escolas. “O que a criança realmente aprende é como os adultos reagem quando um novo aluno chega à escola e como o corpo docente reage a um momento de crise ou a um escândalo de fraude. Isso é o que chamo de currículo oculto”.

The Good Project, o Trabalho do Bem

Em 1995, ciente que suas ideias estavam sendo mal interpretadas e usadas de forma a classificar e segregar cidadãos de diferentes grupos étnicos, Gardner se juntou a outros dois colegas, Mihaly Csikszentmihalyi e William Damon, também psicólogos da Universidade de Harvard, para criar o The Good Project, uma plataforma que busca entender como as pessoas que anseiam fazer um “trabalho do bem” obtêm sucesso ou fracassam em uma época em que tudo muda muito rápido; o senso de tempo e espaço está sendo radicalmente alterado por causa da tecnologia; as forças do mercado são muito poderosas e ainda não se sabe se existem forças contrárias com poder equivalente.

“Quando vi que pessoas estavam usando minhas ideias de um

jeito que não queria que acontecesse, entendi que precisava conectar as múltiplas inteligências a um sistema de valores contendo o que significa ser uma boa pessoa, um bom profissional e um bom cidadão”, disse Gardner. “Não é a mesma coisa ser cada uma delas. Você pode ser um profissional muito bom, mas não um bom cidadão. Um vizinho excelente, mas eu não te contrataria para ser meu médico.”

O trabalho começou com entrevistas aprofundadas com 1.500 pessoas de nove diferentes áreas (jornalismo, genética, teatro, negócios, direito, medicina, filantropia e educadores de ensino fundamental e de ensino superior). Dessa consulta, surgiram os três “Es” que formam os eixos do projeto: excelência, ética e engajamento.

Na sequência, foi produzido um material de referência (disponível apenas em inglês) com dilemas que a equipe responsável afirma não ser um currículo puro e simples. “[O material] não foi projetado para ser usado do começo ao fim. Tampouco é dirigido a um público específico – digamos, estudantes do ensino médio, novatos em medicina ou gerentes de nível médio em uma empresa multinacional. Em vez disso, é um conjunto de instrumentos cognitivos – um kit de ferramentas mentais, se preferir – que podem ser usados, adaptados, revisados, adicionados, combinados e recombinados de acordo com os propósitos do usuário”, descreve o sumário do documento.

Entre os exemplos, estão vários relacionados à educação, como o que coloca o leitor na posição de um professor com muitos estudantes em sala de aula e alguns que dão mais trabalho. Quanto tempo deve ser dedicado a esse grupo de estudantes? Se der boas notas a eles para facilitar a aprovação, como ficarão seus valores pessoais e o que os alunos vão aprender sobre a necessidade de esforço para conseguir resultados.

A necessidade de falar desses três “Es” com estudantes também foi reforçada quando Howard entrevistou jovens e descobriu que a noção de fazer o bem era relacionada a um momento da vida futuro, com estabilidade financeira e sucesso profissional, em alusão aos valores do sonho americano. “Muitos se distanciavam do modelo porque se viam em competição com os colegas, que também buscam ser ricos e bem-sucedidos.”

Tais estudos levaram os psicólogos a desenvolver novos recursos voltados à sala de aula, como os guias sobre colaboração e cidadania digital, que também se destinam a revelar o que está oculto em escolas e demais organizações e trazer desafios atuais para serem discutidos por alunos ou equipes.

BNCC, Constituição e Ética são destaque na Agenda NOVA ESCOLA

Uma programação especial para marcar 30 anos da Constituição de 1988, conteúdos exclusivos da Base e um curso de Ética em vídeo para ajudar na formação

POR:
NOVA ESCOLA
01 de Outubro | 2018

NOVA ESCOLA abre o mês de outubro com muitas novidades para professoras e professores de todo o país. No mês em que se comemora o Dia do Professor, vamos trazer presentes e muito conteúdo para usar dentro e fora da sala de aula. Para começar bem, NOVA ESCOLA lança a Semana Cidadã, para marcar os 30 anos da Constituição de 1988, que mudou os rumos do Brasil e tornou a Educação um direito universal. Você ainda encontra um curso de Ética em vídeo para ajudar na formação e uma série de conteúdos exclusivos do Guia da BNCC para tirar dúvidas e começar a usar já na escola. Confira a seguir os destaques da semana.

SEGUNDA-FEIRA

Como a Constituição mudou a Educação

A Constituição Federal brasileira completa 30 anos de existência e a NOVA ESCOLA lança a Semana Cidadã, uma série de reportagens e gráficos que vão discutir o documento e as mudanças causadas por ele na Educação. A semana começa com uma

análise de como a Constituição de 1988 mudou a Educação no Brasil, inserindo o conceito de que a Educação Pública é um direito fundamental do cidadão.

Há 30 anos: NOVA ESCOLA celebrava Constituição de 1988

Fomos buscar em nossos arquivos o texto publicado na revista, que traz uma análise das conquistas da Constituinte, mas também prevê os próximos passos.

Tem dificuldade de discutir sobre Ética com seus alunos? Este curso da NOVA ESCOLA vai te ajudar!

A Constituição brasileira é regida, entre outros, pelo princípio da moralidade. Discutir dilemas morais com os alunos é uma boa maneira de levar o tema para a sala de aula. Neste curso, você vai conhecer estratégias para desenvolver esse trabalho em sala de aula e ver uma atividade sendo desenvolvida com uma turma do Ensino Fundamental 2 de uma escola pública de São Paulo.

Uma competência a cada segunda-feira

Você sabe o que é o Repertório Cultural? É uma das 10 Competências Gerais da BNCC. Saiba como é trabalhar essa habilidade em sala de aula. Todos os alunos, de acordo com a Base, devem desenvolver a capacidade de expressarem sentimentos e ideias, a consciência multicultural e o respeito à diversidade de culturas.

TERÇA-FEIRA

Constituição: muito falada, pouco conhecida

Para entender o que é de fato a Constituição Federal de 1988, porque ela é tão falada e, na verdade, pouco conhecida. O que é de fato este documento e o que ele traz.



Como estimular a leitura na Alfabetização

Os alunos precisam ser constantemente desafiados para não perderem o engajamento. Criança que aprende a ler fica mais estimulada a estudar com as descobertas que a leitura proporciona, afirma Mara Mansani.

Como as competências socioemocionais promovem saúde mental?

Rosane Voltolini, representante da Associação pela Saúde Emocional das Crianças, ressalta a importância de reconhecer a dor e de desenvolver estratégias para lidar com situações difíceis e com os sentimentos.

A importância de discutir a saúde mental de alunos e professores na escola

O clima escolar é um dos fatores que influenciam a saúde mental dos jovens e, claro, dos professores. Para garantir a qualidade do processo de ensino e aprendizagem, é preciso antes de tudo que a escola favoreça um ambiente harmonioso, em que o respeito e a colaboração estejam inseridos nas práticas cotidianas.

Quando eu me pergunto se ser educador realmente vale a pena

"Se pudesse fazer tudo de novo, escolheria novamente o magistério. Não porque eu tenha algum dom exclusivo dos professores, mas porque o fazer humano me encanta, bem como o pensamento humano, a transformação dos alunos – crianças, jovens ou adultos", escreve a coordenadora Joice Lamb.

QUARTA-FEIRA

Como era a Educação na primeira República?

Um infográfico mostra, de maneira fácil, como a Educação era tratada no início da República no Brasil. Para entender o que mudou desde a Constituição de 1988, a gente tem que olhar para trás.



O que mudou na Educação na era Vargas

Gráfico mostra a construção do ensino no país, com a criação do Ministério da Educação e da Saúde Pública. Mas e o que acontecia com a maior parte da população?

Converse com o Educador do Ano

NOVA ESCOLA convidou o professor de História José Marcos Couto Júnior, escolhido o Educador do Ano no Prêmio Educador Nota 10, para um bate-papo nesta quarta-feira às 18h. Acompanhe ao vivo em nossa página do Facebook e mande suas perguntas!

Vídeo: o que muda em Língua Portuguesa com a BNCC?

Explicamos as diferenças entre os três documentos estruturantes da etapa de Educação Infantil: RCNEI, DCNEI e BNCC. A Base reforça a concepção de criança como protagonista e institui os 5 Campos de Experiências e objetivos de aprendizagem baseados nos 6 Direitos de Aprendizagem.

QUINTA-FEIRA

"A Constituição deve nortear a nossa vida"

O advogado Felipe Neves explica como levar a Constituição para as escolas. Felipe criou o projeto Constituição na Escola para ensinar alunos do Ensino Médio em escolas públicas quais são os aspectos mais importantes do documento. "Ao



conhecer as leis, eu acredito que o jovem assume um papel crítico na sociedade: ele passa a defender seus direitos, entender o que está acontecendo e começa a fiscalizar e cobrar ações dos nossos políticos".

A história da Constituição Cidadã

A Constituição Federal completa 30 anos. Para marcar esse momento histórico no Brasil, NOVA ESCOLA traz um vídeo que professores podem usar em sala de aula para discutir com seus alunos a importância do documento e como se apropriar da Constituição em nosso dia a dia. Esse material também é muito útil para coordenadores pedagógicos que queiram trabalhar atividades em projetos da escola.

Quinta do Educador Infantil

Explicamos as diferenças entre os três documentos estruturantes da etapa de Educação Infantil: RCNEI, DCNEI e BNCC. A Base reforça a concepção de criança como protagonista e institui os 5 Campos de Experiências e objetivos de aprendizagem baseados nos 6 Direitos de Aprendizagem.

Como a escola pode usar a internet para discutir saúde mental?

É possível ensinar aos "nativos digitais" como usar melhor a internet? Há quem não tenha dúvidas de que sim. O ambiente digital pode ser muito produtivo, mas também há um lado perigoso. Ao navegar, nem sempre crianças e adolescentes dominam, por exemplo, gerenciamento de configurações, padrões de conduta ou pesquisa em fontes confiáveis. E é nesse contexto que a escola pode contribuir.

SEXTA-FEIRA

5 gráficos para entender como era a Educação antes da Constituição

Cinco gráficos que mostram como era a Educação antes da Constituição de 1988. Os gráficos mostram como era a Educação na Primeira República, o que mudou na Era Vargas e como ficou a Educação no governo militar.

Teste seus conhecimentos sobre a BNCC

Faça o teste e saiba o quanto você sabe sobre a BNCC para Matemática.

Oralidade e escrita na Educação Infantil

Silvia Colello, pedagoga e professora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), levanta reflexões pedagógicas sobre o campo de experiência "Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação" proposto pela Base Nacional Comum Curricular da Educação Infantil.

Notícia falsa não pode ter vez!

Uma conversa ao vivo com Rodrigo Ratier sobre a importância de combater as notícias falsas e como ele está levando essa conversa pelo Brasil afora com o projeto Vaza, Falsiane. A transmissão acontece a partir das 10h em nossa página do Facebook.

Vamos falar de saúde mental

Adolescentes tristes, insatisfeitos com as relações pessoais, bulmínicos ou que se automutilam. Professores cansados, de licença, com depressão. Toda escola enfrenta situações que colocam a saúde emocional de crianças, jovens e adultos. Mas como professores e alunos podem colaborar para melhorar o clima e a saúde mental? Dois casos de sucesso mostram o que estão desenvolvendo nessa área.



A Finlândia e a Base Nacional não servem para nada, diz José Pacheco

Para o educador, as turmas precisam acabar o quanto antes e a Educação precisa se voltar para as relações aliadas à tecnologia digital

POR: Paula Peres | 05 de Setembro | 2019



Foto: Divulgação Biental do Rio / Felipe Panfil

“Uma menina chega, e eu pergunto ‘o que queres fazer?’ ‘Nada.’ ‘O que queres saber?’ ‘Nada. Você não é meu pai, não pode me obrigar, deixe-me ir embora’. ‘O que queres ser?’ Não é quando for grande, o que queres ser agora. Perguntar quando for grande é um insulto para uma criança. Ela é, não vai ser. E ela disse ‘Eu quero ser rapper’. Fiz um projeto de vida com ela. Um currículo de subjetividade onde ela aprendeu tudo o que está na Base. E aos 13 anos foi abrir os Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro ao lado da Karol Conká: Mc Soffia”.

O breve relato foi dado por José Pacheco no Fórum da Educação, programação integrante da Bienal do Livro do Rio de Janeiro, entre os dias 2 e 3 de setembro. As histórias de Mc Soffia e José Pacheco se cruzaram no Projeto Âncora, escola onde a adolescente estudou, e onde José Pacheco trabalhou e considera, atualmente, a melhor escola do Brasil.

O educador costuma dizer que “há muitas Finlândias no Brasil”. Ou seja, escolas, comunidades de aprendizagem de excelência, que colocam o aluno no centro do processo de ensino e aprendizagem. Mas até isso, segundo ele, está ultrapassado. “A Finlândia não serve para nada. Fez coisas ótimas, deu autonomia às escolas, acabou com provas, exames, acabou com avaliação externa, mas continua a haver aula, turmas, séries”.

O Projeto Âncora não tem turmas, séries nem aulas planejadas. Quem conduz o ritmo de aprendizagem e os projetos a serem desenvolvidos são os alunos, facilitados por seus tutores (os professores). Tudo o que José Pacheco acredita.

Novas possibilidades

O educador que ajudou a criar a Escola da Ponte, referência de Educação construtivista em Portugal e no mundo, acredita que inovar em Educação é estar constantemente aberto a novas possibilidades, sem a chance de cristalizar. “Me perguntaram se eu estava aposentado, e o que eu estava a fazer. Eu respondi que estava a ajudar brasileiros a fixar novas construções sociais de aprendizagem. E me perguntaram ‘E quando você conseguir fazer esse projeto, vai deixar de fazer projetos?’, eu respondi ‘Não. Já dizia Paulo Freire: nós estamos incompletos. Então eu vou fazer outro projeto depois’. ‘E que projeto será esse?’ Eu respondi ‘Certamente será um projeto para acabar com as comunidades de aprendizagem, que deve vir outra coisa melhor depois’.

Em 2019, José Pacheco acredita que, enquanto ainda há “escolas do século 19”, com turmas, séries e o professor no centro da aula, as pessoas estão batalhando para implementar a “Educação do século 20”, que coloca o aluno no centro da aprendizagem, mas o novo paradigma da Educação não é nenhum desses dois. “Nós estamos no paradigma da Comunicação, o centro é a relação, é o vínculo, a aprendizagem significativa”, provoca.

Segundo ele, o que vemos em sala de aula hoje são paliativos que usam a palavra “inovação” para inserir a tecnologia no modelo tradicional de aula, quando isso deveria ser rompido. “O problema é exatamente colocar computadores, ou lousa digital, por exemplo, em uma sala de aula. Não serve para nada. Saiu há pouco um estudo na Inglaterra que mostrou que 20 anos de lousa digital não mudou nada. PowerPoint, a mesma coisa. Saiu agora outro estudo, não serve para nada. Por que nós estamos a fazer paliativos do mesmo modelo?”

Então, como mudar o modelo na prática? “As tecnologias digitais da informação e da comunicação fazem sentido na Educação 4.0, 5.0. É na relação, é na

comunicação, não é centrado no professor em sala de aula, nem no aluno. O protagonismo juvenil tem que ser desenvolvido, mas com os outros. Eu existo porque tu existes”.

BNCC

Sobrou até para a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). “A Base Nacional que está aí é ilegal, não serve para nada. Tem uma introdução que é maravilhosa, fala de competências do século 21, desenvolvimento socioemocional, fala de habilidades, fala de Educação integral. Mas é só a introdução, porque a prática, a base, é o contrário da introdução”, disse José Pacheco.

Para ele, o problema está na imposição dos conteúdos que devem ser ensinados e no modelo tradicional de organização dessa aprendizagem. “Se eu quiser saber o que é raiz quadrada, eu coloco no Google, em 5 minutos ele me ensina. Porque eu quero saber, é significativo, faz sentido, eu preciso. Toda aprendizagem parte da necessidade, do problema, e não do professor, nem de uma Base Curricular que é currículo imposto e prescrito”.

O educador dá um exemplo: “Uma menina fica preocupada ao ler um artigo de uma revista norte-americana, uma menina de 9 anos que dominava perfeitamente o inglês. Estou a falar do Projeto Âncora, no Brasil. Ela interessa-se pelo artigo e pede para a tutora ajudá-la a fazer um projeto para ver se é possível vida humana em outros planetas. Porque é isso que a NASA está a fazer. A procurar planetas onde seja possível o ser humano viver quando a Terra já não tiver solução para a nossa existência. Então a criança de 9 anos fez um trabalho duplo. Primeiro, perceber se é possível evitar a catástrofe. O buraco de ozônio está a aumentar, a Amazônia está a ser destruída, a água do mar está subindo. Ela fez esse estudo de sustentabilidade da vida humana na Terra, mas simultaneamente a essa dimensão do currículo, ela foi estudar a possibilidade de vida em outros planetas. Essa menina fez 13 anos, e há 6 meses, foi convidada pela NASA e foi para Washington com o seu projeto, e neste momento está numa nave espacial norte-americana à volta da Terra. Isso é o paradigma da Comunicação, a Educação 5.0, um currículo significativo”.

16 hábitos para aprender e desenvolver ao longo da vida escolar

Pesquisadora neozelandesa Karen Boyes discute hábitos e pensamentos que melhoram a nossa relação interpessoal e que podem ser trabalhados na escola

POR: Vinicius de Oliveira, do Porvir | 10 de Junho | 2019



Crédito: Getty Images

Que atitudes as crianças devem tomar quando não se deparam com um fato novo ou um problema que não encontram referência nos livros ou experiências anteriores? E se as respostas não forem sequer conhecidas? Karen Boyes, pesquisadora neozelandesa, que esteve no Brasil no último mês de abril para evento com pais de estudantes da Escola Concept, onde explicou como eles podem apoiar as crianças a lidar com os altos e baixos da vida escolar, lidar com frustrações e encontrar o próprio caminho.

Karen é associada ao Instituto Habits of Mind, uma organização ligada à Universidade de Harvard (Estados Unidos), fundada por Bena Kallick e Arthur Costa, pesquisadores que estudaram o comportamento e pensamentos comuns a pessoas bem-sucedidas, como artistas, atores, cientistas e executivos até chegar aos 16 hábitos da mente.

Da mesma forma que as Competências Gerais da BNCC (Base Nacional Comum Curricular), os hábitos promovem o entendimento e a busca pelo raciocínio criativo, a perseverança e a inteligência emocional. Como resultado, crianças de 5, 7, 10 anos, manifestam tanto na escola quanto em casa melhorias significativas em suas relações interpessoais e a forma como lidam com os problemas.

Abaixo, os principais trechos da conversa:

Como um professor pode praticar com seus alunos

Karen lembra que sempre que são perguntados sobre quais habilidades gostariam que as crianças desenvolvessem, tanto pais quanto professores provavelmente dizem que seria bom que elas nunca desistam; que sejam capazes de encontrar novas maneiras de resolver problemas; que saibam ouvir; que sejam respeitadas; e se divirtam. Essas características estão representadas pelos hábitos da mente.

Segundo Karen, professores podem ensinar a criança em sala de aula como desenvolvê-los. No caso do controle da impulsividade, por exemplo, pode-se adotar a analogia do sinal de trânsito para ajudar o estudante a imaginar as consequências de seus atos. A leitura da situação corresponde à luz vermelha e demanda parar. Antes de fazer qualquer coisa, pense (amarelo). E só então agir (luz verde).

Preparação para o futuro

Com regras de trabalho cada vez mais flexíveis em todo o mundo, segundo Karen é necessário que os estudantes aprendam a adaptar seu comportamento e hábitos como autorregulação são essenciais. No caso do trabalho autônomo, uma tendência no Brasil puxada pela atual crise financeira, demonstrar autorregulação se faz sempre necessário, pois ninguém fiscaliza horários e prazos. Nesta situação, é cada vez mais importante saber quando é necessário rever uma abordagem para cumprir tarefas, seja trabalhando menos, mais ou adotando uma estratégia não prevista no início.

Diante de mudanças constantes e cada vez mais rápidas na natureza das profissões, a função de uma escola passa a ser a de oferecer maneiras de agir e pensar diante do desconhecido. Para isso, lembra ela, existem metodologias ativas como a aprendizagem baseada em projetos, que permitem encontrar soluções a partir do conteúdo que foi aprendido, mas de modo prático.

Ajudar sem proteger demais

O professor Arthur Costa, pesquisador dos hábitos da mente, diz que a escuta com compreensão e empatia é a rainha dos hábitos da mente. E se todos pudessem ouvir uns aos outros, o mundo não seria um lugar diferente para entender outro ponto de vista, mesmo sem ter que concordar? Não há problema com pessoas terem outros pontos de vista. O hábito sobre assumir riscos responsáveis, que é relacionado a tentar coisas novas, mostra que não há problema em cometer erros, porque é assim que aprendemos.

Ao invés de superproteção dos pais, é preciso desenvolver a resiliência, que por sua vez demanda administração da impulsividade e saber como pensar de maneira flexível diante de problemas. Esses hábitos ajudam as crianças a se tornarem mais bem-preparadas, aprender estratégias e se ajudar, mesmo quando demonstram vulnerabilidade. "E espero que os pais saibam que vai ficar tudo bem", disse.

Como avaliar o desenvolvimento

De acordo com Karen, "sempre podemos melhorar e nunca podemos dizer que somos os melhores". Escolas, no entanto, podem notar sinais de progresso com observação criteriosa e

autoavaliações em que as crianças explicam em quais situações adotam determinado hábito. Karen explica que elas podem usar como exemplo o trabalho de arte, em que dizem onde foram desafiadas e tiveram que persistir até considerar que obteve sucesso. Cabe ao professor oferecer as estratégias para que as crianças saibam identificá-los.

Confira a lista de 16 hábitos da mente:

1. Persistir: aderir e colocar mãos à obra; seguir até a conclusão e manter-se focado.
2. Gerenciar a impulsividade: pensar antes de falar ou agir; permanecer calmo quando desafiado; manter-se reflexivo e atencioso com os outros.
3. Escutar com compreensão e empatia: prestar atenção e não descartar pensamentos, sentimentos e ideias alheias.
4. Pensar de maneira flexível: ser capaz de mudar a perspectiva; considerar a sugestão de outros; gerar alternativas; e pesar opções.
5. Entender seus próprios pensamentos, sentimentos, intenções e ações.
6. Buscar a precisão: verificar se há erros; medir e analisar pelo menos duas vezes.
7. Questionar e levantar problemas; perguntar-se: "como eu posso saber?".
8. Aplicar conhecimentos prévios para novas situações: usar o que é aprendido; considerar o conhecimento e a experiência anteriores.
9. Pensar e comunicar-se com clareza e precisão: esforçar-se para ser claro e preciso ao falar e escrever para evitar desencontros.
10. Reunir dados por meio de todos os cinco sentidos.
11. Criar, imaginar, inovar: pensar sobre como algo pode ser feito de forma diferente do habitual; propor novas ideias.
12. Responder com curiosidade e fascinação.
13. Assumir riscos responsáveis: dispor-se a tentar algo novo e diferente, encarando o medo e assumindo ganhos e perdas.
14. Encontrar humor: rir de si mesmo.
15. Pensar em equipe, dispor-se a trabalhar com os outros e acolher suas contribuições e perspectivas.
16. Permanecer aberto ao aprendizado contínuo. manter-se orgulhoso e humilde o suficiente para admitir quando não se sabe algo.

Como aplicar na prática as competências socioemocionais

Entenda como as competências que guiam os aprendizados da Educação Básica se desdobram no dia a dia da escola

POR: Laís Semis | 11 de Maio | 2018



Trabalhar as competências socioemocionais ajuda a construir a confiança, aceitação e empatia nas crianças
Foto: Getty Images

"Não tenho nenhum talento especial, apenas uma ardente curiosidade", escreveu o físico Albert Einstein, autor da Teoria da Relatividade. Embora a citação não esteja diretamente relacionada com as atuais discussões educacionais, Oliver John, pesquisador da Universidade da Califórnia, em Berkeley, acredita que a essência dela pode dizer muito sobre as competências gerais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). "Não há dúvidas de que ele era muito inteligente, mas o ponto principal é que ele estava fazendo isso por meio de atributos positivos, como ser curioso e apaixonado por aprender e compreender fenômenos", disse Oliver na palestra "A Educação integral e as competências gerais como norteadoras da (re)elaboração de currículos", que aconteceu no Ciclo de Debates 2018, realizado pelo Instituto Ayrton Senna e Fundação Itaú Social.

Para Oliver, atributos como curiosidade são importantes não apenas na escola, mas na vida. Em linhas gerais, a ambição da Base em suas competências passa pela mesma premissa: mobilizar atitudes, valores, conhecimentos e habilidades que possam estimular as crianças em soluções criativas e criar uma sociedade socialmente mais justa e humana. Para isso, ela prevê não só competências de ordem cognitiva, mas também socioemocionais, que devem guiar o trabalho dos professores ao longo de toda a Educação Básica para o desenvolvimento integral dos estudantes.

"Mas como ensinar as competências socioemocionais? No que elas se diferem de ensinar Matemática ou Inglês?", questiona Oliver. Para ser um aprendizado efetivo e replicável, uma aula sobre respeito ou empatia não é suficiente. Ou um dia de atividades na escola anualmente. As crianças precisam colocar em prática em seu dia a dia e na interação com os outros.

Nesse contexto, os professores são modelos para as crianças, que observam, vivenciam e copiam essas atitudes. "As competências dos professores importam. Porque se eles estão praticando em sala de aula todos os dias e as crianças podem dizer: 'Ah, é isso que é empatia, eu posso fazer isso também'".

As situações de *bullying*, tão frequentes na escola, por exemplo, podem ser mudadas sob essa perspectiva. "A análise de casos de *bullying* diz que precisamos transformar os espectadores em defensores", diz Oliver. O exercício das competências socioemocionais pode tirá-los da posição de plateia passiva, e fazê-los se envolver ativamente no combate ao *bullying*. "Eles podem usar a empatia, serem responsáveis e assertivos, defender o que é certo e confrontar os 'brigões'", afirma.

Oliver John sugere uma divisão das competências em cinco eixos: **abertura ao novo** (que se desdobra em curiosidade para aprender, imaginação criativa e interesse artístico), **consciência ou autogestão** (determinação, organização, foco, persistência e responsabilidade), **extroversão ou engajamento com os outros** (iniciativa social, assertividade e entusiasmo), **amabilidade** (empatia, respeito e confiança) e **estabilidade ou resiliência emocional** (tolerância ao estresse, autoconfiança e tolerância à frustração). "Essas são competências realmente importantes para fazer mudanças em uma sociedade e em sua assertividade", considera o pesquisador de Berkeley.

Mas quem já se atreveu a se debruçar sobre a Base sabe: são 472 páginas, de uma leitura com muitos termos, conceitos e conteúdos que nem sempre são tão claros na maneira de serem transpostos para a sala de aula. Oliver, no entanto, se propôs a fazer esse exercício. Algumas competências são facilmente identificáveis, como por exemplo, a competência geral 9:

"Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza."

No texto é possível destacar os termos conectados à amabilidade (empatia, respeito e confiança): "exercitar a empatia", "diálogo", "resolução de conflitos", "cooperação", "promovendo o respeito ao outro", "acolhimento", "valorização da diversidade de indivíduos" e "sem preconceitos".

Outras competências, exigem um olhar mais atento, como é o caso da 2:

"Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para

investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas."

Termos conectados à curiosidade: "exercitar a curiosidade", "investigação", "reflexão", "formular";

Termos conectados à imaginação criativa (e, consequentemente, abertura ao novo): "imaginação e criatividade", "elaborar", "hipóteses" e "criar soluções";

Termos conectados à solução de problemas: "abordagem própria das ciências", "análise crítica", "resolver problemas" e "conhecimentos das diferentes áreas".

Olhando além do exercício feito pelo pesquisador, é possível consultar materiais que já apontam em detalhes esse desdobramento da BNCC considerando ano a ano da Educação Básica. Um deles é o guia "Dimensões e Desenvolvimento das Competências Gerais da BNCC", produzido pelo Movimento Pela Base em parceria com o Center for Curriculum Redesign (acesse aqui). Outra iniciativa é um portal produzido pelo Porvir em parceria com o Instituto Ayrton Senna e que dedicado exclusivamente às competências socioemocionais (confira neste link).

Mas esse trabalho de prática ativa das competências socioemocionais não se restringe aos professores. Se é por meio da observação e convivência que essas competências são desenvolvidas, essa precisa ser uma atitude de toda uma escola. Só assim as intervenções socioemocionais poderão se fortalecer e encontrar maior suporte. "E para isso precisamos formar os professores porque eles vêm de diferentes trajetórias e talvez possam não estar tão preparados para dar suporte para essas situações. Os adultos também precisam aprender essas competências".

Oliver acredita que, nesse processo, até mesmo os pais ou responsáveis devem ser atingidos. Ele dá o exemplo de um programa que é desenvolvido em algumas cidades da Califórnia chamado "Caixa de ferramentas socioemocionais". O projeto consiste no aprendizado de 12 ferramentas, como empatia, e as crianças levam esse material para casa para que os pais possam ajudar com as tarefas. "Parte da ideia é que esses materiais possam ser usados pelas crianças para alcançar as gerações mais velhas e incluí-los nessa iniciativa", conta Oliver. "A BNCC também é sobre respeito, direitos e responsabilidades. Isso significa que nesse longo documento não se incluem apenas competências específicas, mas também valores e objetivos que queremos para nosso sistema educacional", conclui o pesquisador.

Não precisamos escolher entre competências cognitivas e socioemocionais

Para a pesquisadora Rocio Garcia-Carrion, a chave está nas comunidades de aprendizagem e como vencer a resistência de alguns professores

POR: Soraia Yoshida | 12 de Julho | 2018



A pesquisadora Rocio Garcia-Carrion defende o acesso a pesquisas com evidências para a formação inicial dos professores
Foto: Ricardo Toscani

Para que um menino ou menina possa aprender e se desenvolver, precisa do professor, da família e da comunidade. E, nesse processo, o aprendizado cognitivo soma-se ao desenvolvimento das habilidades socioemocionais. "Não se trata de escolher entre cognitivo ou socioemocional", afirma a pesquisadora Rocio Garcia-Carrion, da Universidade de Deusto, em Bilbao, na Espanha. "Vamos trocar o "ou" pelo "e": cognitivo e socioemocional. A ciência da aprendizagem nos mostra que está tudo interligado".

Rocio é defensora do movimento das comunidades de aprendizagem, que engloba escolas em toda a Espanha, e vem sendo implantado com sucesso em algumas redes brasileiras de ensino público. A convite do Instituto Natura, que apoia as comunidades de aprendizagem com cursos à distância e formações, ela falou sobre sua experiência para professores. "A comunidade de aprendizagem coloca sua ênfase na participação das famílias dentro da comunidade", diz ela. "Sabemos que a aprendizagem das crianças se desenvolve em muitos espaços, através da interação social, com as pessoas que são importantes em sua vida. E a família é fundamental nesse processo".

Em seus estudos, como "Escolas como Comunidade de Aprendizagem: tomando possível a viabilidade não testada", publicado em agosto de 2016, Rocio comprovou como escolas que encaravam desafios enormes foram capazes de obter êxito e fazer a diferença. "Compreendendo que é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança, as escolas como comunidades de aprendizagem juntam todos para desenvolver uma compreensão comum do ethos da escola que promove educação de qualidade para todos", cita em seu artigo. Conclusões de casos de sucesso demonstram aos professores como implantar essas metodologias em sala de aula – e não "neuromitos", segundo a educadora. "Se as formações para os professores forem baseadas em teorias de pseudociências, neuromitos que não trazem benefícios claros para suas crianças, eles vão se tornar resistentes a novas ideias", garante.

Em um dos encontros dos quais participou com professores brasileiros, a discussão sobre teoria e evidência levou à experiência de alunos com a leitura do clássico literário "A Odisseia". Durante uma tertúlia literária dialógica, os alunos discutiram sua compreensão das agruras enfrentadas por Ulisses. Como é de praxe nas tertúlias, que promovem a construção coletiva de significado, os alunos e professor realizaram uma troca direta de opiniões e reflexões sobre a obra. "Os alunos compreenderam o sentimento de Ulisses de se sentir sozinho e como é possível ajudar amigos e amigas. E nessa discussão se desenvolvem competências socioemocionais, sentimentos de apoio e solidariedade que vão facilitar relações livres de violência, tudo isso sem renunciar à aprendizagem cognitiva", cita a pesquisadora. Veja a seguir os principais trechos da entrevista que Rocio Garcia-Carrion concedeu à NOVA ESCOLA:

Em seus estudos, você cita que família e comunidade têm uma grande influência no processo de aprendizagem de uma criança. De que forma podem melhorar o aprendizado?

A comunidade de aprendizagem coloca sua ênfase na participação das famílias. Os estudos comprovaram que existem algumas formas de participação das famílias no aprendizado que influem de maneira significativa no sucesso educacional. Quando falamos de uma escola enquanto comunidade de aprendizagem, o papel da família é essencial. E é um aspecto, muitas vezes, do qual a escola tradicional tem se descuidado. Sabemos que o desenvolvimento da aprendizagem dos meninos e meninas se produz em muitos espaços e na interação social, com as pessoas que são importantes em sua vida. Ao incorporarmos as famílias às aulas, organizando as classes como ambientes de aprendizagem dialógica, como grupos interativos, as famílias – mães, pais, irmãos, irmãs, avós, avós, todas as pessoas que se relacionam na casa com a menina ou menino – entram no diálogo do processo educativo.

A participação educativa das famílias foi a que mais influenciou para que as crianças tivessem uma aprendizagem maior, tanto em nível cognitivo quanto emocional e social. A família presente em um espaço de aprendizagem transmite valores, uma mensagem para as meninas e meninos de que a educação é importante.

No Brasil é frequente a discussão de que se um aluno tem dificuldades de aprendizagem, a causa poderia estar em uma família desestruturada. Será que nesse caso não estaríamos falando de comunidades desestruturadas? O que você pensa sobre isso?

O que sabemos é que a escola é um reflexo da sociedade, então se a aprendizagem está vinculada ao contexto, então nas localidades que têm dificuldades econômicas e sociais, habitualmente as famílias são o reflexo do que acontece nessas comunidades. Em comunidades cujo contexto é de pobreza ou desigualdade econômica, encontramos famílias em situação de desemprego e baixa alfabetização. Mas eu acredito que não devemos colocar o problema na família. Porque senão a tendência será a colocar a culpa no que a família não

possui, no que falta à escola. A orientação está em como transformar as dificuldades em possibilidades, recorrendo às palavras de Paulo Freire: "O que as comunidades fazem não é olhar para o problema, ou o déficit, e sim olhar para as possibilidades existentes". Famílias que possuem alguns integrantes analfabetos, quando participam de grupos interativos, dão início a uma transformação, de modo que essas famílias participam de seu próprio processo de Educação – transformando a relação educacional, em benefício das crianças, e também das próprias famílias. Em nossos estudos, mostramos com evidências científicas que essa transformação é possível.

Em um de seus estudos, há uma ênfase em como professores podem ser inspirados por histórias de sucesso. Mas não foi sempre assim? O que mudou para voltarmos a falar nesse ponto?

Muitos estudos já demonstraram que a qualidade do ensino influi diretamente no sucesso da aprendizagem das crianças. O problema é que, durante muitos anos, a formação que os professores recebiam na universidade não era baseada em evidências científicas. Nos países que demonstraram alcançar melhores resultados, a formação inicial dos professores apresentou melhoras porque estava baseada em evidências que haviam demonstrado ser melhores para a Educação. O professor precisa saber que a chave para o processo de aprendizagem de sucesso está nas interações com todas as pessoas que se relacionam com as crianças. Estamos falando de interações dialógicas que transformam o contexto baseadas no diálogo entre iguais e com pessoas muito diversas. E não, por exemplo, pensar no aprendizado baseado nos conhecimentos prévios para adaptá-lo e assim ensinar aos alunos. Percebe? É preciso que esses professores se formem com base nas melhores evidências que temos hoje e tenham acesso às investigações de maior impacto social e isso que lhes oferecemos nas universidades e também a formação permanente. Quando esses professores colocam o resultado dessas evidências em prática, a Educação só tem a ganhar, desde a formação do professor à aprendizagem dos alunos.

Você acredita que esse sucesso está ligado também ao fato de colocar os professores no lugar dos alunos nesse processo de aprendizagem?

Sabemos que muitas vezes os professores mostram resistência a essa mudança...

E como vencer essa resistência?

Em primeiro lugar, é preciso entender porque eles têm essa resistência. Durante anos, muitos professores participaram de formações em que se pregava uma teoria que eles tentavam aplicar em suas aulas, sem resultado. Há um foco muito grande nos resultados. E como vencemos as resistências? Demonstrando teorias, estudos e práticas baseadas em evidências bem-sucedidas. Nós mostramos aos professores uma evidência de que aquela metodologia funcionou em um grande número de escolas, qual o rigor com que o estudo foi aplicado, e os resultados. Com isso, nós comprovamos que muitos professores voltaram a se encantar com sua profissão. Como se promove esse reencanto? Através do diálogo que leva a

uma reflexão com os formadores, os pesquisadores e toda a comunidade que participa do processo educacional. Ao incorporar conhecimento científico nesse diálogo, permitimos que os professores possam refletir sobre o que estão fazendo agora e o que poderão fazer com esse conhecimento em sala de aula. Portanto, dialogar com base em uma teoria e ciência de aprendizagem que eles sejam capazes de aplicar e comprovar que funciona na prática. Há um movimento de professores nas redes internacionais de comunidades de aprendizagem.

Como as comunidades de aprendizagem de educadores funcionam na Espanha?

Os professores, diretores e pesquisadores se reúnem pessoalmente ou via internet no que chamamos de tertúlias pedagógicas dialógicas, nas quais eles discutem livros importantes para a Educação, como obras de Len Vygotsky, Jerome Bruner e Paulo Freire, um dos educadores mais influentes em todo o mundo. Durante esses encontros, eles discutem as teorias e relatam os resultados na prática. Dessa forma, eles podem melhorar sua própria prática em sala de aula com teorias e estudos que demonstraram um benefício verdadeiro para a Educação. Porque se eles se basearem em teorias de pseudociências, neuromitos que não trazem benefício para suas crianças, eles não vão querer participar, vão criar uma resistência maior.

Com a inserção das Competências Gerais na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como você acha que os professores podem introduzir essas competências no aprendizado dos alunos?

Nas comunidades de aprendizagem, nós entendemos que é possível que as crianças desenvolvam as competências linguísticas, matemáticas, o conhecimento cognitivo ao mesmo tempo em que aprendem as competências socioemocionais. Incorporar essas competências no currículo desde a implementação de atuações educativas bem-sucedidas vai trazer possibilidades enormes de êxito aos professores brasileiros de desenvolver mais seus alunos. Não temos porque seguir tendo que escolher entre competência cognitiva ou competência socioemocional. Podemos trocar o "ou" por "e" para que tenhamos competências cognitivas "e" competências socioemocionais.

A ciência da aprendizagem, a base da interação e da aprendizagem dialógica, nos mostra que uma pessoa não possui um lado só pensamento e outro só emoção. Tudo está interligado. As comunidades de aprendizagem nos dão essa possibilidade de desenvolver ao máximo todas as competências, transformando toda a escola, de acordo com os valores que damos às relações sociais, o que passamos quando queremos educar. Dessa maneira, poderemos ter uma sociedade em que as crianças podem viver o desenvolvimento dessas competências em todos os momentos de sua vida, em todos os contextos, seja na aula de Matemática, com os professores, no pátio com os colegas, em casa com suas famílias, enfim, em todos os espaços.

Por que você precisa da convivência democrática na sua escola

Pesquisa com mais de 8 mil alunos mostra que esse é um valor pouco vivenciado nas escolas e que merece mais atenção

POR: Adriano Moro | 07 de Outubro | 2019



Foto: Getty Images

Os resultados da Talis (Teaching and Learning International Survey), 2018, divulgados pela OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), apontam o Brasil como um dos países com índices mais altos de situações de bullying entre alunos. Os questionários foram aplicados para aproximadamente 250 mil professores e gestores escolares de 48 países.

Os dados mostram que 28% das escolas brasileiras que trabalham com os anos finais do Ensino Fundamental identificam, semanalmente, situações de intimidação ou bullying entre os estudantes – o dobro da média da OCDE. Além disso, episódios de intimidação ou agressões verbais contra professores são vivenciados semanalmente em mais de 10% das escolas brasileiras, enquanto a média internacional é de 3%.

A referida pesquisa, a partir de análise de dados comparáveis internacionalmente sobre as questões da aprendizagem e as condições de trabalho dos professores e diretores, aponta para um problema grave. Problema que está além das dimensões do ensino e da aprendizagem, das áreas cognitivas, como a Matemática, a Linguagem e as Ciências; e nos alerta para o valor da convivência entre crianças e adolescentes e deles com seus professores. Não temos dúvidas de que, em um ambiente onde a convivência é tóxica, hostil e autoritária, que as regras são impostas sem a possibilidade do diálogo e que as pessoas não se sentem pertencentes ao espaço, problemas de violência, como o bullying, vão se revelar.

A convivência, sobretudo a convivência ética e democrática, deve receber atenção especial não somente dos atores escolares – alunos, professores, gestores e funcionários –, mas também das políticas públicas que objetivam uma Educação de qualidade para todos. Tal qualidade consiste em considerar o estudante na sua plenitude, capaz de desenvolver suas competências e habilidades cognitivas, sociais, emocionais e morais. Entretanto, o que a Talis tem mostrado é que a convivência ética nas escolas brasileiras merece atenção.

Ao analisar os dados de uma investigação realizada na Fundação Carlos Chagas a respeito da adesão aos valores sociomoraís (justiça, respeito, solidariedade e convivência democrática), verificou-se que a maior parte dos alunos da Educação Básica de escolas públicas e privadas (a maioria do estado de São Paulo) apresentou respostas de forma favorável ao valor da convivência democrática. Entretanto, essas respostas foram em uma perspectiva social muito individualista (TAVARES E MENIN, 2015).

A pesquisa foi conduzida, principalmente, para verificar como os estudantes e professores têm se posicionado frente a situações hipotéticas do cotidiano que requerem reflexões e ações envolvendo os valores sociomoraís. No caso da convivência democrática, valor a ser tratado neste texto, investigou-se como as pessoas se posicionavam em relação às resoluções de um conflito coletivo. Ou seja, estariam os indivíduos aderindo ao valor investigado na pesquisa? Se o faziam, quais as motivações predominantes? Seria por interesse próprio, em cumprimento ao que a sociedade pontua como o "certo a fazer", ou de forma ética, considerando sua atitude como boa não somente para si próprio, mas para qualquer ser humano?

As questões sobre valores continham histórias que representavam o dia-a-dia da escola, da sociedade ou da família, sempre com cinco alternativas de respostas. Dessas, três eram pró-valor, ou seja, favoráveis ao valor investigado; e duas, contravalor, nas quais os respondentes se posicionavam contrários ao valor. E eles deveriam escolher somente uma das possibilidades de resposta.

Tais alternativas de respostas, indicando posições pró ou contra o valor, apresentavam também três graus de perspectivas sociais que demonstravam modos diferentes das pessoas aderirem ao valor. Por meio dessas perspectivas sociais, pudemos identificar as motivações pelas quais as pessoas assumiam seus posicionamentos: mais egocêntrico (a pessoa age ou pensa levando em conta somente seu próprio ponto de vista ou suas necessidades); sociocêntrico (as ações estão muito presas às expectativas do que a sociedade espera que se faça, bem como voltadas ao seu círculo social ou familiar); até um posicionamento mais descentrado ou moral (a pessoa já não se vê como o centro de tudo, nem age apenas em função do que a maioria lhe diz para fazer, mas amplia suas perspectivas, se colocando no lugar de todo e qualquer ser humano).

As histórias que compuseram as questões para avaliar a adesão à convivência democrática traziam em seu conteúdo situações de conflitos, discórdia ou de tomadas de decisão coletivas e, no final do enunciado, perguntava-se o que a pessoa da história deveria fazer.

É importante destacar que o valor da convivência democrática requer a participação ativa das pessoas, por meio da troca dialógica, nas escolhas e decisões que têm implicações na sua vida social e coletiva, assim como na discussão e elaboração de regras, normas e leis que as regulem. Nesse sentido, podemos pontuar que uma pessoa democrática é a que aceita e incentiva a participação de todos os envolvidos nas decisões que os tocam, repudiando soluções tomadas de forma autoritária.

Os resultados revelaram que 88% das crianças e 78% dos

adolescentes (do total de cerca de 8.500 alunos participantes) apresentaram respostas favoráveis ao valor. Contudo, com uma adesão egocêntrica – muito centrado em si mesmo, levando em conta somente o que é bom para ele próprio, sem considerar as outras pessoas.

Em outras palavras, tais alunos até demonstraram uma tendência a buscar meios de resolução de conflitos coletivos de forma mais dialógica, mas, principalmente, para evitar consequências negativas para si (punição) ou em busca de uma consequência positiva individual. Por exemplo: a manutenção da boa imagem, a manutenção de vínculos pessoais ou o favorecimento daqueles que julga merecedores. No limite, podemos considerar que, a partir desses resultados, o valor de se conviver democraticamente, numa perspectiva ética, se revelou pouco experienciado no cotidiano escolar em que a pesquisa ocorreu.

Ao tratarmos da qualidade da Educação, algumas indagações deveriam permear as ações pedagógicas da instituição educativa, seja ela qual for: que ser humano se pretende formar e educar? Estaria a escola auxiliando na construção de uma personalidade ética, de um indivíduo que privilegie as reflexões morais em suas decisões e ações para consigo próprio e para com os demais cidadãos? Que cidadão a escola almeja formar para a sociedade que tanto queremos: justa, democrática, solidária e respeitosa?

Não são questões simples, mas é preciso tê-las no horizonte de nossas ações como educadores e interpretar os resultados acima levando em conta tais reflexões. É preciso agir no sentido de propor ações e intervenções organizadas, intencionais e sistemáticas para que a convivência seja um valor na relação com o outro (VINHA, NUNES, SILVA, VIVALDI, MORO, 2017).

Embora os estudantes tenham apresentado respostas que, na sua maioria, revelam uma adesão ao valor de convivência democrática, tais adesões podem estar representando uma perspectiva ilusória da moralidade. Isso porque o interesse próprio e as ameaças de possíveis punições os fazem deixar de considerar o outro. Evidencia-se, portanto, respostas que são convenientes aos indivíduos, com tendências individualistas, egocêntricas e até mesmo egoístas do que seria "o certo a fazer".

É fundamental que a escola se atente às questões da convivência, mas não qualquer uma, e sim a convivência democrática, de cunho moral. Faz-se urgente que os valores morais sejam revisados, e que haja ações planejadas e periódicas para a resolução dos conflitos.

Os conflitos não podem ser vistos como "só coisa de criança ou adolescente", devemos discuti-los construtivamente, propondo soluções que beneficiem a todos os atores escolares.

***Adriano Moro é doutor em Educação pela Unicamp e mestre em Psicologia da Educação pela PUC-SP. Ele é pesquisador do Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas – (FCC) e integra o Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Moral (Gepem), da Unicamp/Unesp**